

guiafolha



João Gomes, que canta na av. Paulista no dia 31
Bruno Santos/Folhapress

Toffoli deve mirar atuação do BC em acareação sobre Banco Master

Ministro negou pedido da PGR para suspender audiência; para juristas, ação é inoportuna

A acareação sobre o Banco Master convocada pelo ministro Dias Toffoli, do Supremo Tribunal Federal, deve ter como um de seus focos a atuação do Banco Central no caso, com potencial de levar a instituição financeira para o centro da investigação.

O magistrado convocou Daniel Vorcaro, dono do Master, Paulo Henrique Costa, ex-presidente do BRB (Banco de Brasília), e Ailton de Aquino, diretor de Fiscalização do BC, para uma audiência no dia 30 de dezembro, em pleno recesso do Judiciário.

Toffoli teria indicado a seu gabinete que pretende esclarecer quando o BC soube das suspeitas sobre as operações do Master e como fiscaliza o mercado de títulos bancários, para determinar eventuais responsáveis por falhas ao longo do processo.

A Procuradoria-Geral da República pediu a suspensão da audiência, afirmando que os depoimentos individuais ainda não foram colhidos, mas o ministro negou. Advogados criminalistas classificam a ação como estranha e inoportuna. **Mercado A12**

COMO PASSAR A VIRADA EM SÃO PAULO

Seleção de Ano-Novo na capital tem shows e programação especial em bares e hotéis **B9**

ilustrada

Música em 2025 teve espanhol ofuscando os hits em inglês **B4**

35% dos brasileiros se identificam com a direita, e 22%, com a esquerda

Pesquisa Datafolha mostra que 35% dos brasileiros se classificam à direita do espectro político, e 22%, à esquerda. Outros 17% dizem se alinhar ao centro.

O levantamento mostra ainda um país polarizado, com 40% dos entrevistados se dizendo mais alinhados ao petismo, e 34% ao bolsonarismo. **Política A9**

Bolsonaro passa bem por cirurgia de hérnia, e médicos tratarão soluços **A10**

Congresso derruba metade dos vetos de Lula desde 2023

O Congresso Nacional derrubou 43 dos 87 vetos de Lula (ou 49%) desde que o petista assumiu, em 2023, proporção inédita em duas décadas. O dado reforça um novo padrão de governabilidade, com tendência de perda de controle de agenda pelo Executivo, afirmam especialistas. **Política A6**

Morre Tainara, que foi arrastada por 1 km por vias de SP

Após 25 dias de internação, a mulher que foi atropelada e arrastada por um quilômetro até a marginal Tietê morreu na quarta (24). Sua mãe diz que “a dor é enorme”, mas “agora é pedir por justiça”. O réu pelo crime, Douglas Alves, deve passar a responder por feminicídio consumado. **Cotidiano A26**



Bruno Martins/Agência Enquadrar/Folhapress

Calor intenso dispara alertas e bate recorde no Natal

Praia do Arpoador, na zona sul do Rio, lotada na tarde de ontem; São Paulo registrou o dia mais quente do ano, com 35,9°C **Cotidiano A27**

cotidiano

MORRE ATRIZ TEUDA BARA, DO GALPÃO

Intérprete mineira ajudou a democratizar arte levando peças à praça pública **A28**

Em 1 ano, polícia resgata 54 vítimas de tráfico de pessoas

Em um ano, centro de combate ao tráfico de pessoas nas Américas, chefiado pela PF, resgatou 54 vítimas, incluindo mulheres e crianças, e prendeu 78 suspeitos em lugares como Brasil, Haiti e Europa. **A24**

Dois jovens com notebook roubaram R\$ 800 mi, diz PF

Andrei Rodrigues, diretor-geral da Polícia Federal, disse que bastou um notebook para dois jovens realizarem o maior furto a banco da história do país: R\$ 813,79 milhões de contas mantidas junto ao BC. **A15**

Priscilla Bacalhau

Ainda precisamos de cotas raciais? **A3**

Suzana H. Houzel

O novo joguinho da neurocientista **A30**

Isabelle Moreira Lima

Um champanhe para chegarmos a 2026 **B12**

Violência de gangues avança no Haiti e expõe fracasso das forças estatais **A23**

EDITORIAIS **A2**

Força relativa de Lula, fragilidades da esquerda Sobre cenário de polarização política em pesquisa do Datafolha.

Ajustes no Smart Sam-pa Acerca de um ano do programa de monitoramento por câmeras na cidade de SP.

JHSF
SURPREENDENTE

ÚNICO AEROPORTO
INTERNACIONAL
PRIVADO DEDICADO
À AVIAÇÃO EXECUTIVA
NO PAÍS

**SÃO PAULO
catarina**
aeroporto
executivo
internacional

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Força relativa de Lula, fragilidades da esquerda

Datafolha mostra que polarização se mantém entre 40% de identificados com o petismo e 34% com o bolsonarismo, mas direita leva vantagem de 35% a 22% nas preferências ideológicas do eleitorado

A polarização que marca a política nacional nos últimos anos sobrevive aos reveses de seus líderes —ou talvez até se acentue com eles. Preso em 2018, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) manteve capital eleitoral suficiente para mandar o correligionário Fernando Hadad ao segundo turno da disputa pelo Planalto. Com as condenações por corrupção anuladas pelo Supremo Tribunal Federal, ressurgiu vitorioso em 2022 e hoje, mesmo desgastado, lidera as pesquisas sobre o próximo ano. Cumprindo pena por tentativa de golpe de Estado, Jair Bolsonaro (PL) preserva o protagonismo. Segundo levantamento recém-concluído pelo Datafolha, 34% dos brasileiros aptos a votar se identificam com o bolsonarismo,

parcela não muito diferente dos 37% verificados em julho, antes da condenação pelo STF. Declaram-se mais próximos ao petismo 40% dos entrevistados, cifra similar aos 39% de julho. Tudo somado, três quartos dos brasileiros mantêm a preferência por um dos polos; no quarto restante, 18% se dizem neutros, 6% não apoiam o PT nem Bolsonaro e 1% não soube responder. Não por acaso, candidaturas presidenciais competitivas de centro não estão no horizonte. Há razões para acreditar que a modesta vantagem petista na sondagem está mais associada à força relativa de Lula do que a inclinações partidárias ou ideológicas do eleitorado. Afinal, não mais do que 22% dos brasileiros se declaram de esquerda, e mais

7%, de centro-esquerda. Nessa comparação, a direita leva vantagem considerável, escolhida por 35% dos votantes, além de 11% que marcam a centro-direita. Posicionam-se ao centro outros 17% dos entrevistados. Eleições legislativas, estaduais e municipais corroboram historicamente opções mais conservadoras da população. No plano nacional, o movimento direitista mais recente foi outra aposta na polarização: o lançamento da pré-candidatura presidencial do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do ex-presidente, que, se levada adiante, terá o potencial de inibir outros postulantes do mesmo campo político. Há dúvidas, de todo modo, quanto a essa hipótese. Uma eventual disputa entre

Eventual disputa entre o presidente e Flávio, que seria a 3ª consecutiva entre o PT e o bolsonarismo puro-sangue, convém a ambos, cada qual podendo se amparar na rejeição ao oponente. A tarefa de governar, porém, fica problemática

Lula e Flávio, opondo pela terceira vez consecutiva petismo e bolsonarismo puro-sangue, seria também um duelo de rejeições. Segundo o Datafolha, 44% declaram não votar no atual presidente em nenhuma hipótese, enquanto 38% disseram o mesmo sobre o senador —percentual que tende a se aproximar dos 45% atribuídos ao pai. É uma situação que convém a ambos, cada qual podendo se amparar na repulsa ao oponente, porém problemática para a governabilidade. De um lado, uma revanche de radicais justamente condenados por golpismo rechaçado pela sociedade e pelas instituições; de outro, uma esquerda minoritária que cada vez mais se agarra a um populismo orçamentário insustentável.

Ajustes no Smart Sampa

Após um ano de funcionamento, eventuais distorções no programa de reconhecimento facial precisam ser avaliadas e sanadas em prol de resultados positivos como ferramenta de política pública em segurança

A partir de dezembro de 2024, a cidade de São Paulo juntou-se a outras metrópoles do mundo, como Londres e Xangai, que implantaram sistemas de câmeras de reconhecimento facial no espaço urbano como ferramenta de política em segurança pública. Trata-se de uso inescapável da tecnologia, mas seus resultados exitosos exigem critérios técnicos de aplicação, protocolos rigorosos de armazenamento de imagens e de abordagens policiais, além de transparência das suas regras de funcionamento e de dados relativos aos resultados. Após um ano, o Smart Sampa conta com 40 mil câmeras em

funcionamento na capital paulista. A verba destinada ao programa, maior bandeira do prefeito Ricardo Nunes (MDB) no setor, foi de R\$ 45,2 milhões, e a gestão municipal pretende aumentá-la a R\$ 240,6 milhões no Orçamento de 2026 que ainda será votado pela Câmara de Vereadores. Levantamento da Folha mostra algumas distorções. Regiões que lideram em ocorrências de roubos neste ano, como Capão Redondo e Campo Limpo, receberam menos recursos e câmeras do que outras com melhores indicadores nesse tipo de crime. Dos cerca de R\$ 7,7 milhões distribuídos mensalmente às subprefeituras para funcionamen-

to do programa e manutenção de câmeras, a da Sé recebe a maior fatia (R\$ 1,1 milhão) e tem a maior quantidade de dispositivos (2.200, 11,2% do total). Já a subprefeitura de Campo Limpo tem verba de R\$ 373,5 mil e 1.144 câmeras. A prefeitura afirma que segue critérios técnicos na alocação de recursos que vão além dos índices de criminalidade, como fluxo de pessoas e veículos e presença de equipamentos públicos municipais (com escolas e postos de saúde) —o que explicaria o montante destinado à Sé, na região central da capital. Com tão pouco tempo de funcionamento, é natural que haja problemas no Smart Sampa, mas

O sistema ajudou a prender 2.278 foragidos e 3.445 criminosos em flagrante. Mas algumas regiões líderes em roubos receberam menos verbas e câmeras do que outras com melhores indicadores

eles precisam ser monitorados, avaliados e corrigidos. Num caso recente, uma funcionária de um Centro de Atenção Psicossocial (Caps) na zona norte foi abordada pela polícia após ser identificada pelo sistema e, por sorte, conseguiu provar no local que não era a pessoa procurada. Falhas devem ser sanadas em prol dos resultados positivos. Neste mês, dois dos suspeitos de roubo de obras de arte da biblioteca Mário de Andrade foram presos após identificação pelo Smart Sampa —que, segundo a gestão municipal, auxiliou na detenção de 2.278 foragidos e 3.445 criminosos em flagrante e na localização de 119 pessoas desaparecidas.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
EDITOR-EXECUTIVO Vinicius Mota
CONSELHO EDITORIAL Candido Bracher, Demétrio Magnoli, Dora Kramer, Mônica Bergamo, Maria Alice Setubal (Neca), Oscar Vilhena, Paulo Junqueira Moll, Vera Iaconelli, Vinicius Mota, Wilson Gomes, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), Marcelo Benez (comercial), João Cestari (tecnologia), Alexandre Bonacio (financeiro, planejamento e novos negócios), Luciana Pandolfi (recursos humanos)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR BDO)
877.134 - Fechamento 1º Semestre de 2025
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Cláudio de Oliveira



COLUNISTAS

SÃO PAULO

Já há tecnologia para acabar com as prisões?

Hélio Schwartsman

Abolicionistas penais vivem no melhor e no pior dos mundos. Eles têm vida fácil na hora de produzir argumentos em favor da extinção (ou forte redução) das penas de prisão.

Mesmo punitivistas empedernidos concordarão que o sistema penal é caro, ineficiente (raramente leva à ressocialização) e causa danos que vão além da pessoa do condenado (suas famílias).

No caso brasileiro, dá para acrescentar que o sistema funciona como departamento de RH de organizações criminosas, já que é nas penitenciárias que elas recrutam seus membros.

Os abolicionistas enfrentam dificuldades quando precisam indicar como sancionáramos as pessoas que adotam comporta-

mentos antissociais. Ao menos nos modelos matemáticos, sociedades só são estáveis quando coíbem aproveitadores.

Se a maioria concorda que uma multa é sanção razoável para quem estaciona em fila dupla, poucos ficarão satisfeitos com multas para punir assassinos. Ao menos para esses casos mais graves, não parece haver nada que substitua a prisão.

Existem situações em que o próprio crime já insinua uma pena adequada. Corruptos, por exemplo, tendem a ser pessoas gananciosas. Uma boa forma de castigá-las, portanto, é deixando-as pobres. Caso o corrupto seja político, inabilitá-lo para exercer cargos públicos é uma boa sanção complementar.

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Isso ainda é pouco, dirão alguns. Eu não sou particularmente sádico. Ficaria satisfeito com esse tipo de sanção até para homicídios. Mas, para quem discorda, abolicionistas penais contemporâneos como Mirko Bagaric defendem que já há tecnologia para levar a prisão ao condenado em vez do condenado à prisão.

São artefatos inteligentes semelhantes às tornazeleiras eletrônicas, mas programados para limitar as áreas e horários em que os apenados podem circular e as atividades que podem exercer. Também permitiriam ao agente penitenciário acionar remotamente câmeras, para checar o entorno.

É só assegurar que os criminosos não tenham acesso a ferros de solda.

Ainda precisamos de cotas raciais?

Resistência à política na sociedade está associada à dificuldade de reconhecer os sinais desse racismo sistêmico

Priscilla Bacalhau

Doutora em economia (FGV), é pesquisadora de políticas públicas, avaliação e desigualdades em educação. Escreve às sextas

Controvérsias sobre as políticas de cotas sempre voltam ao debate público. Apesar das evidências a favor das ações afirmativas, a discussão rotineiramente é capturada pela já hiperpolarização política. É isso que parece estar ocorrendo em Santa Catarina no âmbito institucional.

Em pleno Dia Internacional dos Direitos Humanos, no último 10 de dezembro, a Assembleia Legislativa do estado aprovou um projeto de lei que proíbe cotas raciais em universidades estaduais e em instituições de ensino que recebem recursos públicos estaduais. A proibição valeria tanto para ingresso de estudantes quanto para contratação de servidores.

Se sancionado pelo governador, o projeto deve enfrentar resistência jurídica. Entidades como o Ministério Público e a Defensoria Pública do estado já se manifestaram sobre a necessidade de analisar a constitucionalidade da medida, e o Supremo Tribunal Federal deve ser acionado se o projeto de fato for aprovado.

Este movimento em Santa Catarina ocorre quase concomitantemente ao reconhecimento pelo STF das graves violações contra a população negra, no último dia 18. A decisão da corte aponta para a necessidade de que o governo revise o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial para combater o racismo institucional no país. Entre as diretrizes indicadas pelos ministros está a formulação

de ações para evitar a baixa efetividade das cotas como mecanismo de acesso a oportunidades de educação e emprego.

Em comparação com políticas baseadas exclusivamente em critérios socioeconômicos, a nossa Lei de Cotas é mais efetiva na diversificação racial das salas de aula de nível superior

O entendimento do STF de incluir as cotas raciais como estratégia para combater ao racismo institucional é coerente com as evidências. As cotas existem para promover reparação histórica com populações que foram sistematicamente privadas de acesso à educação e tantos direitos. Mas seu papel vai além: ações afirmativas contribuem para reduzir desigualdades sociais e raciais existentes hoje, consequências dessa privação histórica e do racismo estrutural.

A resistência à política por parte da sociedade está associada, em certa medida, à dificuldade de reconhecer os sinais desse racismo sistêmico, que está impregnado nas leis, práticas institucionais e normas sociais. A Lei de Cotas nacional, de 2012, nunca foi imune a estes questionamentos.

Contudo, a literatura empírica aponta para efeitos positivos no principal resultado esperado da política: aumentar o ingresso de pessoas negras, indígenas e egressas da educação básica pública no ensino superior. Os impactos são mais fortes nos cursos mais seletivos e se dão não somente via reserva de vagas, mas também porque os grupos historicamente excluídos passaram a buscar mais o acesso à universidade, uma vez que agora enxergam a possibilidade.

Em comparação com políticas baseadas exclusivamente em critérios socioeconômicos, a nossa Lei de Cotas é mais efetiva na diversificação racial das salas de aula de nível superior. Ninguém nega a relevância do fator econômico nas barreiras de acesso, nem a própria legislação federal, que reserva metade das vagas para estudantes de escolas públicas, subdivididas por renda e critérios raciais. O que os estudos mostram é que, sem critérios étnico-raciais explícitos, algumas desigualdades persistem.

BRASÍLIA

Lula critica, mas cede ao Congresso

Dora Kramer

Mobilizações populares são bem-vindas, úteis e diria mesmo indispensáveis quando é o caso defender a legalidade, preservar ou reivindicar direitos ou protestar contra abusos do poder público em quaisquer instâncias da República.

Mas há sempre o risco de a massa se prestar a manobras de cunho político/eleitoral. Convém, portanto, aos frequentadores desses eventos cívicos avaliar se os legítimos pleitos estarão ou não a serviço de um grupo específico.

Isso, claro, se não estiverem embarcando na canoa por gosto e de modo consciente.

A cobrança por correção de rumos nas condutas dos atuais congressistas se inscreve no rol das demandas mais que justificadas.

O Congresso merece, sim, reprimendas. Não é aceitável que a Casa onde se fazem as leis desrespeite ordens judiciais. Bem como é inadmissível que ali se avance nos recursos públicos para fins individuais sem prestar as devidas contas.

Tampouco é admissível que no exercício da representação popular se façam votações na madrugada, enquanto o país dorme, muito menos que se legisle em causa própria.

Deputados e senadores têm gabaritado a lista de desvios. Mas se há fundamento na revolta dos apresentados, há também um quê de ingenuidade na adesão à ideia de que o Legislativo é inimigo e o Executivo um amigo do povo.

O excesso de credulidade faz

mal ao discernimento. O presidente não usou um grão de sua celebrada habilidade política para reorganizar a relação com o Parlamento. Na campanha de 2022, Lula prometeu que faria isso na base do diálogo, mas no governo ficou claro que levou o eleitorado na conversa.

Enquanto no palanque Lula considera o avanço das emendas “um erro histórico”, no Palácio aceita sem ensaiar reação o aumento do valor delas de R\$ 50 bilhões para R\$ 61 bi no Orçamento —segundo ele, “sequestrado” pelo Congresso.

Sequestro ao qual se aliou no acordo para aprovação da redução de penas a golpistas em troca de folga fiscal de R\$ 22 bilhões para acomodar as contas.

RIO DE JANEIRO

Fumar é estúpido

Ruy Castro

Semana passada, numa roda de amigos, pronunciei uma frase que nunca pensei dizer: “A coisa mais estúpida que fiz na vida foi fumar”. E só então me dei conta de que estava diante de meus três ou quatro únicos amigos ainda fumantes. Temi tê-los magoado. Eram pessoas com quem, no passado, eu havia fumado. E, de repente, essa contundente declaração de culpa podia dar a entender que, sem querer, eu os estava chamando de estúpidos. Mudei de assunto rapidinho.

Fumei com tranquilidade durante 37 anos, dos 19 aos 56, e parei em janeiro de 2005. O motivo foi um câncer na garganta. A intenção de parar, assim que ouvi o diagnóstico do dr. Jacob Kligerman, foi um simples exer-

cício da razão —por que continuar usando algo que me fazia mal? Mas será que conseguiria? Talvez. Por ter também parado de beber, em 1988, sofrendo os rigores de uma internação, eu sabia como o organismo iria reagir à interrupção do fornecimento de nicotina. Ele não iria gostar nem um pouco.

A provar que a dependência é mais forte do que o medo da morte, naquele dia ainda fumei um cigarro. No dia seguinte, outro. Para quem consumia mais de 20 Marlboros por dia, isso detonou uma severa síndrome de abstinência —fissura, ansiedade, insônia, a busca automática pelo maço que já não estava no meu bolso ou ao lado do computador. A cada vez, eu me dizia: “Não, este

cigarro eu não vou fumar. Quem sabe, daqui a pouco?” E, dali a pouco, a mesma atitude. No terceiro dia, a síndrome chegou ao auge, mas me segurei, sem saber que, na véspera, eu tinha fumado meu último cigarro. E confiava em que o organismo se rendesse e aprendesse a viver sem nicotina. Foi assim —e assim é até hoje, sem uma só recaída.

Para quem não sabe, um dos efeitos imediatos de parar de fumar é, por algum tempo, uma tosse renitente. Parece irônico, mas ela é provocada pela autolimpeza que os seus pulmões estão fazendo, botando para fora o lixo que você depositou neles.

O assunto parar de fumar talvez me renda novas baforadas neste espaço.

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

EUA repetem bloqueio imperial à Venezuela sob nova roupagem

Entendimento jurídico-político em 1902 entrou para a história como Doutrina Drago, que influenciaria princípios incorporados ao sistema das Nações Unidas

Wagner Menezes

Professor de Direito Internacional da Faculdade de Direito da USP

“A história se repete, a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.” A célebre formulação, atribuída ao diálogo de Karl Marx com Hegel em “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”, exprime a ideia de que os grandes acontecimentos históricos não se reproduzem de forma idêntica, mas retornam como encenações empobrecidas de si mesmos. A atual política de cerco dos Estados Unidos à Venezuela parece confirmar essa advertência.

O cenário que ora se desenha na América Latina não é novo. Ele resgata práticas do passado que o Direito internacional, em sua formulação teórico-normativa, buscou enfrentar compondo parte da tradição doutrinária latino-americana responsável por consolidar um entendimento regional acerca da condução da política externa diante de ações hegemônicas.

Em dezembro de 1902, países europeus impuseram um blo-

queio naval à Venezuela com o objetivo de forçar o pagamento de dívidas externas e indenizações. Como manifestação de solidariedade regional, o chanceler argentino Luís María Drago sustentou, em nota diplomática, que nenhum Estado estrangeiro poderia empregar a Força Armada para cobrar dívidas de outro Estado soberano.

Tal posicionamento repercutiu no plano regional, conformando um entendimento jurídico-político que entrou para a história como a “Doutrina Drago” e que, posteriormente, influenciaria a edificação de princípios incorporados ao sistema das Nações Unidas.

A Doutrina Drago não surgiu como mera retórica, mas como uma reação jurídica e política à prática imperial. Suas bases assentam-se na solidariedade regional, na igualdade soberana dos Estados, na rejeição da coerção armada e na defesa da autonomia das nações latino-americanas frente ao imperialismo.

Mais de um século depois, em um contexto histórico e político distinto, observa-se a repetição do enredo sob novas roupagens. O discurso da defesa da democracia e do combate ao narcotráfico substitui o argumento da cobrança de dívidas, mas o método permanece essencialmente o mesmo: pressão econômica, isolamento internacional, arresto de navios, ameaça e o uso da força.

Ainda que seja possível condenar o regime de Nicolás Maduro por múltiplos ângulos, como a erosão democrática, a repressão política, a deterioração institucional e a grave crise humanitária que afeta a população venezuelana, não se pode legitimar que outro Estado arrogue para si um salvo-conduto para atacá-lo e impor bloqueios que corroem os princípios estruturantes da sociedade internacional. Trata-se de uma conduta ilegal, que deve ser enfrentada nos foros multilaterais adequados.

A crítica às ações norte-ame-

Ainda que seja possível condenar o regime de Nicolás Maduro por múltiplos ângulos, como a erosão democrática, a repressão política e a grave crise humanitária que afeta a população, não se pode legitimar que outro Estado arrogue para si um salvo-conduto para atacá-lo

ricanas não implica a defesa de regimes autoritários, tampouco a negação das graves violações internas existentes na Venezuela. Trata-se de reafirmar que o Direito internacional, enquanto conjunto de normas voluntariamente produzidas pelos Estados, não pode ser aplicado de forma seletiva. Quando as normas são relativizadas conforme conveniências de poder, instaura-se um ambiente de anomia que fragiliza não apenas um Estado, mas o próprio sistema jurídico internacional, produzindo um retrocesso civilizacional que reabre espaço para a barbárie.

É particularmente preocupante que tais práticas se projetem sobre a América Latina, historicamente reconhecida como uma zona de paz. A região construiu, desde os processos de independência, uma identidade jurídica marcada pela rejeição ao uso da força e pela aposta em mecanismos multilaterais, diplomáticos e jurídicos de resolução de conflitos.

Ignorar esse dado histórico e jurídico e conferir legitimidade a intervenções seletivas e hegemônicas não constitui apenas um erro diplomático circunstancial, mas estabelece um precedente perigoso. O que hoje se tolera em relação à Venezuela poderá servir de autorização tácita para intervenções contra qualquer outro país. Quando a farsa é aceita como regra, a tragédia deixa de ser exceção e passa a constituir o método permanente do sistema.

Tradição islâmica sempre distinguiu princípios espirituais e contextos políticos

Debate sobre terrorismo, religião e democracia exige precisão conceitual, responsabilidade histórica e compromisso com a convivência plural

Ali Zoghbi

Presidente da Fambras (Federação das Associações Muçulmanas do Brasil)

RÉPLICA

O artigo “Jihadismo põe Ocidente num impasse existencial”, publicado em 21 de dezembro na Folha de S.Paulo, requer uma contraposição importante para evitar interpretações equivocadas sobre o islã, cujo efeito recorrente é a islamofobia.

O debate público sobre terrorismo, religião e democracia exige precisão conceitual, responsabilidade histórica e compromisso com a convivência plural. Quando esses elementos se perdem, corre-se o risco de substituir a análise por simplificações que pouco contribuem para compreender —ou enfrentar— a violência extremista.

O islã é professado por quase dois bilhões de pessoas, em contextos culturais, jurídicos e políticos diversos. Como ocorre com outras tradições religiosas, seus textos sagrados foram revelados

e interpretados em circunstâncias históricas específicas. A tradição islâmica clássica sempre distinguiu princípios espirituais, normas jurídicas e contextos políticos concretos.

É fundamental esclarecer um ponto: atos de terrorismo, ataques contra civis e a disseminação do medo coletivo não são classificados como jihad na jurisprudência islâmica. Pelo contrário, enquadram-se no conceito de hirabah, um dos crimes mais graves da tradição islâmica, entendido como “guerra contra a sociedade” e é condenado. Trata-se de um consenso histórico entre juristas muçulmanos, não de uma divergência interpretativa.

Afirmar que o Alcorão conteria “comandos universais de violência” ignora um princípio básico dos estudos religiosos: o contexto da revelação e da interpretação. Versos relacionados a conflitos ar-

mados dizem respeito a situações históricas específicas e não constituem autorizações permanentes para a violência indiscriminada. Sua leitura descontextualizada é justamente o expediente utilizado por grupos extremistas para legitimar aquilo que a própria tradição condena.

A crítica a religiões, ideias e textos sagrados é legítima e essencial à vida democrática. Como já afirmava John Stuart Mill, a liberdade de expressão não protege incitações à violência nem a criação de ambientes que estimulem agressões concretas. O problema surge quando a crítica abandona a análise e opera por generalizações, transformando comunidades inteiras em suspeitas coletivas.

Experiências individuais, por mais legítimas que sejam, não podem servir como chave interpretativa única de uma tradição plural e global. O debate público se

O verdadeiro desafio das democracias não é a presença de religiões no espaço público, mas a capacidade de distinguir fé de ideologia violenta, crítica legítima de estigmatização, segurança de exclusão

enriquece ao incorporar vozes de estudiosos muçulmanos que refletem, há décadas, sobre fé, ética e democracia. Pensadores contemporâneos alertam para o risco de projetar no islã angústias próprias de sociedades em crise, confundindo pluralidade religiosa com ameaça civilizatória.

Também exige cautela o uso da pauta dos direitos das mulheres como instrumento de deslegitimação cultural. Práticas como a mutilação genital feminina não têm fundamento nas fontes islâmicas, antecedem o islã em várias regiões e são combatidas por muçulmanos em todo o mundo.

No Brasil, essas distinções são ainda mais relevantes. O islã é visto de forma integrada ao Estado laico e à ordem constitucional. Muçulmanos participam da vida social, econômica e cultural do país, contribuindo para a diversidade que marca nossa história.

O verdadeiro desafio das democracias não é a presença de religiões no espaço público, mas a capacidade de distinguir fé de ideologia violenta, crítica legítima de estigmatização, segurança de exclusão. Combater o extremismo exige informação qualificada, alianças amplas e compromisso com os valores democráticos.

A democracia se fortalece quando enfrenta a violência com lucidez, não quando substitui análise por caricatura.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Celebração em família

“Natal na casa das 4 Marias celebra adoção tardia, diversidades e aprendizados em família” (Cotidiano, 24/12). Casal abençoado. Vocês fazem a diferença, exemplo de que todos nós podemos fazer desse mundo um lugar melhor para se viver.

Graça Almeida (São Paulo, SP)



Não poderia ter lido melhor matéria do que esta contada por Jairo Marques. Mostra o verdadeiro espírito do Natal. Decisões difíceis e corajosas desse casal.

Cristina Reggiani (São Paulo, SP)

Sem álcool

“Venda de espumante cresce com versão 0% álcool, que mira medicados, jovens e evangélicos” (Economia, 24/12). Um refrigerante/soda bem caro!

Daniela Franco (São Paulo, SP)



Finalmente a cultura de atrelar sempre o álcool à diversão está sendo rompida. Aos poucos, parte da sociedade é atendida com opções de bebidas sem álcool. A ciência confirma que, mesmo moderadamente, traz consequências maléficas à saúde.

Sisenando Azevedo (Brasília, DF)

Posicionamento político

“Datafolha: 35% se identificam com direita e 22%, com esquerda” (Política, 24/12). É uma falácia falar em polarização quando um lado é a democracia e o outro o golpe de Estado.

Rodrigo Flexa (São Paulo, SP)



O que é ser de direita ou esquerda para esses entrevistados? Antes de uma enquete dessa, tem que saber o que é.

Maria Isabel Castro Lima (Florianópolis, SC)

Governo Lula

“Governo Lula avalia que Trump pode tentar interferir na eleição brasileira” (Política, 23/12). A imprensa julgou ser relevante o pedido do Brasil para que os EUA nos ajudem a combater o narcotráfico. Mas ataca a iniciativa atribuída a bolsonaristas de pedir a mesma cooperação para o combate ao crime organizado no Brasil. Esquisito esse raciocínio.

Renato Mineiro Drummond (Belo Horizonte, MG)



Lula é um líder, Trump não passa de um espantalho decadente.

Marcos Medeiros (São Paulo, SP)



A influenciadora Renata Darzi com sua família, no apartamento onde moram na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro

Eduardo Anizelli/Folhapress

Banco Master

“Profissão: perigo” (Hélio Schwartsman, 24/12). Há um contrato, há sigilos e opacidades nas relações entre o público e o privado. Há o silêncio de Galípolo, e, claro, a conveniência da privacidade entre duas autoridades que têm muito a perder.

Fabiana Menezes (Belo Horizonte, MG)



Nunca vou me cansar de propor que as vagas do Judiciário, Tribunais de Contas e outras autarquias não podem ser por indicação política. Chega. Vamos impor concurso público para todo servidor público, controle sobre suas atividades e fim da vitaliciedade!

Orasil Coelho Pina (Criciúma, SC)



“Moraes diz que falou com Galípolo sobre Lei Magnitsky; jornal relatou pedido de ministro sobre banco Master” (Mercado, 23/12). Vivemos um período surreal da história. Em nome da suposta defesa da democracia e do Estado de Direito, se apropriaram de um poder imperial que tudo decide e a todos atinge. E se tornaram acima das leis as quais interpretam de acordo com as circunstâncias. Na verdade, a perda da confiança nas instituições é a maior agressão à democracia.

João Braga (Marília, SP)

Monumento nacional

“Biografia sobre Machado de Assis resgata passado negro do gênio da literatura” (Tom Farias, 24/12). Excelente texto, parabéns! Quanto ao maior escritor que o Brasil já produziu, todo reconhecimento é pouco.

Andréa Cristacemos (Caxambu, MG)

Feminicídio

“Após 25 dias internada, morre em SP a mulher atropelada e arrastada por 1 km” (Cotidiano, 24/12). O mundo não é um lugar seguro para mulheres e os responsáveis por isso são os homens.

Maria Alves (São Paulo, SP)



Essa monstruosidade é paralisante. O facínora não triturou apenas uma mulher. Traumatizou e comprometeu o futuro de uma família inteira.

Dirce Maria de Jesus Barbosa (São Paulo, SP)

Boas festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas festas recebidos de Associação Brasileira de Emisoras de Rádio e TV (Abert), Arnaldo Hossepian Junior, Beth Carmona, diretora vice-presidente da TV Cultura, Caetano Bedaque, Estúdio Campana, Comunicação Corporativa APS, Costábile Salzano, de Opus Entretenimento, Fundación Gabo, Grupo Arbritman, Inma (International News Media Association), Paulo A. Nussenzevig, Mário Sarrubbo, Matinas Suzuki Jr, Raul Cutait, Renato Janine Ribeiro, Roberto Livianu, Joyce Nogueira, SulAmérica, WAN-IFRA Awards, Bruna Lombardi, Rodrigo Mesquita e Luiz Roberto da Costa Jr.

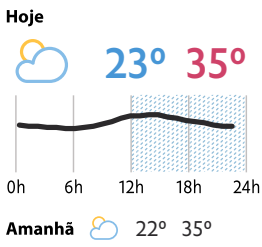
ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

MÔNICA BERGAMO (25.DEZ., PÁG. B2) A nota “VIGIAR E COAGIR” grafou incorretamente Gabriel Vorcara. O correto é Daniel Vorcara.

ATMOSFERA

São Paulo



Hoje	Rio	23°	39°
	Brasília	18°	30°
	Ribeirão	22°	35°

Amanhã	Rio	24°	38°
	Brasília	19°	31°
	Ribeirão	23°	36°

Fonte: www.climatempo.com.br

CURSOS GRATUITOS

O QUÊ A plataforma Qualifica SP, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Governo de São Paulo, oferece ampla gama de cursos gratuitos. Podem se inscrever pessoas residentes no estado.

POR QUE O intuito é qualificar empreendedores, jovens em busca do primeiro emprego ou adultos que procuram oportunidade no mercado de trabalho ou começaram a exercer uma nova profissão.

MODALIDADE PARA IDOSOS Também há uma modalidade de cursos voltada a idosos que desejam se qualificar, aprender continuamente e conquistar novas oportunidades de trabalho ou recolocação.

REQUISITOS

- Modalidade Empreenda: empreendedores formais ou informais precisam ter atuação mínima de três meses;
- Modalidade Meu Primeiro Emprego: jovens de 16 a 24 anos que tenham ensino fundamental completo;
- Modalidade Novo Emprego: jovens e adultos alfabetizados;
- Modalidade 60+: adultos com mais de 60 anos de idade.

INSCRIÇÕES Acesse www.alunos.cettpro.sp.gov.br e observe se a modalidade na qual você se encaixa está com vagas abertas. Escolha a modalidade, curso e localidade desejados. No site, é possível pesquisar cursos sobre áreas do conhecimento específicas. As aulas acontecem presencialmente em diversas cidades paulistas e também remotamente.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 50 ANOS | 26.DEZ.1975



Cinemas cheios contrastam com calmaria do dia de Natal em SP

São Paulo viveu nesta quinta-feira (25) um dia de Natal com calmaria. Estima-se que cerca de dois milhões de paulistanos estão fora da cidade, e a maioria dos que ficaram preferiu não circular muito pelas ruas. O movimento no centro foi pequeno, e os raros bares abertos receberam pouquíssimos fregueses. Já a situação em cinemas foi diferente. Apesar de ser dia de festa religiosa, filmes considerados por muitos como catastróficos tiveram uma enorme procura. O “Tubarão”, por exemplo, atraiu cerca de 10 mil pessoas em sessões no Cine República. No Cine Ipiranga, o “Inferno na Torre” lotou as suas exibições.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R\$ 29,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R\$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA	ASSINATURA MENSAL*	
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
SP	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 204,90
MG, PR e RJ	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 209,90
DF e SC	R\$ 8,90	R\$ 11	R\$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R\$ 9,90	R\$ 12	R\$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R\$ 14,90	R\$ 15,50	R\$ 361,90
Outros estados	R\$ 15,90	R\$ 16,50	R\$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Frustração

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) não tem expectativa de reforma agrária no terceiro mandato do presidente Lula (PT), afirma Ceres Hadich, da direção nacional do grupo, que cita o contexto em que o petista foi eleito e questões orçamentárias como entraves. Hadich menciona dados do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) que mostram que 140 mil famílias estão acampadas à espera de terra. “A gente sabe que talvez não chegue a contemplar 25 mil famílias”, diz.

O POSSÍVEL “O que a gente está vendo o governo fazer dentro das suas possibilidades, não orçamentárias, é regularização fundiária, assentamento de famílias dentro de projetos que já existem, regularização e reconhecimento de áreas quilombolas, fatos que são muito importantes, mas que fogem a esse enfrentamento direto à demanda pela luta pela terra no Brasil”, complementa.

OBSTÁCULOS A integrante da direção nacional do MST afirma que uma das barreiras para a reforma agrária foi a necessidade que o presidente teve de compor com grupos que representavam interesses antagônicos à demanda. Outro ponto é a falta de estrutura do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário). “A gente não tem hoje na pasta do MDA um orçamento condizente com as necessidades que temos no Brasil para a realização da reforma agrária”, diz.

ME EXPLICA? O deputado estadual Antonio Donato (PT-SP) entrou com representações junto ao TCE (Tribunal de Contas do Estado) e ao Ministério Público de São Paulo contra o pagamento de R\$ 2 bilhões a concessionárias de rodovias estaduais por reequilíbrio econômico-financeiro dos contratos pela pandemia de Covid-19. Os alvos são o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o conselho diretor da Artesp (Agência de Transportes do Estado de São Paulo). O parlamentar cita graves preocupações quanto à legalidade e legitimidade da medida.

OUTRO LADO Procurado, o Governo de SP informou que o reequilíbrio econômico-financeiro de contratos de concessão afetados pela pandemia da Covid-19 está previsto na legislação e nas cláusulas contratuais e “é um instrumento regulatório destinado a assegurar a continuidade e a adequada prestação dos serviços públicos à população”. A nota diz que a apuração dos impactos é feita pela Artesp e que a metodologia é deliberada em sessões do conselho diretor da agência, com atos publicados no Diário Oficial.

FECHAR A TORNEIRA A CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) da Câmara dos Deputados aprovou no último dia 17 um projeto que inclui na Lei de Direitos Autorais a proibição de que condenados recebam valores decorrentes de obra intelectual relacionada ao crime praticado. Como tinha caráter terminativo, o projeto segue para deliberação pelo Senado.

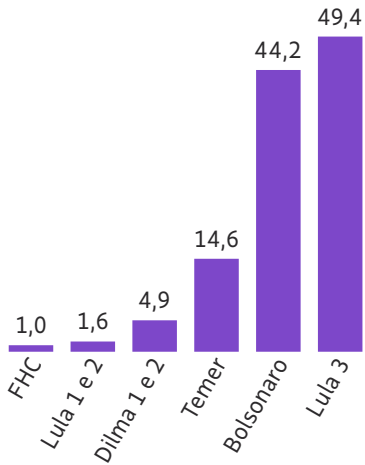
SEM FÃS “Esse projeto de lei vai trazer um pouco de justiça aos que sofrem como vítimas de crimes e ainda assistem os criminosos enriquecerem com a sua maldade”, diz Bia Kicis, relatora do texto na CCJ. “Casos como Suzane von Richthofen, Elize Matsunaga e o goleiro Bruno mostram como a notoriedade de assassinos acaba virando negócio, e é exatamente essa distorção que a lei corta, preservando a moralidade pública.”

Com Danielle Brant e Carlos Petrocilo

Vetos presidenciais derrubados

Vetos presidenciais rejeitados por governo desde 1999

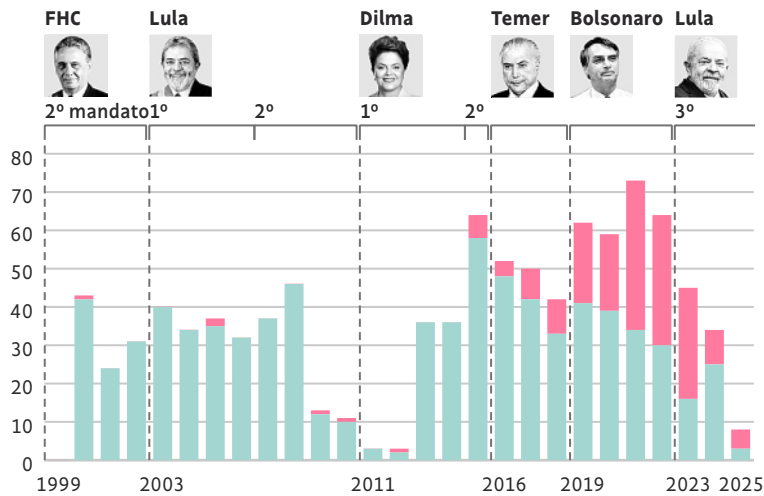
Em %



Fonte: Senado Federal

Evolução anual de vetos analisados e vetos derrubados pelo Congresso desde 1999

Vetos analisados
Vetos rejeitados



Congresso derruba metade dos vetos de Lula e altera dinâmica de governabilidade

Legislativo pressiona Planalto com índice superior ao de Bolsonaro; especialistas apontam nova lógica de presidencialismo de coalizão

Arthur Guimarães de Oliveira

SÃO PAULO O Congresso Nacional derrubou quase metade dos vetos presidenciais de Lula (PT) analisados desde 2023. A proporção, inédita em duas décadas e superior à do governo Jair Bolsonaro (PL), reforça a existência de novo padrão de governabilidade, com tendência de perda de controle de agenda pelo Executivo.

Em três anos, os congressistas apreciaram 87 vetos, dos quais 43 foram rejeitados. A média de 49% fica acima da registrada no governo Bolsonaro, mas a diferença é ainda maior em relação às gestões anteriores de Michel Temer (MDB), Dilma Rousseff (PT), FHC (PSDB) e do próprio Lula.

Para além de um contexto de fragmentação da base governista, o resultado revela a consolidação de nova lógica do presidencialismo de coalizão. Especialistas dizem ser reflexo de mudanças institucionais e do fortalecimento do Congresso frente ao Executivo.

O levantamento foi realizado pela **Folha** a partir de dados do Painel Legislativo Galileu, mantido pelo Senado Federal. A análise considerou tanto os vetos totais quanto parciais apreciados pelo Congresso desde 1999 e o ano da oposição das matérias.

Cada matéria foi contabilizada uma vez (independentemente do número de dispositivos). Foram descartadas aquelas ainda em tramitação, que tenham sido mantidas na íntegra ou cuja análise tenha ficado prejudicada.

Os textos foram então classificados por ano, conforme o governo em vigor (no caso de Temer, considerou-se 2016 na integralidade). Por fim, os vetos analisados e derrubados foram agrega-

dos por governo para o cálculo.

Nos governos FHC e Lula 1 e 2, a rejeição de vetos tinha um caráter pontual. O tucano teve um veto derrubado; Lula, quatro. Entre 2000 e 2010, o índice variou de 1% a 1,6%. O Planalto passou por anos sem nenhum veto rejeitado.

O padrão se manteve nas gestões Dilma 1 e 2. Apesar de um aumento no número absoluto de vetos derrubados, o percentual de rejeitados não chegou nem a 5%. Foram 7 dos 142 vetos.

A partir de Michel Temer, começou a haver uma mudança. O Congresso rejeitou 21 de 144 vetos analisados. A taxa beirou 15%. O percentual subiu para 44% com Bolsonaro, com 114 dos 258.

Neste mês, Lula já anunciou que vetará o PL da Dosimetria, aprovado pela Câmara e pelo Senado e que prevê a redução de penas para Bolsonaro e demais acusados pela trama golpista e pelo 8/1. O Congresso, porém, poderá derrubar o veto do petista.

O professor Fernando Meireles, da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), diz que hoje o processo de tramitação de vetos é mais simplificado do que até o primeiro mandato de Dilma, o que reduz o custo de rejeição. Isso se deve a uma mudança no regimento interno do Congresso.

Para rejeitar um veto, é preciso maioria absoluta dos votos de deputados (257) e senadores (41). A análise é feita em sessão conjunta, mas os congressistas costumavam deixar as votações de lado, o que resultava em um acúmulo de matérias a serem analisadas.

A Constituição define até 30 dias para a apreciação, mas antes de uma resolução de 2013 a contagem dependia da convocação de sessão. A partir de então, o período

passou a ser contado a partir do registro do veto pelo Congresso.

Além disso, o regimento estabeleceu uma data fixa para convocação de sessão, a terceira terça de cada mês, e definiu que a apreciação deveria ocorrer independentemente da formação ou relatório de uma comissão mista.

“Para o Legislativo, isso é um rito corriqueiro”, diz Meireles.

Nesse cenário, o dado mais relevante não é a quantidade de vetos. A variação no percentual de derrubados, por outro lado, pode indicar dificuldades de interlocução e de controle da agenda legislativa pelo Executivo, afirma.

Professora da UFPR (Universidade Federal do Paraná), Graziela Testa diz que a frequência com que vetos têm sido rejeitados no Congresso é um indicativo de que o presidencialismo de coalizão no formato que funcionava 15 anos atrás não existe mais.

“Ainda temos um presidencialismo de coalizão. Sempre tivemos um Congresso com papel relevante, mas hoje temos um Congresso que funciona de forma muito coisa e que se coloca diante do Executivo por conta dessa coesão.”

Para ela, em um contexto mais amplo da relação com o Legislativo, o Planalto tem hoje menos ferramentas e prerrogativas para construir governabilidade.

Para o cientista político Rafael Silveira, professor do IDP e da escola de governo do TCU (Tribunal de Contas da União), há um componente estrutural e outro conjuntural nesse movimento.

O primeiro é o fato de o Congresso ter passado a analisar vetos de forma mais sistemática. O percentual, no entanto, pode variar conforme o alinhamento político entre os Poderes.

Lula apoia fim de 6x1 e leva bandeiras de 2026 à TV em pronunciamento

Petista exalta isenção do IR e exhibe imagem com Trump ao citar tarifaço contra o Brasil

Luany Galdeano

BRASÍLIA O presidente Lula (PT) defendeu o fim da escala 6x1, sem redução de salário, no tradicional pronunciamento de Natal, na quarta-feira (24), e levou à rede nacional de rádio e televisão temas que devem compor o discurso da campanha petista para as eleições de 2026.

Em sua fala, que começou a ser transmitida às 20h30 e teve duração de pouco mais de 6 minutos, Lula fez um balanço dos avanços obtidos pelo governo no ano, destacando a “vitória” obtida na negociação com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre as tarifas impostas a produtos do país. Ao falar sobre o as-

sunto, aparece a imagem de Lula dando um aperto de mão com o norte-americano — já chamado de fascista por petistas.

O chefe do Executivo também exaltou a ampliação da faixa de isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5.000 mensais, uma das principais bandeiras da campanha de Lula e aposta para o pleito do próximo ano.

Lula também fez referência ao combate ao crime organizado em sua fala, apesar do tom otimista em seu discurso, o tema é um gargalo e desafio para a esquerda.

Outra bandeira que deve ser explorada na disputa eleitoral de 2026, o fim da escala 6x1 é uma pauta que tramita em mais de uma proposta no Congresso Na-



O presidente Lula (PT) em pronunciamento de Natal na televisão e no rádio, em Brasília Reprodução/Lula no YouTube

“Nenhum direito é tão urgente quanto o direito ao tempo. Não é justo que uma pessoa seja obrigada a trabalhar por seis dias e ter um para descansar”

Lula presidente, sobre a escala 6x1 em pronunciamento de Natal

cional e tem apoio do Palácio do Planalto. No discurso de Natal, Lula defendeu que o direito ao tempo é urgente e que não é justo ter apenas um dia de descanso como tempo livre.

“Nenhum direito é tão urgente quanto o direito ao tempo. Não é justo que uma pessoa seja obrigada a trabalhar durante seis dias e que tenha apenas um para descansar o corpo e a cabeça, passear com a família, cuidar da casa, se divertir e acompanhar o crescimento dos filhos”, disse.

Na segurança pública, Lula destacou a operação Carbono Oculto, deflagrada em agosto, que mirou as relações entre a facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital), postos de combustível e empresas. A ação mirou cerca de 300 alvos e gerou desdobramentos, em conjunto com órgãos estaduais e a Receita Federal.

Lula passou por temas que marcaram o país em 2025, como o tarifaço de 50% ao país imposto por Trump. Após negociações entre o americano e o brasileiro, vários produtos tiveram a taxa revertida. Sanções a ministros do STF também foram suspensas.

“Mostramos ao Brasil e ao mundo que somos do diálogo, da fraternidade e não fugimos da luta. Apostamos na diplomacia, protegemos nossas empresas, evitamos demissões”, disse. “Nossa soberania e nossa democracia saíram vencedoras.”

ASSINANTE FOLHA PAGA MENOS

NOS MELHORES EVENTOS DE 2026

Se 2025 já foi bom, 2026 será ainda melhor! Aproveite as melhores ofertas e vantagens em passeios por São Paulo com o Clube Folha!

COM AS VANTAGENS DOS CLUBES FOLHA, A SUA ASSINATURA PODE SAIR DE GRAÇA.

ASSINE A FOLHA E APROVEITE O CLUBE TODO MÊS

10/1 A 15/2

50% OFF NA PEÇA

UM DIA MUITO ESPECIAL

TEATRO BRADESCO

17/1 A 1/3

50% OFF NA PEÇA

CLO, PRA SEMPRE A ALMA IMORAL

TEATRO UOL

16/1

40% OFF EM SHOWS

TERESA CRISTINA CANTA ZECA PAGODINHO

CASA NATURA

ATÉ 18/1

50% OFF EM EXPOSIÇÕES

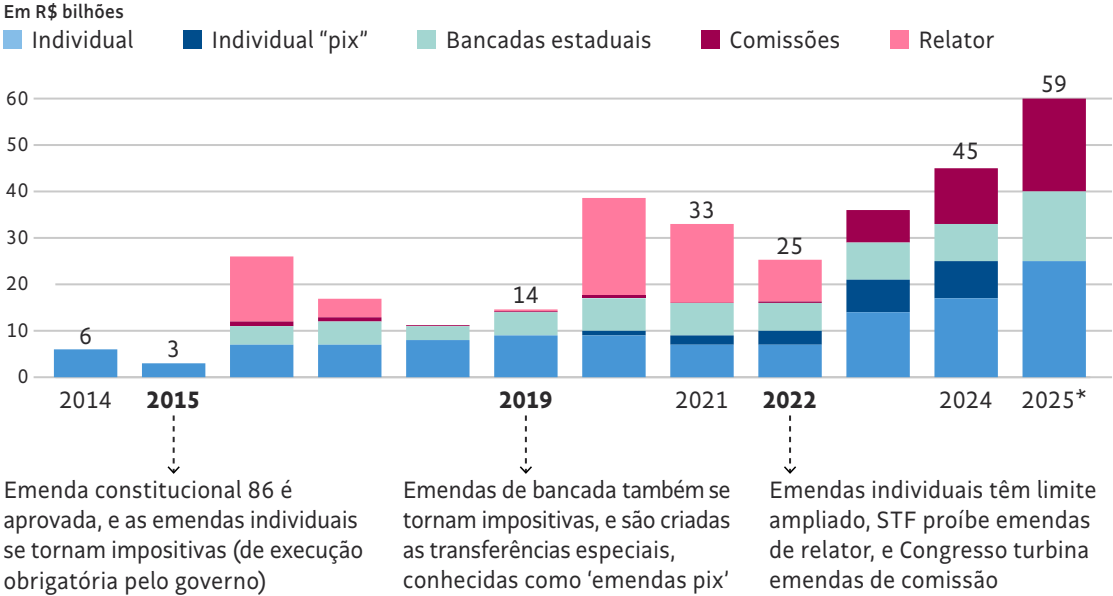
A ALMA HUMANA: VOCÊ E O UNIVERSO DE JUNG

MIS

*Sujeitos à disponibilidade, estes benefícios podem ser alterados ou retirados sem aviso prévio.

Emendas parlamentares dispararam nos últimos 10 anos

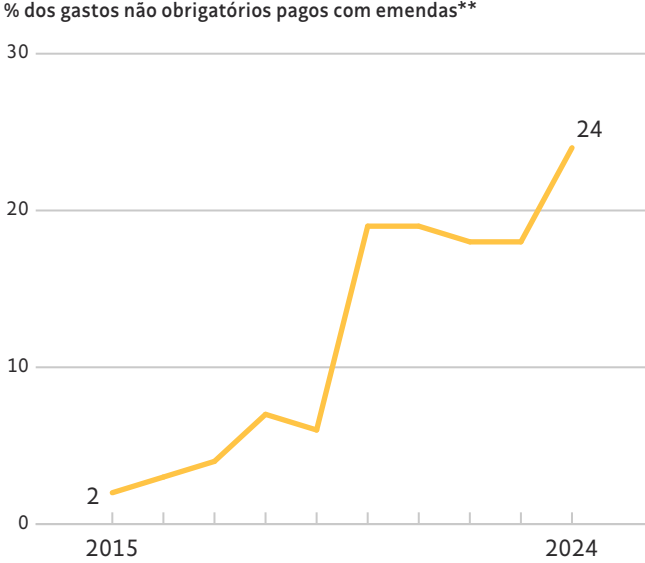
Valores empenhados por tipo



* Emenda individual inclui emenda "pix"

Fonte: Portal da Transparência em 3.jul, PLOA 2025 e estudo "Emendas parlamentares no Brasil e em 11 países da OCDE" (Insper)

Congresso controla parcela cada vez maior dos gastos do governo



** Valores pagos mais restos a pagar

Ciência vê emendas em nível atípico no Brasil; conheça outras constatações

No centro de crises, verbas levam estudiosos a tentar entender fenômeno que virou alvo do STF; lacunas sobre o tema permanecem

Júlia Barbon

SÃO PAULO No centro de crises recentes entre os três Poderes, as emendas parlamentares costumam ser debatidas sob o ponto de vista político. Mas o que a ciência já sabe sobre elas?

Os diversos estudos existentes, em sua maioria críticos, abordam três grandes temas: o impacto na relação entre o Executivo e o Legislativo, a influência nas eleições e seus efeitos em políticas públicas, explica Maria Dominguez, pesquisadora da Uerj (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) com trabalhos sobre o tema.

Em junho, o ministro Flávio Dino, do STF (Supremo Tribunal Federal), convocou uma audiência pública para reunir dados técnicos antes de julgar se o governo deve continuar sendo obrigado a pagar as emendas individuais, indicadas por deputados e senadores, e as de bancadas estaduais.

Saiba o que a literatura científica já mostrou sobre o tema e o que ainda carece de evidências.

*

O QUE JÁ SE SABE

Emendas no Brasil tomaram proporção atípica no mundo

O poder que o Congresso Nacional brasileiro tem hoje sobre os gastos do governo é muito superior ao de 11 países da OCDE (Organização para a Cooperação e De-

senvolvimento Econômico), concluiu um estudo publicado pelo Insper em 2024, dos autores Marcos Mendes e Hélio Tollini.

Mesmo nos Estados Unidos, onde o Legislativo pode refazer todo o Orçamento enviado pelo Executivo, os congressistas só podem definir até 1% das despesas discricionárias (que não incluem gastos obrigatórios como aposentadorias e salários). Enquanto isso, no Brasil esse percentual alcançou cerca de 24%.

A primeira parte da análise do Ipea reforça o peso que as emendas ganharam na última década: na saúde, por exemplo, elas atingiram a impressionante marca de 53% dos gastos não obrigatórios em 2023, ante 19% em 2014. Na educação, saltaram de R\$ 360 milhões para R\$ 1,8 bilhão.

Emendas da saúde não vão para os locais mais necessitados

Ainda segundo o Ipea, estudos alertam que, apesar de ir para cidades mais pobres, as emendas aplicadas no SUS "não consideram indicadores de saúde da população" nem os serviços ofertados nas regiões. Além disso, a inconstância dos valores recebidos de um ano para o outro pode dificultar a programação das ações.

Como esse é o setor que mais recebe emendas (ao menos 50%, como prevê a lei), também é o mais estudado. Uma pesquisa do Gife (Grupo de Institutos, Funda-



O ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Flávio Dino em evento realizado em Brasília Pedro Ladeira - 4.dez.25/Folhapress

ções e Empresas) analisou os recursos à atenção básica de 2018 a 2022, e depois em 2023, cruzando-os com diversos indicadores.

A conclusão foi que as verbas tendem a fortalecer municípios com melhores estruturas e índices de saúde: as cidades com cobertura completa de atenção básica, por exemplo, receberam R\$ 62 por habitante naquele ano, contra R\$ 21 do grupo com cobertura baixa ou muito baixa.

O QUE AINDA PRECISA DE EVIDÊNCIAS

Emendas de fato ajudam a eleger políticos?

Diversas pesquisas já tentaram responder a essa pergunta, mas não chegaram a um consenso: indicaram efeito eleitoral "negativo", "nulo", "positivo relevante" ou "positivo limitado". Em 2017, artigo publicado na revista científica da Unicamp procurou superar as limitações desses estudos.

Os pesquisadores então concluíram que, embora as emendas individuais gerem votos aos deputados, elas não são o principal instrumento para a reeleição. Além disso, mostraram que as únicas emendas que garantem resultados são as executadas por prefeituras, especialmente quando prefeito e deputado são do mesmo partido.

Essas análises, porém, foram feitas antes da explosão dos

repasses e do surgimento das "emendas pix", em 2019, que mudaram a lógica do jogo e podem ter influenciado ainda na reeleição de prefeitos.

Como elas afetam a relação entre Executivo e Legislativo?

Essa é outra questão muito explorada. Há certo consenso de que a obrigatoriedade das emendas, desde 2015, afetou o presidencialismo. Uma tese de doutorado de Rodrigo Faria (USP, 2023) aponta maior dificuldade para o presidente formar maiorias, aumento nos custos de governabilidade e na pressão por cargos.

O Ipea, porém, pondera que ainda não está claro o tamanho da "perda da moeda de troca" do governo. "Uma série de estudos mostra que o Executivo condicionava a liberação do recurso ao apoio às políticas. É uma tese, [...] mas há um debate sobre o quão determinante era", como afirmou Acir Almeida, técnico envolvido no trabalho —que pretende aprofundar nesses aspectos.

Qual é o efeito das emendas na vida da população?

É aqui que aparece um dos poucos estudos favoráveis (parcialmente) às emendas. Um prestigioso artigo publicado em 2018 na revista de Oxford concluiu que municípios que receberam mais repasses por mais tempo, entre 1999 e 2010, tiveram melhoras substantivas em índices sociais e econômicos.

Essa análise abarca um período em que os valores eram irracionais, e também os examina de forma total, sem detalhar em que foram usados. Ainda não há evidências sólidas para saber se as emendas são mais ou menos eficientes que os investimentos diretos do governo, por exemplo.

Também faltam estudos que avaliem os impactos não apenas em indicadores de saúde, mas em áreas como educação e trabalho. E que verifiquem se essa forma de distribuição dos recursos, desigual, ajuda ou não a compensar as desigualdades regionais históricas no acesso a serviços. O Ipea promete aprofundar nessas questões.

24% percentual do Orçamento federal definido pelos congressistas brasileiros com as emendas parlamentares

53% valor destinado por emendas parlamentares a todos os gastos não obrigatórios federais na saúde em 2024

R\$ 61 bilhões total aprovado pelos congressistas em emendas parlamentares no Orçamento federal de 2026

35% dos brasileiros se dizem de direita, e 22%, de esquerda, segundo Datafolha

Outros 17% se declaram de centro, 7%, de centro-esquerda, e 11%, de centro-direita; apesar disso, escala pesquisada aponta predomínio de petistas sobre bolsonaristas

SÃO PAULO Pesquisa Datafolha mostra que 35% dos brasileiros se classificam à direita do espectro político, e 22%, à esquerda.

No levantamento, realizado de 2 a 4 de dezembro, outros 7% se declararam de centro-esquerda, 17% de centro, 11% de centro-direita, e 8% não souberam dizer.

Foram ouvidas 2.002 pessoas, com 16 anos ou mais, em 113 municípios do Brasil. A margem de erro dos dados gerais da pesquisa é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos.

Em relação à posição política, foi solicitado aos entrevistados que eles se posicionassem numa escala de 1 a 7 —em que 1 correspondia à posição máxima à esquerda, e 7, à máxima à direita.

Desde dezembro de 2022, o Datafolha vem alimentando a série histórica de posicionamento de petistas e bolsonaristas. Os apoiadores de Lula foram maioria em 9 dos 11 levantamentos feitos até então, incluindo o atual.

Diante da pergunta para que os entrevistados se posicionassem numa escala de 1 a 5, onde 1 era bolsonarista e 5 petista, foram 34% os que se encaixaram como simpatizantes de Jair Bolsonaro (PL), enquanto 40% se classificaram como petistas.

Outros 18% se posicionaram na faixa de neutros, 6% disseram não apoiar nenhum deles e 1% não soube responder.

Um contraste aparece quando se cruza o espectro ideológico com o a identificação política:

27% dos mais petistas (classificados no nível 5) se dizem de direita, e 11% dos mais bolsonaristas (nível 1) se dizem de esquerda.

Essa aparente incongruência apareceu de outra forma no mesmo levantamento, quando os entrevistados foram questionados sobre qual o maior líder de cada campo. Identificaram Lula como a maior liderança de direita 9% dos entrevistados, superando o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), com 5%, e Michelle Bolsonaro (PL), com 2%. E 5% apontaram Jair Bolsonaro como maior líder da esquerda.

Diferentes entendimentos sobre o conceito de direita e esquerda podem ajudar a explicar a incoerência. Na academia, um dos critérios mais adotados para a distinção é a opinião sobre o grau de intervenção do Estado na economia —ele seria maior quanto mais à esquerda, e menor quanto mais à direita.

Ainda assim, outras características costumam ser associadas aos dois espectros políticos, como o liberalismo ou o conservadorismo nos costumes.

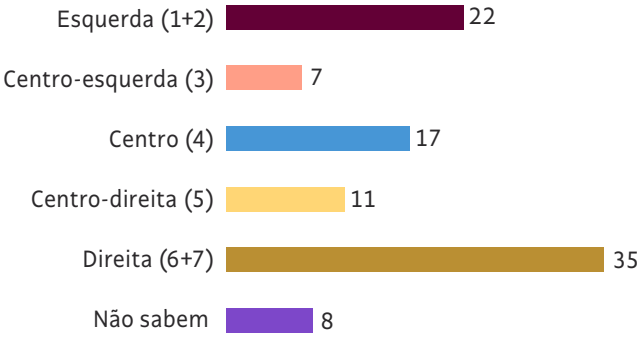
Para Bruno Bolognesi, cientista político e professor da UFPR (Universidade Federal do Paraná), há uma sobreposição dos conceitos expressos na pesquisa, com considerável influência do carisma de Lula (PT) e de Jair Bolsonaro (PL).

“Quando você tem líderes carismáticos do peso do presidente Lula e do Bolsonaro, é muito co-

Opinião sobre identificação política

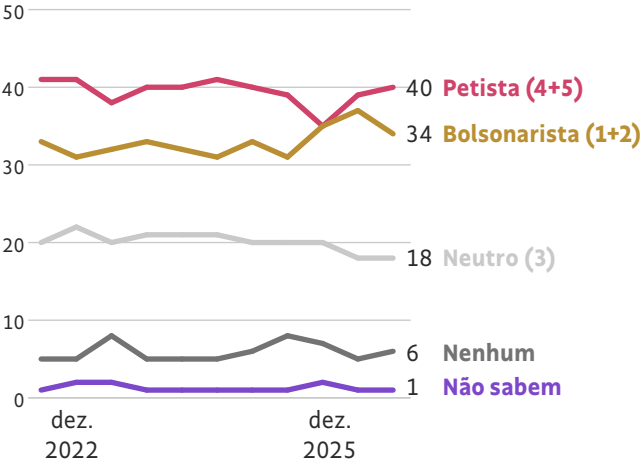
35% dizem ser de direita, contra 22% de esquerda

Resposta estimulada e única, em %. Em qual posição política você se colocaria, sendo 1 o máximo à esquerda e 7 o máximo à direita?



40% dizem ser petistas, contra 34% de bolsonaristas

Resposta estimulada e única, em %. Considerando uma escala de 1 (bolsonarista) a 5 (petista), onde você se encaixa?



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 2.002 pessoas de 16 anos ou mais em 113 municípios pelo Brasil dos dias 2 a 4 de dezembro; a margem de erro geral é de 2 p.p., para mais ou para menos

um que você tenha essa confusão ou que as pessoas não consigam distinguir entre a liderança e o movimento, ou entre a visão de mundo e a liderança”, afirma. “Muita gente é lulista, mas não faz ideia do que seja esquerda ou direita. Ou muita gente é lulista e, de fato, é de direita”.

Para Luis Gustavo Teixeira, doutor em ciência política e professor da Unipampa (Universidade Federal do Pampa), o eleitorado brasileiro tende a se encaixar menos em padrões de direita e esquerda e tem uma relação mais direta com as suas lideranças, tendência desde a Era Vargas.

Segundo a pesquisa Datafolha, entre os que têm menos escolaridade, 41% se dizem de direita, enquanto 26% se dizem de esquerda e 8% de centro. Já entre os que concluíram o ensino superior, 30% se colocam à direita, 20% no centro, e 22%, à esquerda.

Entre os mais jovens, que têm de 16 a 24 anos, são 30% os que se posicionam ao centro, enquanto 26% se dizem de direita, e 16%, de esquerda. Já os com 60 anos ou mais, o cenário é bastante distinto: 9% se posicionam como sendo de centro, outros 42% se colocaram à direita, e 25%, à esquerda.

Olhando a religião, 24% dos católicos se posicionam à esquerda, enquanto 16% dos evangélicos fazem o mesmo. Já os que se classificam à direita são, respectivamente, 36% e 42% para cada grupo.

Entre os que se disseram de esquerda, 9% afirmaram ter votado em Bolsonaro em 2022. No grupo identificado com a direita, 22% declararam voto em Lula.

Já entre os bolsonaristas que afirmaram ter votado no atual presidente da República, o índice foi mais baixo, de 5%, assim como os petistas que declararam voto no ex-presidente do país, que foram 7%.

Ana Gabriela Oliveira Lima, Juliana Arreguy e Renata Galf

Maioria de agentes da ditadura militar morre antes de julgamento ou denúncia por crimes durante regime

João Pedro Abdo

SÃO PAULO A maioria dos agentes envolvidos em práticas de violação de direitos humanos durante a ditadura militar morre antes do julgamento ou mesmo da denúncia do Ministério Público Federal. É o que aponta a pesquisa realizada pela Clínica de Direitos Humanos da Unifesp (Universidade Federal do Estado de São Paulo).

Segundo o levantamento, pelo menos 96 de 139 envolvidos morreram antes de serem condenados ou denunciados pelas violações das quais tenham participado. O número equivale a 69% e foi calculado sob a coordenação da professora Carla Osmo. A conta não inclui suspeitos que não são citados em denúncias.

O projeto envolveu as alunas Isabelle Macedo Gaiatto, Isadora Coelho Lemos e Carvalho e Sophia Bianchim de Camargo e foi solicitado pelo Conectas Direitos Humanos. Os resultados surgem em um contexto de reco-

nhecimento da incapacidade do país em punir fatos durante o regime que vigorou de 1964 a 1985.

Em dezembro, foi tornada pública decisão da Corte Interamericana de Direitos Humanos que condenou pela terceira vez o Brasil por violações de direitos humanos na ditadura. Em 2010, o país foi condenado por fatos ocorridos e não apurados durante a Guerrilha do Araguaia, entre a décadas de 1960 e 1970. Posteriormente, em 2018, a corte condenou o Brasil pelo assassinato de Vladimir Herzog, em 1975.

O caso de 2025 tratou da tortura e do assassinato de Eduardo Leite, o Bacuri, além das torturas sofridas por sua então companheira, Denise Crispim, grávida à época dos fatos. A filha do casal, Eduarda, e o companheiro de Denise após o falecimento de Bacuri, Leonardo Ditta, também figuram na ação.

O Ministério Público Federal já havia arquivado duas investigações criminais sobre o caso. A



Ato inter-religioso na Catedral da Sé em memória aos 50 anos da morte de Vladimir Herzog Eduardo Knapp - 25.out.25/Folhapress

primeira foi enterrada em 2013, sob o argumento de prescrição dos crimes levantados. No segundo caso, encerrado em 2024, a justificativa foi a morte de possíveis autores, a idade elevada ou a impossibilidade de contatá-los.

Segundo a pesquisa coordenada por Osmo, o órgão apresentou 53 denúncias entre 2012 e 2022. Dessas, 32 foram rejeitadas com base na Lei de Anistia. Além disso, das denúncias admitidas, nenhuma resultou em condenação dos acusados, e as duas condenações em primeira instância foram posteriormente revertidas.

O levantamento aponta que há, no mínimo, 10 recursos pendentes no STF, e 9 foram concentrados em quatro repercussões gerais. Uma está sob a relatoria de Flávio Dino (tema 1.369) e fala sobre a impossibilidade de aplicação da Lei da Anistia a crimes como ocultação de cadáveres.

Renan Quinalha, também professor de direito da Unifesp, afirma que há uma certa dificuldade em compreender “a abrangência e o alcance” dos impactos da ditadura. Ele comemora que a CIDH tenha reconhecido as violações que Denise sofreu como um caso de violência contra a mulher.

política

Lula deixa a direita no chinelo, mas há erros

Correios, INSS e contas públicas são problemas para o governo em 2026

Marcos Augusto Gonçalves

Editor da Ilustríssima, formado em administração de empresas com mestrado em comunicação pela UFRJ. Foi editor de Opinião

Embora as pesquisas de intenção de voto mostrem que Lula vai deixando, em todos os sentidos, a direita no chinelo, o governo, com méritos a reconhecer, está longe de ser uma maravilha — como mencionei na coluna passada ao comentar problemas do chamado mercado e da oposição no cenário para 2026.

Mesmo entre progressistas, alguns equívocos de Lula 3 chamam a atenção. São conhecidas, por exemplo, as reações ao descaso do presidente em relação à diversidade, com a escassa indicação de negros e mulheres para funções de maior destaque. Ambientalistas também têm seus motivos para críticas, caso da polêmica exploração de petróleo na Foz do Amazonas, para ficar no mais clamoroso.

Além desses, ao menos três temas deixam Lula especialmente exposto para o ano eleitoral. E dão corda para a má vontade de setores da iniciativa privada com o petista. São eles: Correios, INSS e contas públicas.

No caso dos Correios, foi um equívoco retirar a estatal do programa de privatização. Por quê? Cláusulas contratuais na venda da empresa poderiam assegurar o atendimento universal. Em qualquer hipótese, os custos governamentais seriam significativamente reduzidos ou eliminados, sem prejudicar a população.

Temos uma empresa muito mal gerida, fossilizada, que terá um empréstimo bilionário para, quem sabe, tentar sair do buraco, e com a garantia do Tesouro —ou seja, de recursos públicos.

Os Correios são um cabidão mal ajambrado que serve de moeda de troca para a política rasteira. Esse é o motivo da proteção.

As vistas grossas para o loteamento do Estado também ajudaram no escândalo do INSS. “Ah, mas começou com Bolsonaro”... Sim, só que continuou e piorou com Lula. Virou um cafofão do PDT e das vizinhanças, enredado em fraudes bilionárias.

Quanto às despesas públicas, não se trata apenas de fiscalismo delirante ou do pouco caso com o bem-estar dos desfavorecidos. Será preciso corrigir rumos. Não adianta o proselitismo do “não vamos deixar o andar de baixo pagar o ajuste”. Sim, é necessário taxar e cortar benesses da cobertura, mas não basta. Qualquer análise razoável do quadro em curso —e não é de hoje— evidencia uma trajetória insustentável. Os recursos são limitados, não é boa política brigar com as contas.

Não se trata de dar um “cavalo de pau”, mas de reequilibrar a política fiscal e evitar que a dívida pública prossiga em rota de crescimento. O governo não teria de deixar de gastar, mas controlaria o ritmo. É consenso que os reflexos na Previdência da regra de indexação dos aumentos reais do salário mínimo são uma cilada —como também são problemáticos os ajustes dos mínimos constitucionais para saúde e educação.

Em tese, não estaria tão longe do alcance do presidente uma sinalização que melhorasse a conversa com parte do mercado e da direita pragmática, ainda mais com uma possível candidatura biruta do outro lado. Lula, na pior hipótese, é conhecido e mais previsível.

Para 2026 não se espera nenhuma catástrofe fiscal, tampouco que o governo vá equilibrar as finanças. Mudanças serão cobradas na disputa, mas devem mirar um 2027 com menos incertezas. As respostas que virão podem facilitar ou dificultar a trajetória de Lula e serão cruciais para o novo ciclo, com ou sem o petista.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha / Lara Mesquita TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) após cirurgia de correção de hérnia, em Brasília Reprodução/Carlos Bolsonaro no X

Ex-presidente passa bem por cirurgia, e novo procedimento contra soluços será avaliado

Correção de hérnia é realizada em cerca de 3 h; ex-presidente deve ficar internado de 5 a 7 dias, e médicos não opinam sobre prisão domiciliar

Raquel Lopes

BRASÍLIA Jair Bolsonaro (PL) passou por uma cirurgia de correção de hérnia inguinal bilateral nesta quinta-feira (25) sem intercorrências, segundo os médicos responsáveis pela operação. O procedimento ocorreu como previsto, e o ex-presidente deve ficar internado de cinco a sete dias.

“Ele tomou anestesia geral, já está acordado e no quarto”, afirmou o cirurgião Cláudio Birolini. “Nos próximos dias, os cuidados serão voltados para analgesia, fisioterapia e profilaxia de tromboembolismo venoso.”

Na segunda-feira (29), os médicos vão avaliar se Bolsonaro deve ser submetido a um novo procedimento, desta vez para amenizar as crises de soluço. Segundo o cardiologista Brasil Ramos Caiado, o quadro tem causado cansaço extremo e prejudicado o sono do ex-presidente. A condição tem relação direta com uma esofagite severa, associada à gastrite e ao refluxo gastroesofágico.

Bolsonaro cumpre pena de prisão por tentativa de golpe de Estado e precisou de autorização do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), para deixar temporariamente o cárcere, na Superintendência da Polícia Federal.

Questionados sobre a possibilidade de prisão domiciliar ou retorno à PF, os médicos afirmaram que qualquer opinião sobre o assunto é precoce e imprudente no momento, devendo-se observar a evolução passo a passo.

“Ele precisa estar bom o suficiente para o autocuidado, tomar banho, se vestir, comer. Nesse momento, para tomar banho, ele precisa de ajuda”, dis-

se Birolini.

O procedimento, realizado no hospital DF Star, em Brasília, começou por volta das 9h40 e terminou cerca de três horas depois, sem intercorrências.

Os médicos disseram que a hérnia do lado esquerdo estava em uma fase inicial, e a condição era mais avançada do lado direito. No entanto, a equipe realizou a correção de ambos os lados simultaneamente para evitar que a hérnia esquerda progredisse e exigisse nova intervenção cirúrgica.

O procedimento envolveu o reforço da parede abdominal com o uso de uma tela de polipropileno (material plástico).

A hérnia inguinal é uma condição em que um tecido do abdômen incha e faz aparecer uma protuberância na região da virilha. Bolsonaro foi internado na véspera do Natal, para passar por exames pré-operatórios, que confirmaram que o ex-presi-

dente estava apto a ser operado.

Caso seja necessário ação invasiva para o soluço, ela será feita com avaliação de ultrassom e a injeção de uma substância anestésica, com corticoide. O procedimento consiste no bloqueio anestésico do nervo frênico. Uma anestesia do nervo que enerva o diafragma. Ele não é considerado cirúrgico.

Após o procedimento, familiares de Bolsonaro se manifestaram nas redes sociais. A ex-primeira-dama Michelle agradeceu à equipe médica. Carlos, filho de Bolsonaro, publicou mensagem criticando o número de policiais mobilizados para acompanhar a cirurgia e toda a movimentação no entorno. “Ultrapassa qualquer limite que qualquer ser humano consideraria razoável — é algo absolutamente inacreditável e constrangedor”, afirmou.

Apoiadores estiveram do lado de fora do hospital onde Bolsonaro está internado e fizeram orações. Eles levaram bandeiras do Brasil para o local. Do lado de fora do hospital também havia policiais militares.

Moraes autorizou o ex-presidente a receber visitas de sua mulher, Michelle, e de seus filhos Flávio, Carlos, Jair Renan e Laura enquanto estiver internado. O ministro do STF, porém, proibiu o porte de celulares, computadores e outros aparelhos eletrônicos.

Eduardo Bolsonaro, também filho do ex-presidente da República, não consta da decisão de Moraes. Eduardo está nos Estados Unidos desde o início deste ano.

Moraes autorizou a cirurgia de Bolsonaro nesta semana, após a perícia médica da PF afirmar que o ex-presidente, de fato, precisaria ser submetido a cirurgia eletiva com rapidez.

“Ele precisa estar bom o suficiente para o autocuidado, tomar banho, se vestir, comer. Nesse momento, para tomar banho, ele precisa de ajuda

Cláudio Birolini
cirurgião sobre volta do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) à Polícia Federal após cirurgia que corrigiu hérnia inguinal bilateral

Bolsonaro confirma em carta Flávio candidato em 2026 e cita ‘continuidade’

Texto lido por filho em hospital fala em ‘decisão consciente’ e legítima e em ‘desejo de preservar a representação’ do ex-presidente

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) confirmou, em uma carta divulgada no hospital em que está internado para uma cirurgia, a indicação do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) como pré-candidato à Presidência da República em 2026.

No texto, o ex-presidente fala em “continuidade” e cita batalhas que enfrenta. Ele está preso na Superintendência da Polícia Federal em Brasília, cumprindo pena por tentativa de golpe.

“Diante desse cenário de injustiça, e com o compromisso de não permitir que a vontade popular seja silenciada, tomo a decisão de indicar o Flávio Bolsonaro como pré-candidato à Presidência da República em 2026”, diz Bolsonaro na carta.

A carta foi lida por Flávio na porta do Hospital DF Star, onde Bolsonaro está internado após passar por uma cirurgia para correção de hérnia nesta quinta-feira (25), dia do Natal.

O senador afirmou que a divulgação do texto tem o objetivo de encerrar dúvidas sobre a decisão de Bolsonaro de indicá-lo para disputar a Presidência em 2026. O anúncio anterior havia sido feito por Flávio no dia 5 de dezembro e confirmado pelo

PL, provocando resistências em grupos políticos próximos do ex-presidente e até em sua família.

“Trata-se de uma decisão consciente, legítima e amparada no desejo de preservar a representação daqueles que confiaram em mim”, escreve o ex-presidente.

Bolsonaro diz ainda que Flávio representa “a continuidade do caminho da prosperidade” que teria sido iniciado antes mesmo de se tornar presidente. “Acredito que precisamos retomar a responsabilidade de conduzir o Brasil com justiça, firmeza e lealdade aos anseios do povo brasileiro”, afirma.

“Entrego o que há de mais valioso na vida de um pai: o próprio filho para a missão de resgatar o nosso Brasil.”

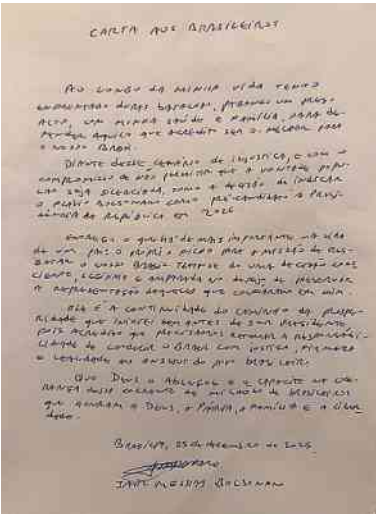
Nas últimas semanas, Flávio vinha trabalhando pela divulgação de uma declaração de viva voz de Jair Bolsonaro em relação à pré-candidatura. Nos cálculos do senador, esse gesto seria feito em uma entrevista ao Metrôpoles, no dia 23 de dezembro, que foi cancelada horas antes de ocorrer.

A carta é vista por aliados de Flávio como uma alternativa para levar a público a palavra de Bolsonaro e desestimular movimentos que buscam a desistência do senador como pré-candidato.



O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), pré-candidato ao Planalto, em entrevista em Brasília Adriano Machado - 19.dez.25/Reuters

Carta escrita pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) sobre a indicação do filho como candidato a presidente Reprodução



Partidos do centrão, empresários e integrantes do mercado financeiro ainda trabalham pela construção de uma candidatura presidencial do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos). Esses grupos preferem seu nome ao de Flávio e temem que índices de rejeição ao senador possam levar a direita a uma derrota em 2026.

Flávio, por sua vez, diz avaliar que o sobrenome Bolsonaro representa uma vantagem nas urnas, e tenta divulgar seu próprio nome como uma versão moderada do pai. O apoio declarado do ex-presidente seria uma maneira de deixar claro ao eleitorado bolsonarista que não há alternativas em construção.

Bolsonaro está pronto para ser submetido à cirurgia. A equipe médica avaliou que o político está apto para ser submetido ao procedimento, que tinha previsão de início às 9h e duração de cerca de quatro horas. A estimativa inicial é que ele fique internado de cinco a sete dias para acompanhamento após a cirurgia.

Bolsonaro saiu pelos fundos da unidade da PF na quarta-feira (24) e, por volta das 9h30, foi escoltado por um comboio até o hospital, em um trajeto que durou cerca de cinco minutos. O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), autorizou a realização da cirurgia para correção de hérnia inguinal bilateral, condição em que um tecido do abdômen incha e faz aparecer uma protuberância na região da virilha. Além da cirurgia de correção da hérnia, os médicos avaliam submeter Bolsonaro a um procedimento anestésico, com bloqueio do nervo frênico, para controlar as crises de soluço, no começo da próxima semana.

“A gente vai reavaliar essa situação e ver se convém fazer esse bloqueio anestésico, que é um procedimento seguro, mas que não é o padrão para o tratamento de soluço”, disse o cirurgião Claudio Birolini.

Com senador na disputa ao Planalto, Tarcísio reforça discurso de reeleição com entregas antes de férias

Bruno Ribeiro

SÃO PAULO O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) termina 2025 reforçando à sua equipe que disputará a reeleição no ano que vem e pedindo pressa na conclusão de projetos, enquanto parte de seus principais aliados ainda espera uma reviravolta que o leve à Presidência.

Desde que o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) se lançou pré-candidato contra Lula (PT), com apoio do pai, Jair Bolsonaro (PL), o governador vem dizendo a interlocutores que nunca assumiu querer o Palácio do Planalto em 2026, reafirmando que seu objetivo é se reeleger governador.

Tarcísio tirará férias, a partir desta sexta (26), até 11 de janeiro. A folga vem depois de uma reta final com agendas públicas diárias na capital e na Grande São Paulo, áreas em que foi mal nas

eleições passadas, para entregar obras e renovar promessas.

No sábado (20) e na terça-feira (23), ele participou de eventos para entregar moradias populares no litoral e em Guarulhos, um viladuto estaiado no ABC, parte do trecho norte do Rodoanel e o piscinão Jaboticabal, projetado para conter enchentes entre a capital e as vizinhas São Caetano e São Bernardo do Campo.

Em todos os eventos, o governador parou para tirar fotos, fez discursos prometendo novas linhas de metrô e, no Rodoanel e no piscinão, aproveitou para destacar que seu governo “combate a corrupção”, associando atrasos nos projetos à Operação Lava Jato e a adversários petistas.

No Rodoanel, Tarcísio concluiu um edital da gestão anterior. O piscinão Jaboticabal também teve início antes, e seus atrasos foram atribuídos pelo então gover-

✚
Felício Ramuth governará SP por 17 dias
Com as férias de Tarcísio de Freitas (Republicanos), o vice-governador Felício Ramuth (PSD) assumirá a administração do estado por 17 dias. Segundo aliados do governador, é o preferido para a concorrer à sucessão, caso o governador ainda concorra à Presidência, ou para continuar na vice da chapa à reeleição. Tarcísio deve viajar aos Estados Unidos.

nador João Doria à gestão Bolsonaro, da qual o governador fazia parte. Essas informações ficaram de fora do discurso.

Aliados afirmaram à Folha que Tarcísio já havia indicado querer um fim de ano com entregas para mostrar, mas ressaltam que a ênfase na reeleição cresceu após a pré-candidatura de Flávio. A ordem para agilizar a conclusão de projetos foi direcionada especialmente a secretários que devem deixar os cargos para concorrer ao Legislativo no ano que vem — que Tarcísio quer fora do governo ainda em janeiro.

Contudo, no círculo mais próximo de Tarcísio, a permanência do governador em São Paulo ainda não é tida como certa por unanimidade — aliados ainda veem chance de Flávio desistir da candidatura presidencial.

Colaborou Ana Luiza Albuquerque, de São Paulo

EX-PRIMEIRA-DAMA Michelle cita ‘traição de pessoas mais próximas’ em discurso de Natal

SÃO PAULO Emulando o rito de pronunciamento oficial do presidente da República na noite de Natal, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) divulgou nesta quarta-feira (24) discurso sobre a necessidade de renovação e citou “traições, ainda que venham das pessoas mais próximas”.

O discurso de Michelle se deu no mesmo horário do pronunciamento de Natal do presidente Lula (PT).

“Não se deixem abater pelas maldades, perseverem apesar das traições, ainda que venham das pessoas mais próximas. Sigam em frente deixando de lado as decepções e creiam sempre que tudo, absolutamente tudo, está no comando do nosso amado Deus”, afirmou.

Ana Gabriela Oliveira Lima

Acareação convocada por Toffoli deve mirar atuação do BC no caso Master

Audiência pode levar órgão regulador para foco da investigação; Procuradoria viu precipitação na medida e pediu suspensão, mas ministro negou solicitação

Mariana Carneiro

BRASÍLIA A acareação convocada por Dias Toffoli, do STF (Supremo Tribunal Federal), no inquérito sobre irregularidades envolvendo o Banco Master terá como um de seus focos a atuação do Banco Central. A audiência pode levar o órgão regulador para o centro do caso.

Toffoli teria indicado a integrantes de seu gabinete que pretende esclarecer o momento em que o BC tomou conhecimento das suspeitas sobre as operações do Master, as medidas na fiscalização do mercado de títulos bancários e determinar eventuais responsáveis por falhas nesse processo.

O ministro convocou Daniel Vorcaro, dono do Banco Master, Paulo Henrique Costa, ex-presidente do BRB (Banco de Brasília), e Ailton de Aquino, diretor de Fiscalização do BC, para uma audiência no dia 30 de dezembro, em pleno recesso do Judiciário.

O formato põe em confronto Vorcaro e Costa, que são investigados, e Aquino, um dos responsáveis no órgão regulador pela fiscalização da atuação do Master e do BRB. A acareação foi determinada diretamente pelo ministro, sem um pedido anterior de investigadores.

A convocação da acareação contrariou integrantes do BC e provocou uma reação da PGR (Procuradoria-Geral da República). O procurador-geral Paulo Gonet pediu a suspensão da audiência, sob o argumento de que sua realização seria precipitada antes da tomada de depoimentos individuais, mas Dias Toffoli negou o pedido sob o argumento de que existem informações divergentes nos autos do inquérito.

Procurado pela reportagem, o BC disse que não se manifestaria sobre o assunto. Interlocutores afirmam que a determinação de Toffoli foi recebida com naturalidade pelo diretor da autoridade monetária, que se colocou à disposição para prestar as informações solicitadas.

Advogados que acompanham o caso apontam, por sua vez, que a realização de acareações é pouco comum antes que sejam tomados depoimentos individuais e apontadas contradições objetivas entre os personagens.

A audiência deve ser conduzida por um juiz auxiliar do gabinete de Toffoli, a partir de perguntas elaboradas pelo ministro. Os depoimentos serão gravados em vídeo e devem ficar em sigilo, como determinou o magistrado depois que assumiu a relatoria do caso.

Um dos objetivos de Toffoli é colher informações sobre os alertas que teriam sido feitos à direção do Banco Central sobre a atuação do Master e também sobre a produção de R\$ 12 bilhões em crê-



Dias Toffoli, responsável pelo caso Master no STF, em sessão na corte Gustavo Moreno - 13.nov.25/STF

ditos que os investigadores apontam como fraudulenta.

O ministro indicou que pretende saber se o BC tomou providências para evitar a expansão do Master com base na venda agressiva de CDBs com seguro do FGC (Fundo Garantidor de Créditos) comprando, do outro lado, ativos de baixa ou nenhuma liquidez, o que resulta numa operação de elevado risco para o sistema bancário.

Operadores do mercado financeiro afirmam que os bancos fizeram pelo menos 38 alertas ao Banco Central sobre a atuação do banco de Vorcaro.

Toffoli pretende confrontar a diretoria do BC com diversos relatórios produzidos pela própria instituição e juntados aos autos do processo, para esclarecer se houve falhas de fiscalização. O diretor Ailton de Aquino é o responsável por essa área no órgão regulador.

A análise da venda do Master para o BRB provocava divergências dentro do Banco Central. A diretoria comandada por Aquino tinha o papel de fiscalização bancária e, portanto, da avaliação do mercado de títulos que impulsionou o Master. Já a área de organização do sistema financeiro, sob o diretor Renato Gomes, avaliava as condições da venda para o BRB, que por fim foi negada pelo BC.

Até o momento, nenhum integrante do Banco Central é investigado no inquérito sob responsabilidade de Toffoli.

A atuação do STF no caso Master está sob questionamentos após o jornal O Globo noticiar que o ministro Alexandre de Moraes procurou o presidente do BC, Gabriel Galípolo, para tratar da venda do Master para o BRB.

A colunista Mônica Bergamo informou, na *Folha*, que teria havido pressão também sobre a Polícia Federal. Moraes nega e afir-

ma que a conversa com Galípolo girou em torno da aplicação da Lei Magnitsky. O diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues, nega ter falado sobre o Master com Moraes.

Antes de o caso ser distribuído a Toffoli, o ministro viajou no dia 28 de novembro a Lima, no Peru, para a final da Copa Libertadores, em um jato particular onde também estava um dos advogados que atendem a um diretor do Master.

Daniel Vorcaro, que chegou a ser preso e hoje usa tornozeleira eletrônica, é um empresário com influência e canal direto com autoridades em Brasília, como o senador Ciro Nogueira (PP-AL). O Globo também mostrou que Vorcaro contratou o escritório da mulher de Moraes para atuar na defesa do banco, num contrato de R\$ 129 milhões.

Toffoli é relator no STF do inquérito sobre fraudes na negociação de venda do Master para o BRB, numa operação que envolveria uma carteira falsa de créditos de R\$ 12,2 bilhões, segundo a Polícia Federal.

Em dezembro, Toffoli decidiu que o caso deveria subir ao STF, saindo da primeira instância. Dessa forma, as diligências relacionadas à investigação contra Vorcaro e o Master estão sob sua responsabilidade.

Na semana passada, o ministro do TCU (Tribunal de Contas da União) Jhonatan de Jesus determinou que o BC explique os motivos que levaram o regulador a decidir liquidar o Master. A corte de contas vê o ato como uma medida extrema e avalia que o BC deveria ter considerado soluções menos onerosas.

Foi dado um prazo de 72 horas para que a autoridade monetária explique a decisão. A contagem teve início nesta terça (23) e deve vencer apenas na próxima semana, visto que não há expediente entre 24 e 26 de dezembro.

Confronto antes de depoimentos é inoportuno, dizem criminalistas

SÃO PAULO A decisão do ministro Dias Toffoli, do STF (Supremo Tribunal Federal), de convocar uma acareação antes que investigados e testemunhas prestem depoimentos individuais no caso do Banco Master é classificada como “inoportuna” e “estranha” por advogados criminalistas.

“Como os envolvidos ainda não foram ouvidos individualmente, não há divergências. A acareação neste momento é inoportuna”, diz Marcelo Cavali, doutor em direito penal e ex-juiz instrutor do gabinete de Luís Roberto Barroso no STF.

O CPP (Código de Processo Penal) condiciona a acareação à existência de divergências em “declarações prestadas”. Toffoli argumenta que há contradições nos autos.

Como o inquérito está sob sigilo, é impossível saber quais são as contradições, diz o criminalista e professor da Faap (Fundação Armando Álvares Penteado) Alberto Toron.

Para ele, essa antecipação “causa estranheza”. O sistema acusatório previsto no pacote anticrime, de 2019, delega ao Ministério Público a responsabilidade de produzir provas.

Na convocação, o ministro do STF mencionou o artigo 156, que permite que o juiz ordene, de ofício, a produção antecipada de provas mesmo antes de iniciada a ação penal.

Os advogados ouvidos pela *Folha*, porém, afirmam que deve prevalecer a regra mais recente que alterou o modelo processual e investigatório brasileiro há seis anos.

Além disso, o STF consolidou, em 2023, que o sistema brasileiro é estritamente acusatório. Isso significa que o juiz deve ser um “espectador garantista” e não um “protagonista da prova”, diz o acórdão.

“Na ocasião, o tribunal consolidou o entendimento de que o magistrado deve tão somente fiscalizar a escorrelta aplicação da lei às partes”, afirma Jaime Fusco, sócio do Almeida & Fusco.

Esse argumento não se enquadrou no inquérito das fake news por uma questão de temporalidade, uma vez que o ministro Alexandre de Moraes abriu as investigações de ofício em 2019 —ou seja, antes do atual entendimento do STF.

Outro ponto questionado foi a escolha do dia 30 de dezembro para a audiência. Tradicionalmente, medidas tomadas no recesso do Judiciário limitam-se a casos de urgência, como pedidos de liberdade ou medidas cautelares para evitar a perda iminente de provas.

“A ordenação da produção antecipada de provas está restrita ao que for considerado urgente —o que não parece ser o caso”, afirmou Cavali. Pedro S. Teixeira



Quem é quem na acareação sobre o Banco Master



DANIEL VORCARO
Controlador do Master. Foi preso em novembro, suspeito de tentar deixar o país em meio à investigação sobre o banco; foi solto e usa tornozeleira



AILTON DE AQUINO
Diretor de Fiscalização do BC desde 2023; participou de reuniões com Vorcaro durante a análise da venda do Master ao BRB, que acabou vetada



PAULO HENRIQUE COSTA
Ex-presidente do BRB, foi demitido do cargo em novembro após operação policial investigar transação com o Master

PAINEL S.A.

Stéfanie Rigamonti
painelsa@grupofolha.com.br

Deputados querem Sanepar na mira da CVM

Os deputados estaduais do Paraná Requião Filho e Arilson Chiorato se preparam para acionar a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) para pedir investigação sobre um suposto esquema de “vaquinha” irregular junto a funcionários comissionados (com indicação política) da Sanepar. Áudios vazados mostram conversas entre o ex-gerente da estatal Rafael Malaguido e Jaime Antônio de Camargo Ferreira, que foi assessor do atual secretário das Cidades, Guto Silva, com pedido de arrecadação de dinheiro para cobrir dívida de R\$ 4 milhões referente à última campanha eleitoral do governador do estado, Ratinho Jr.

HIERARQUIA Em um dos áudios, Malaguido diz que afirmou a um terceiro que “teu chefe sou eu, o Rafael, e é o Guto [sinalizando in-

dicação política] (...), nem o Cláudio Stabile é teu chefe”. Stabile foi CEO da Sanepar de 2019 a 2024, e atualmente é presidente da agência de fomento do Paraná.

TIRO PARA TODOS OS LADOS Além de prepararem denúncia junto à CVM, os parlamentares já enviaram ofício para a Superintendência Regional da Polícia Federal do Paraná pedindo abertura de inquérito para apurar atos ilegais, como a prática de crimes eleitorais, com posterior instrução para abertura de procedimento no Ministério Público Federal.

NÃO NEGOU A Sanepar disse em nota que os áudios em questão são de 2021 e que já foram objeto de uma operação realizada pelo Ministério Público do estado, que contou com a colaboração da estatal, inclusive com documentos

internos. “Os envolvidos foram demitidos por justa causa e respondem a processos conduzidos pelo Poder Judiciário.”

É COMPLÔ A assessoria de Ratinho Jr. disse em nota que a denúncia é antiga e foi ressuscitada pelo PT do Paraná. “Trata-se, portanto, de pauta velha, sem fato novo.”

UÉ? Questionado sobre o fato de o atual secretário Guto Silva ter sido citado nos áudios, o governo, por meio de sua assessoria, não respondeu. Disse apenas esperar que a reportagem não tome os áudios como fato antes de ouvir o Judiciário. A reportagem pediu acesso ao processo no Ministério Público que a Sanepar mencionou, mas não obteve resposta. Consultado, o Ministério Público do estado não se manifestou até a publicação da reportagem.

TODOS À MESA Depois de conseguir mobilizar o iFood, agora a startup Connecting Food cobra que as plataformas de delivery recém-chegadas ao Brasil 99Food e Keeta participem das discussões sobre sua responsabilidade em reduzir o desperdício no Brasil. A Connecting usa tecnologia para ligar negócios do setor de alimentos a instituições que distribuem sobras de comida ideais para consumo à população carente. Entre os clientes da empresa estão gigantes como GPA, Carrefour Brasil, Assaí, Accor e Bauducco.

LÁ VÊM ELES DE NOVO Após idealizar o resort Campo Bahia —que hospedou a seleção alemã da histórica derrota do 7 a 1 sobre o Brasil—, o empresário Stefan Gast agora está liderando um outro projeto imobiliário no mesmo local, em Santa Cruz Cabralia, cidade histórica no sul da Bahia, na Costa do Descobrimento. Batizado de Yond, o empreendimento é preparado para receber alguma seleção internacional na Copa do Mundo feminina de 2027, que acontecerá no Brasil.

FONTE DE RECURSOS Com investimentos previstos de R\$ 1,8 bilhão a R\$ 2 bilhões, o banco BTG Pactual será responsável pela coordenação da constituição e da estruturação do fundo imobiliário que levantará recursos para o projeto. A liderança arquitetônica ficará sob a direção de Sandro Pretti. A incorporadora que realizará o projeto ainda está sob análise. As obras devem começar no primeiro trimestre de 2026.

com Luana Franzão

Lula formaliza exoneração de diretores do BC a partir de 1º de janeiro

Nathalia Garcia

BRASÍLIA O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) formalizou a exoneração dos diretores do Banco Central Diogo Guillen (Política Econômica) e Renato Gomes (Organização do Sistema Financeiro e de Resolução) a partir de 1º de janeiro de 2026.

O ato foi publicado no DOU (Diário Oficial da União) na quarta-feira (24).

Como mostrou a **Folha**, os dois diretores decidiram deixar os cargos ao término dos respectivos mandatos, em 31 de dezembro. Eles são os dois últimos diretores do BC nomeados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

A legislação estipula que o prazo de gestão dos diretores se estende até a posse dos sucessores nos respectivos cargos. No entan-

to, os próprios diretores podem pedir exoneração dos postos. Na prática, fica a critério deles ampliar ou não o tempo de permanência na cúpula do BC após o término dos mandatos.

As atividades da dupla serão absorvidas temporariamente por membros da diretoria do BC.

Paulo Picchetti, que hoje comanda a área de assuntos internacionais, ficará interinamente no lugar de Guillen. No entanto, o posto ficará sob a guarda de Nilton David (Política Monetária) na primeira semana de janeiro, quando Picchetti estará de férias.

Gilneu Vivan, diretor de Regulação, vai acumular as funções da diretoria de Organização do Sistema Financeiro e de Resolução.

Como os substitutos de Guillen e Gomes ainda não foram indicados por Lula, o Copom (Co-

mitê de Política Monetária) terá dois desfalques na primeira reunião do ano que vem, nos dias 27 e 28 de janeiro.

A situação não é inédita. Em maio de 2023, por exemplo, o Copom discutiu o patamar da taxa básica de juros (Selic) também com dois participantes a menos.

A saída de Guillen e Gomes não deve afetar a estratégia do BC para a trajetória dos juros, visto que todas as decisões tomadas neste ano foram por unanimidade.

Em 2025 houve a troca de três integrantes, e o Copom passou a ser composto majoritariamente por representantes indicados por Lula, com sete dos nove membros.

O último racha no comitê ocorreu em maio de 2024, gerando ruídos que arranharam a credibilidade da autoridade monetária.

+
Copom se reúne em janeiro sob expectativas

O Copom se reúne no fim de janeiro em meio a apostas de quando a taxa Selic começará a cair. Parte do mercado vê chances de redução nos juros já na primeira reunião do ano. Outros jogam fichas para o encontro de março. O presidente do BC, Gabriel Galípolo, disse na semana passada que não há decisão tomada.

Desde então, houve um esforço para a construção de consenso dentro do colegiado do BC.

O governo deixou para 2026 a indicação dos novos nomes para a cúpula do BC devido ao clima conturbado entre Executivo e Senado e ao prazo apertado até o fim do ano legislativo, encerrado na última segunda (22).

A lei da autonomia do Banco Central, aprovada em 2021, estabelece que a indicação dos diretores cabe ao presidente da República.

Posteriormente, os escolhidos passam por sabatina e votação na CAE (Comissão de Assuntos Econômicos) do Senado. Os nomes, então, são levados ao plenário da Casa para aprovação.

O próximo ano legislativo só terá início no dia 2 de fevereiro de 2026.



FAZENDO UM PGBl BRADESCO

ATÉ 28/12/2025, VOCÊ PODE DEDUZIR ATÉ 12% DA SUA RENDA BRUTA ANUAL TRIBUTÁVEL NO IR DE 2026.



bradesco
vida e previdência
Com Você. Sempre.



Bradesco Vida e Previdência S.A. CNPJ 51.990.695/0001-37. A aprovação do plano pela SUSEP não implica, por parte da Autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. Possibilidade de opção pelo critério de tributação por alíquotas decrescentes (regime regressivo). Informamos os tributos incidentes sobre Prêmios ao Seguro de Vida com Cobertura por Sobrevida - PIS: 0,55% (*); COFINS: 4,00% (*); IOF: entre 0% e 7,38% (*), sobre as Contribuições à Previdência Privada e ao FAPI - PIS: 0,65% (*) e COFINS: 4,00% (*) e sobre a Taxa de Administração - PIS: 0,65% (*); COFINS: 4,00% (*) e ISS: de 2% a 5% (*). (*) Apurados e recolhidos nos termos da legislação aplicável. O regulamento poderá ser consultado no portal da SUSEP, na rede mundial de computadores. Os direitos e as obrigações das partes estão definidos na Proposta e no Regulamento do plano contratado. Os beneficiários de aposentadoria ou pensão dos regimes mencionados ficam dispensados da regra de recolhimento de contribuição no Regime Geral ou Próprio de Previdência Social para fins de dedução das contribuições do PGBl. Estão elegíveis para a dedução fiscal a partir de aportes de PGBl, até o limite de 12% da renda bruta anual tributável, as pessoas físicas que fazem declaração completa de IR e que contribuem para a previdência social.

economia

Justiça suspende licenciamento da Samarco e cita mudanças climáticas

Juíza acatou argumentos de que mineradora não projetou riscos futuros atrelados ao aquecimento global; **OUTRO LADO** Empresa diz não ter sido notificada da decisão

Pedro Lovisi

SÃO PAULO Em uma decisão inédita, a Justiça Federal suspendeu na semana passada o licenciamento ambiental que a mineradora Samarco havia conseguido com órgãos reguladores de Minas Gerais para ampliar seu complexo mine-rário em Mariana –o mesmo que colapsou em 2015, matando 19 pessoas e causando o maior desastre ambiental do país.

Na decisão, a juíza Patrícia Alencar Teixeira de Carvalho acatou argumentos de organizações da sociedade civil de que a mineradora não considerou, em seu estudo de impacto ambiental, um volume de chuvas atípico que pode ser gerado pelo aquecimento global. Essa é a primeira vez que o poder Judiciário suspende o licenciamento ambiental de um projeto minerário citando riscos atrelados às mudanças climáticas.

Por meio de nota, a Samarco disse que não foi intimada da decisão. “Confiemos na legalidade e na legitimidade do processo de licenciamento do projeto de longo prazo conduzido pelos órgãos competentes, certos de que sua robustez técnica e conformidade legal serão confirmadas”, afirmou. A empresa pode recorrer.

A Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais também afirmou que não foi notificada da decisão e que “reitera seu compromisso com a correta aplicação das normas ambientais, com o fortalecimento da gestão municipal e com a proteção do meio ambiente”.

A ação foi protocolada em julho pelo coletivo Loucos por Bento, formado por ex-moradores do distrito de Bento Rodrigues, um dos dois que foram destruídos pela enxurrada de lama há dez anos. Com pareceres técnicos de organizações ambientais, os autores argumentaram que o estudo de impacto do projeto Longo Prazo, da Samarco, leva em conta apenas séries históricas de precipitação, subestimando a probabilidade de chuvas futuras serem mais fortes.



Usina de concentração de minério da Samarco em Mariana (MG) Otávio Honorato/Divulgação

O processo de licenciamento ambiental para atividades mine-rárias em Minas Gerais não exige a apresentação dessas estimativas. A legislação, apoiada em uma resolução de 2022 da ANM (Agência Nacional de Mineração), prevê que as empresas das dos empreendimentos a serem licenciados calculem, com base em uma base de dados pré-existente, qual foi a chuva máxima na região nos últimos 10 mil anos –e é esse índice que baseia a análise técnica sobre qual deve ser a rigidez das estruturas instaladas.

Em Minas Gerais, essas avaliações são feitas por órgãos ligados ao governo estadual.

No caso do projeto da Samarco, relatório técnico encomendado pelo Ministério Público de Minas Gerais diz que a empresa considerou dados de precipitação em Ouro Preto (cidade vizinha de Mariana) entre 1961 e 1990 para modelar a chuva máxima

provável para a região. Nesse caso, a precipitação máxima foi de 400 milímetros em um dia, abaixo por exemplo do volume registrado em algumas cidades do Rio Grande do Sul durante as enchentes do ano passado e nesta no e do que o registrado no litoral norte paulista em 2023.

“Os estudos ambientais apresentados no processo de licenciamento não consideraram como as mudanças climáticas – com possibilidade de aumento das ocorrências de eventos extremos– afetarão o ciclo hidrológico”, diz o relatório. “Ou seja, não foram elaborados estudos ambientais que utilizam metodologia mais complexa, que integram dados históricos com cenários futuros, e também não foi utilizada a abordagem de adaptação dos efeitos adversos da mudança do clima.”

Um outro relatório acoplado à ação, assinado pelo cientista Mark Chernaik, da Environ-

mental Law Alliance Worldwide, diz haver alto grau de certeza de que o ciclo hidrológico em Minas Gerais durante os anos de 2029-2037 (período de operação do empreendimento que a Samarco quer ampliar) será diferente dos padrões de ciclo hidrológico histórico.

O projeto da Samarco prevê a construção de uma barragem e de uma pilha de rejeitos –essa última é formada por rejeitos secos. O empreendimento é tido como essencial para os planos de expansão da mineradora, uma joint venture entre a Vale e a BHP que, antes da tragédia de Mariana, era uma das maiores produtoras do Brasil de minério de ferro.

De acordo com especialistas, a decisão abre brecha para que outros licenciamentos ambientais sejam revistos pela Justiça, o que poderia desencadear queixas de mineradoras.

“A falta de previsibilidade para o setor produtivo tem se tornado um risco muito grande. Eu questiono até que ponto isso precisa ser levado para o Judiciário, porque estamos tirando de um órgão técnico e levando para o Judiciário, que não tem condição técnica”, afirma Regina Barbosa, advogada especialista em direito ambiental e minerário.

“Com o Judiciário intervindo nesse processo, o órgão regulador vai ter que acelerar isso para que as decisões tenham validade, porque isso acaba enfraquecendo a própria autoridade técnica do órgão”, acrescenta.

Na decisão, a juíza pontua que a ação serve ao propósito de questionar a legalidade e a legitimidade de atos já praticados. Ela ainda citou que as barragens de Mariana e Brumadinho que romperam em 2015 e 2019, respectivamente, também haviam sido licenciadas pelo Poder Público seguindo parâmetros técnicos considerados adequados à sua época.

O tom adotado pela juíza foi bastante celebrado por organizações não governamentais e ambientalistas. Julio Grilo, ex-superintendente do Ibama em MG e vice-presidente do Fórum Permanente São Francisco, diz esperar que a decisão influencie outros casos.

“A crise climática tem gerado eventos extremos de chuva com volumes muito superiores aos que estamos acostumados, então estamos lidando com o imprevisível. Mas tem coisas que a gente pode fazer, como no mínimo dobrar os valores que se tem hoje de precipitação nos estudos de impacto”, afirma.

400 mm

é o nível de precipitação máximo levado em conta pela Samarco

450 mm

foi o registrado em poucas horas em cidades do sul do Rio Grande do Sul em janeiro deste ano

683 mm

caíram em Bertioga em apenas 24 horas durante o Carnaval de 2023

Petroleiras veem mercado difícil e cancelam projetos de hidrogênio

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

LONDRES | FINANCIAL TIMES Quase 60 grandes projetos de hidrogênio de baixo carbono, incluindo o “verde”, foram cancelados ou suspensos neste ano. Estão na conta iniciativas das petroleiras BP e ExxonMobil, em meio a custos altos e falta de compradores.

Os empreendimentos cancelados ou paralisados somavam uma

produção anual combinada de 4,9 milhões de toneladas de hidrogênio limpo, segundo dados da S&P Global. Isso equivalente a mais de quatro vezes a capacidade global instalada.

Os atrasos evidenciam os desafios de ampliar uma tecnologia que há muito tempo é vista como peça-chave na redução das emissões de carbono.

“A disposição de pagar qualquer tipo de prêmio verde em tec-

nologias de baixo carbono simplesmente evaporou”, diz Murray Douglas, chefe de pesquisas de hidrogênio da Wood Mackenzie.

A consultoria rastreou mais de 300 iniciativas canceladas, paralisadas ou inativas desde 2020, embora Douglas ressalte que muitas eram especulativas ou de baixa qualidade.

A nascente indústria também foi afetada pela hostilidade do presidente dos EUA, Donald



Entenda o que é hidrogênio verde

Produzido com eletricidade limpa de fontes renováveis para eletrólise da água, separando o hidrogênio do oxigênio. É muito caro devido a custos como de transporte.

Trump, a projetos de energia renovável, o que resultou em cortes a subsídios prometidos por Joe Biden. Países europeus também têm sido lentos na implementação de seus planos.

O hidrogênio de baixo carbono ganhou atenção em 2020 como alternativa para descarbonizar setores como aviação, siderurgia e transporte rodoviário, além de reduzir emissões em refinarias e fábricas.



Ataque cibernético mirou empresa que faz ponte entre instituições financeiras e o Pix Pedro Affonso - 7.nov.24/Folhapress

Bastaram dois jovens com um notebook no DF para roubar R\$ 800 mi, diz chefe da PF

OUTRO LADO Defesas de suspeitos do maior ataque hacker a banco da história do país não foram localizadas; crime ocorreu em 30 de junho

Pedro S. Teixeira

SÃO PAULO O diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues, disse nesta semana que bastou um notebook para que dois jovens fizessem o maior furto a banco da história do país, em um hotel cinco estrelas de Brasília. “Em meia dúzia de comandos, conseguiram desviar R\$ 800 milhões, a maioria, felizmente, recuperada”, afirmou.

O chefe da PF fazia referência ao ataque cibernético que ocorreu em 30 de junho. Foram R\$ 813,79 milhões desviados de contas mantidas junto ao Banco Central, por meio de uma infiltração aos sistemas da C&M Software —empresa que faz a ponte entre instituições financeiras e o Pix. O assalto ao Banco Central em Fortaleza no ano de 2005, por exemplo, que exigiu túneis, engenharia, logística, e envolveu várias mortes na divisão do dinheiro, deixou prejuízo de R\$ 165 milhões.

As investigações sobre o ataque hacker revelaram uma intrincada operação de lavagem de dinheiro, que levou a um acordo de cooperação entre a autoridade policial, a Febraban (Federação Brasileira de Bancos) e o BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social). A estatal ligada ao Mdic (Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços) e 25 bancos compartilharão informação e conhecimento para facilitar o combate aos crimes financeiros e digitais.

Segundo Rodrigues, os desdobramentos da operação Magna Fraus, que investigou os suspeitos do crime, também levaram o BC a rever a regulação das ‘contas bolsão’, que reuniam recursos de

diversas pessoas sob um único titular. A resolução conjunta nº 16 da autoridade monetária obriga o compartilhamento de informações sobre os titulares de cada conta do correspondente bancário à instituição financeira que atua como bank as a service (que possibilita a empresas de diferentes segmentos oferecerem serviços financeiros a seus clientes).

A dispersão do dinheiro furtado no ataque à C&M ocorreu por meio de contas bolsões e criptomoedas, conforme conversas obtidas pelo Ministério Público do Estado de São Paulo entre dois dos suspeitos: o estudante de medicina Patrick Zanquetim de Moraes e Ítalo Jordi Santos Pireneus —cujo apelido é Breu. Os advogados indicados nos autos de Zanquetim e de sua namorada Nilla Vitória Ribeiro Campos, que também foi presa, dizem ter deixado o caso. Procurado pela **Folha**, o advogado Eduardo Moura, que representa Breu, não responde a emails desde novembro. O telefone de seu escritório não atende.

No evento de segunda, o presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econô-

mico e Social), Aloizio Mercadante, afirmou que as instituições financeiras que não prestam contas ao BC são um problema para o sistema financeiro. “O problema são as contas bolsão, que são abertas com dois CPFs e um CNPJ. Elas recebem dinheiro do crime, mas o que aparece publicamente é só o CNPJ e dois CPFs. Embaixo disso, está tudo podre, é lavagem pura.” Mercadante sugeriu que a autoridade monetária reduza o prazo de adequação, que está previsto para o fim do ano que vem, para seis meses. “Não regularizou, fecha.”

Segundo o presidente da Febraban, Isaac Sidney, depois do ataque à C&M e da Operação Carbono Oculto, que investigou fundos suspeitos de lavagem de dinheiro, a entidade composta pelos principais bancos fez uma autorregulação para dificultar a abertura de contas em nome de terceiros e fechar imediatamente as que estiverem sob suspeita.

Conforme as investigações, Henrique Magnavita Lins, chamado de “Russo”, Wesley Nascimento Lopes, “Spider”, e Marcos Paulo Pereira de Oliveira, o “Leitão”, completariam o núcleo central do ataque, junto de Breu e Zanquetim. Os cinco têm cerca de 30 anos e estão presos. Breu seria responsável pela articulação, enquanto Zanquetim faria o “resumo dos valores” (expressão usada para se referir ao desbloqueio do dinheiro). Russo, um paulista residente em Goiânia, e o paraense Spider também teriam coordenado a operação. Segundo a Procuradoria, os suspeitos criaram um sistema espelhado que enviava ordens ao BC como se fosse a C&M. A **Folha** não localizou as defesas de Russo, Spider e Leitão.

R\$ 813,79 milhões

é o valor que foi desviado de contas mantidas junto ao Banco Central no ataque hacker; segundo a Polícia Federal, a maioria do valor foi recuperada

Dólar fraco e BC ajudaram Lula

Inflação da comida caiu muito ao longo do ano e deu força ao prestígio do governo

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

A inflação da comida chegou 8,8% ao ano em dezembro de 2024. Ficou entre 7% e 8% de outubro do ano passado a maio deste 2025. Terminou o ano em menos de 2%, na medida do IPCA-15. Deve ficar pouco acima de 1% pelo IPCA, que sai em janeiro.

Quem sabe no Natal o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tenha feito um agradecimento pela baixa mundial do dólar e do preço da comida e ao Banco Central, que contribuíram para conter o preço dos alimentos e a inflação em geral.

No primeiro semestre a popularidade de Lula raspava no fundo do tacho e a oposição dava tapas e rasteiras no governo. A campanha da direita com mentiras sobre o Pix e impostos sangrara o prestígio presidencial em janeiro. A carestia fazia uma outra parte do estrago.

Em março, Lula queria saber “...onde é que teve um ladrão que passou a mão no direito do povo brasileiro de comer ovo” —jamais descobriu nada. O governo baixou imposto de importação de alimentos, inclusive da lata de sardinha, um vexame marqueteiro desesperado.

A inflação geral no Brasil caiu por causa da baixa mundial do dólar, da baixa do dólar extra causada pelo arrocho de juros do BC, pela contenção da atividade econômica (também pela Selic estratosférica), pela safra recorde, pela queda dos preços da comida no mundo e pela ajuda da deflação da China e sua exportação de produtos industriais barateados.

Uma inflação descabelando-se no Brasil, mesmo lá perto de 6%, agravaria a crise política. O IPCA deve terminar 2025 perto de 4,3%.

O índice mundial de preço da comida da FAO crescia a 7,8% em fevereiro; em novembro, a -2,1%. A FAO é a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Sua medida de carestia da comida considera cereais, carnes, óleos, laticínios e açúcar.

Na comparação convencional com um conjunto de seis moedas relevantes (euro, iene, dólar canadense, franco suíço e coroa sueca), o dólar teve a maior baixa desde 2017. No Brasil, na média de dezembro, o dólar custava R\$ 6,1; em janeiro desde 2025, R\$ 6,02. Em dezembro, até agora, R\$ 5,43. Em termos reais, anda mais barato do que em meados de 2024, quando o governo piorou a lambança fiscal (mudou a meta; em novembro daquele ano, apresentaria plano pífio para as contas públicas).

A depender da técnica de quem faz as contas, a valorização do real desde 2025 pode ser atribuída em uns dois terços ou mais à variação do dólar pelo mundo —o resto, seria fator doméstico.

De passagem: o real ainda está desvalorizado. Jamais se recuperou do tombaço do início da epidemia, no começo de 2020. Dado o estado de certas economias emergentes, até seria possível, pois, que pingasse um tanto mais de dólar por aqui em 2026. O problema fiscal e a eleição incerta não vão ajudar.

A inflação da comida tem impacto na popularidade dos governos, bidu, o que tem ficado ainda mais evidente desde a grande elevação do nível de preços dos alimentos depois da epidemia. Vide os EUA.

Caso a alta de preços não fosse contida, por tantos motivos, a oposição tiraria sangue de Lula —sim, é verdade que, na segunda metade do ano, as direitas e a idiotia bolsonarista deram uma mão ao governo, ao menos no curto prazo. Com inflação decolando, arrocho do BC seria maior ou mais comprido, contaminando de modo pesado o ano eleitoral de 2026.

No balanço de final de ano, Lula poderia acender uma velinha para o dólar fraco e para o BC.

A carestia da comida passou de perto de 9% ao ano para quase 1% ao ano. Uma inflação mais descabelada no Brasil provavelmente pioraria a crise política feita que se armava no primeiro semestre do ano

economia

Erros de projeção do PIB foram pequenos

Expectativa de crescimento em 2025 se mantém na faixa de 2%, como previsto

Bráulio Borges

Mestre em teoria econômica pela FEA-USP, é economista-sênior da LCA Consultores e pesquisador-associado do FGV Ibre

No final de 2024, a expectativa de consenso dos analistas indicava um crescimento do PIB brasileiro de cerca de 2% neste ano de 2025 que está se encerrando. As estimativas mais recentes apontam que essa variação –que somente será divulgada pelo IBGE em março do ano que vem– deverá se situar em torno de 2,2%. Ou seja: uma diferença bem pequena.

Caso essa expectativa mais recente se confirme, 2025 interromperá a sequência, que vem sendo observada já há alguns anos, de surpresas bastante favoráveis do crescimento do PIB brasileiro.

Vamos aos números: em meados de 2020, já com alguns meses de pandemia, as expectativas de consenso apontavam para uma queda do PIB brasileiro de cerca de 6%, mas a queda efetiva foi de 3,3%. Em 2021, 2022, 2023 e 2024 o PIB cresceu 1,2, 2,5, 2,1 e 1,9 ponto percentual acima do que os analistas esperavam no final do ano imediatamente anterior.

Alguns enxergam nesse padrão uma espécie de “má vontade” com relação ao governo atual. Contudo, apontado acima, essas surpresas favoráveis (ou subestimação relevante pelos analistas) começaram a ocorrer ainda em 2020.

Historicamente, os analistas do mercado costumam superestimar, e não subestimar, o crescimento do PIB no Brasil. Em um dos boxes do Relatório de Política Monetária mais recente do Banco Central, publicado há algumas semanas, os técnicos da autoridade monetária apontaram que, na média de 2006 a 2024, o consenso de mercado projetou um PIB cerca de 0,5 ponto percentual maior do que o efetivamente observado (valor que vai a 0,9 p.p. quando se leva em conta apenas o período 2006-2019).

Errar é comum: as conjunturas econômica e política mudam o tempo todo (inclusive em reação aos resultados correntes do PIB); as séries históricas dos indicadores econômicos muitas vezes são revisadas; algumas premissas que amparavam cenários podem não se concretizar; os modelos utilizados são, por definição, uma simplificação da realidade e estão em constante aprimoramento, e por aí vai.

Tão ou mais importante do que acertar (ou errar menos) é tentar compreender as razões por detrás dos erros. Nesse contexto, uma das principais razões por detrás da sequência de surpresas favoráveis do PIB brasileiro entre 2020 e 2024 foi evolução dos gastos públicos do governo federal e, sobretudo, dos governos regionais, como explorei em uma coluna anterior. Justamente quando essa surpresa de gastos ficou menor, agora em 2025, a surpresa do PIB também diminuiu bastante.

Isso não significa dizer que somente o gasto público esteve por detrás dessas surpresas. Contudo, nas minhas estimativas, o chamado “impulso do gasto”, além de ser positivo, alcançou magnitude muito expressiva nesse período: sem essa expansão de gastos governamentais, possivelmente o PIB brasileiro teria crescido bem pouco.

O que podemos esperar para 2026? Atualmente, as projeções dos analistas apontam para um PIB crescendo entre 1,5% e 2% no próximo ano. Parte dessa desaceleração prevista ante 2025 advém do fato de que o PIB Agropecuário deverá passar de uma alta de cerca de 11% para uma variação bem baixa, próxima de zero. Outra parte advém dos efeitos contracionistas da política monetária, que continuarão presentes mesmo com a Selic caindo até uns 12% a.a.

No caso da política fiscal, acho pouco provável que tenhamos alguma surpresa positiva relevante de gastos no nível do governo federal, mesmo que a meta de 2026 seja cumprida levando em conta o intervalo inferior. A maior surpresa poderá advir dos governos regionais, que estão com o caixa abarrotado em pleno ano de eleições.

Uma das principais razões para a sequência de surpresas favoráveis do PIB foi a evolução dos gastos públicos

Apagão em San Francisco acende alerta para carros autônomos durante crises

Sem energia, robotáxis da Waymo pararam de funcionar e bloquearam cruzamentos; há temor sobre problema similar em caso de terremoto

Soumya Karlamangla

THE NEW YORK TIMES Autoridades de San Francisco abriram investigação sobre a Waymo depois que táxis autônomos da empresa bloquearam cruzamentos e congestionaram o tráfego durante um apagão de várias horas no último fim de semana.

O colapso, que levou a Waymo a desativar temporariamente toda sua frota na cidade, levantou questionamentos sobre se os veículos poderiam impedir serviços de emergência ou a retirada de pessoas em risco durante um desastre maior, como um grande terremoto.

“Nunca vimos uma situação em que esses Waymos pararam em massa por toda a cidade”, disse Bilal Mahmood, um supervisor de San Francisco que anunciou que realizaria uma audiência para examinar as operações da empresa durante emergências.

A cidade é o epicentro nacional dos carros sem motorista, e os Waymos em particular se tornaram onipresentes no último ano, com Jaguars brancos equipados com câmeras aparentemente em todo quarteirão.

A Waymo —que pertence à Alphabet, empresa controladora do Google— chegou à capital tecnológica em 2023 e agora tem cerca de mil veículos percorrendo suas colinas e avenidas.

Após hesitação inicial, os moradores de San Francisco passaram a confiar cada vez mais nos carros, que não são mais apenas uma novidade. Algumas mulheres se sentem mais seguras em um carro sem motorista do que em um dirigido por um homem, e pais têm usado esses veículos para buscar seus filhos na escola.

Mas a Waymo tem enfrentado dificuldades recentemente. Um de seus carros autônomos em San Francisco matou um gato em outubro, causando alvoroço. E os eventos do fim de semana provocaram ainda mais indignação e debate, com as redes sociais cheias de vídeos mostrando uma série de Waymos bloqueando ruas com suas luzes de emergência piscando.

Ao ver as imagens do fim de semana, muitos moradores pensaram no “Big One”, um temido megaterremoto que pode acontecer a qualquer momento no oeste dos Estados Unidos e é esperado há anos por cientistas. Já se passaram 36 anos desde que



Táxi da Waymo bloqueia via durante apagão em San Francisco; mil carros do tipo circulam pela cidade Reprodução de vídeo - 20.dez.25/Reuters

o último terremoto devastador cortou a energia, derrubou edifícios e causou incêndios de gás que queimaram casas na região.

Uma falha em toda a frota da Waymo hoje poderia atrair caminhões de bombeiros, serviços de resgate e outras equipes de emergência, disse Jeanine Nicholson, que serviu como chefe dos bombeiros de San Francisco por cinco anos até se aposentar em 2024.

“Eles não os programaram para quando há um corte de energia, muito menos quando há um terremoto e há escombros na rua e toda a energia está cortada”, disse ela. “É um problema grande.”

Mahmood, que serve no Conselho de Supervisores, um órgão eleito semelhante a uma câmara municipal, disse que táxis Waymo parados no sábado haviam bloqueado caminhões de bombeiros da cidade, impedindo-os de chegar rapidamente a uma subestação da PG&E em chamas, que havia sido uma das causas do prolongado corte de energia na cidade.

No sábado, após o início do apagão, o prefeito Daniel Lurie contatou a Waymo sobre o congestionamento que seus carros estavam causando, e a empresa concordou em suspender os serviços, retomados na tarde de domingo.

Ainda não se sabe exatamente por que os Waymos pararam. Alguns especialistas especularam que os veículos dependem do serviço de celular para se comunicar com operadores remotos em situações de emergência, e que suas conexões caíram

durante o apagão. Outros disseram que a empresa pode ter desligado propositalmente os carros porque era muito arriscado fazê-los navegar por tantos semáforos apagados.

Não está claro se a própria tecnologia de condução autônoma foi a culpada. Elon Musk disse em sua plataforma social X que os robotaxis da Tesla, que fornecem serviços limitados de compartilhamento de viagens em San Francisco, não foram afetados neste fim de semana.

O serviço da Tesla ainda é obrigado a ter um monitor de segurança humano a bordo.

Matthew Wansley, professor da Escola de Direito Cardozo especializado em tecnologias automotivas emergentes, disse que carros autônomos são mais seguros do que motoristas humanos. Mas táxis automatizados vêm com novos riscos que devem ser considerados, especialmente enquanto a Waymo busca expansão das operações.

A empresa atualmente tem operações de táxi semelhantes em Los Angeles e Phoenix e fornece viagens por meio de uma parceria com a Uber em Atlanta e Austin, Texas.

Os reguladores devem pensar em como os carros se sairão em tempestades, terremotos, apagões e mais, disse Wansley.

“Esta não será a última vez que isso vai acontecer”, disse ele. “A Waymo tem um histórico de segurança promissor quando se trata de evitar colisões. Mas, é claro, segurança é mais do que evitar colisões, como o fim de semana ilustra muito claramente.”

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Roberto Campos Neto / Marcos Lisboa / Candido Bracher / Ana Paula Vescovi

SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo / Michael Viriato TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon

QUA. Bernardo Guimarães / Jerson Kelman, Vinicius Torres Freire QUI. Solange Srouf, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva

SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SÁB. Marcos Mendes / Laura Müller Machado

João Peschanski Sobrevivência da Wikipédia é vital para IA generativa

Diretor brasileiro da Wikimedia diz que ChatGPT e Gemini ‘chupinham’ artigos sem elevar doação e que matar fonte de informação checada e colaborativa é tiro no pé

ENTREVISTA

Patrícia Campos Mello

SÃO PAULO Prestes a completar 25 anos, a Wikipédia enfrenta o desafio de permanecer relevante e sustentável financeiramente em uma internet dominada pela inteligência artificial generativa. João Peschanski, diretor-executivo da Wikimedia no Brasil e um dos fundadores da Wikipédia no país, afirma que um número crescente de pessoas acessam informações “raspadas” da Wikipédia no ChatGPT e em outros chatbots. “Essas IAs nos chupinham integralmente. A Wikipédia é a maior fonte do ChatGPT e do Gemini, e eles não nos atribuem, não colocam como fonte a Wikipédia”, diz. “Nós somos dependentes de doações pequenas. Se as pessoas acessam menos nossos projetos, elas vão doar menos.”

Mas ele adverte que a sobrevivência de recursos como a Wikipédia é essencial para modelos de IA generativa. “Se nós deixarmos de existir, também deixará de existir a consolidação do conteúdo e a curadoria colaborativa que mantém tudo isso.”

*

Qual é o perfil dos editores da Wikipédia, que são todos voluntários? Os dados indicam que a maioria tem mais de 35 anos (44%), um perfil que está mudando. Em 2021, 31,5% tinham mais de 35 anos. A maioria ainda é de homens —17,13% dos editores são mulheres, eram 11,10% em 2021.

O que leva uma pessoa a ser um editor voluntário da Wikipédia? O editor mais comum é o circunstancial, aquele que entrou na Wikipédia, viu que alguma coisa estava desatualizada e fez uma mudança. Por exemplo, alguém que morreu, o Cristiano Ronaldo fez um gol, o Corinthians foi para a final da Copa do Brasil. Essa pessoa coloca a informação e só volta a editar depois de um ciclo muito longo.

Esses são a maioria dos editores, mas não a maioria das edições —10% dos editores fazem 80% das edições. Desses, temos aqueles que têm perfil de almanaque, fazem longas listas, catalogam tudo. Geralmente são pessoas obsessivas. E tem as pessoas que entram em nichos.

Nos Estados Unidos existe um movimento de políticos e influenciadores de direita que acusam a Wikipédia de ter um viés de esquerda. O Elon Musk, por exemplo, chamou o site de “Wikipedia”. Existe esse fenômeno no Brasil também? Um estudo de Harvard de uns anos atrás mostrava que o conteúdo de po-



João Peschanski, diretor-executivo da Wikimedia no Brasil e um dos fundadores da Wikipédia no país Mike Peel - 17.nov.23/Wikimedia Commons

lítica na Wikipédia era bem de centro. Por exemplo, para escrevermos o artigo existente sobre o Bolsonaro, editores de todas as correntes participam, bolsonaristas e não bolsonaristas.

No caso das mulheres, há cada vez mais mulheres editando, mas daí a dizer que a Wikipédia é feminista (...) Hoje as mulheres ainda são apenas 17% dos editores. No Brasil, quem falava que a Wikipédia era de esquerda era o Levy Fidelix [fundador do PRTB, 1951-2021]. Ele fez alguns programas contra a Wikipédia e mandava notificações [extrajudiciais, pedindo mudanças nos verbetes].

Vocês recebem muitas notificações? Umas dez por mês. Em ano eleitoral, chega a 50 por mês.

Quando alguém questiona uma informação, qual é o processo para que essa queixa seja examinada? A pessoa vai lá na página e deixa seu comentário, alguns outros editores acompanham esse artigo e vão validar. Existe um “fale com os editores”, ou fale com a Wikipédia. Você deixa lá o comentário, e as pessoas resolvem.

E quando uma pessoa faz uma edição que é mentira, começa a acrescentar desinformação ou se é um assessor de imprensa, como vocês lidam? Nós monitoramos quando há edições muito substanciais em artigos sensíveis. Antes mesmo de a pessoa publicar, ela vai ser bloqueada se for eliminar o conteúdo ou vandalizar, a não ser que a pessoa se-

ja uma editora recorrente.

Também temos um grupo de editores, que chamamos de estatuto (são 7.000 para a Wikipédia em português), que fazem um monitoramento. São pessoas que têm o poder de eliminar, travar ou proteger artigos e bloquear editores.

Também temos mecanismos automatizados que identificam edições que precisam ser verificadas. Elas aparecem em cores diferentes se os autores são editores novatos, para que sejam checadas pelos mais experientes.

O que o senhor acha da decisão do Supremo Tribunal Federal que aumenta a responsabilidade das plataformas por conteúdo de terceiros? Não está claro se nos enquadrados ou não. Essas legislações deveriam ser direcionadas às grandes plataformas que, de fato, têm responsabilidades, e não para quem está oferecendo recursos educacionais abertos, que é o nosso caso e de vários outros.

No PL 2.630 [das fake news], foi incluída uma exceção para enciclopédias colaborativas e outros recursos educacionais abertos. Desta vez, não há. E não dá para você estabelecer a mesma regra que se adota para o Google para projetos educativos mantidos por voluntários, sem anúncios, nem interesse econômico.

Existe algum tipo de regulação que você considera necessária para manter o ecossistema de informação habitável? Nós pre-

João Alexandre Peschanski, 45

É diretor-executivo da Wikimedia Brasil, filiada à Fundação Wikimedia, que administra a Wikipédia. Formado em ciências sociais pela USP (Universidade de São Paulo) e em comunicação social pela PUC-SP, é mestre em ciência política pela USP e doutor em sociologia pela University of Wisconsin-Madison (EUA). Atua nos projetos da Wikimedia como voluntário desde 2011

cisamos de espaços públicos na internet, bens públicos digitais, como uma BBC. Deveria existir uma regulação que não apenas impusesse limites, mas que criasse ou incentivasse esses espaços públicos, que não são privados, nem estatais. Senão, teremos apenas uma praça pública privatizada [controlada pelas big techs], que, na verdade, não oferece liberdade real para circulação de informações, ou teremos espaços do governo, ou portal Gov.

Qual o impacto da IA sobre a Wikipédia? Essas IAs nos chupinham integralmente. A Wikipédia é a maior fonte do ChatGPT e do Gemini. Eles não nos atribuem, não colocam como fonte a Wikipédia. E a Wikipédia é baseada em uma licença livre com atribuição. Além disso, é um problema para a motivação dos nossos editores. Eles fazem de graça, mas querem que seu trabalho seja reconhecido.

Eu estive em uma reunião no Google há duas semanas e disse: ‘Olha, a gente sabe que vocês estão usando, usem, que bom, mas atribuam e se tornem doadores’. Hoje em dia, a Wikipédia é dependente de pequenos doadores. A gente precisa que [as grandes empresas de IA] contribuam mais.

Vocês já sentiram uma queda no número de editores? No Brasil não, mas não sabemos bem por quê. Na Wikipédia em espanhol, sim.

Houve queda na audiência da Wikipédia? No Brasil a audiência é estável —em 2024 tivemos 2,3 bilhões de usuários. Nos Estados Unidos e na Europa, houve queda.

Se cair o número de acessos à Wikipédia porque as pessoas conseguem obter a mesma informação em chatbots, isso pode reduzir as doações e ameaçar a sustentabilidade da Wikipédia? Nós somos dependentes de doações pequenas. Se as pessoas acessam menos nossos projetos, elas vão doar menos. Mas existe uma questão importante. Não é o ChatGPT que está produzindo conteúdo, ele está apenas replicando. Se nós deixarmos de existir, também deixará de existir a consolidação do conteúdo e a curadoria colaborativa que mantém tudo isso. Em última instância, a IA estará se suicidando, é um tiro no pé, porque, se você mata a fonte de informação checada, colaborativa, você não tem como treinar seu modelo de forma eficiente.

A IA é uma ameaça à Wikipédia? Olha, há desafios, mas eu acho que também é uma oportunidade para nós encontrarmos outras formas de nos viabilizar. Existe o modelo europeu, que é ter a Wikipédia e outros projetos educacionais apoiados como espaços de comunicação pública. Hoje seria difícil ter essa discussão, temos esse discurso mais regulatório contra as big techs, por causa de tudo que aconteceu nos últimos dez anos. Mas a gente precisa ter uma governança da internet propositiva, não apenas restritiva.

“Um estudo de Harvard de uns anos atrás mostrava que o conteúdo de política na Wikipédia era bem de centro. Por exemplo, para escrevermos o artigo existente sobre o Bolsonaro, editores de todas as correntes participam, bolsonaristas e não bolsonaristas

Eu estive em uma reunião no Google e disse: ‘Olha, a gente sabe que vocês estão usando, usem, que bom, mas atribuam e se tornem doadores’. Hoje em dia, a Wikipédia é dependente de pequenos doadores

Leão 14 condena discursos bélicos e lamenta condições na Faixa de Gaza

No primeiro Natal como pontífice, religioso relembrou nascimento de Jesus ao mencionar falta de estrutura para palestinos e pediu fim de todas as guerras

Marina Costa

SÃO PAULO O papa Leão 14 criticou nesta quinta (25) o que chamou de “absurdo dos discursos bélicos” e as “feridas abertas” que as guerras deixam no mundo em seu primeiro Natal como líder máximo da Igreja Católica. Na bênção “Urbi et Orbi” (“à cidade [de Roma] e ao mundo”, em latim) na praça São Pedro, o pontífice fez um apelo para que Rússia e Ucrânia dialoguem de forma “sincera, direta e respeitosa”. Também lamentou as condições dos palestinos na Faixa de Gaza. O papa afirmou que a história de Jesus nascendo em um estábulo mostra que Deus havia “armado sua frágil tenda” entre as pessoas do mundo. “Como, então, podemos não pensar nas tendas na Faixa de Gaza, expostas por

semanas à chuva, ao vento e ao frio?”, questionou. O religioso, eleito papa em maio, já havia lamentado as condições dos palestinos durante a guerra entre Israel e Hamas em outros momentos do pontificado. Em novembro, ele se encontrou com Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestina. Na época, o Vaticano afirmou que os líderes discutiram a necessidade de “pôr fim ao conflito buscando uma solução de dois Estados [um judeu e outro palestino]”. Israel e Hamas estabeleceram um cessar-fogo em outubro. Ainda assim, a situação dos palestinos em Gaza é crítica, de acordo com organizações internacionais. Na semana passada, a Classificação Integrada de Fases de Segurança Alimentar, iniciativa apoiada pela ONU e responsá-

vel por monitorar a insegurança alimentar no mundo, indicou que a disseminação da fome no território foi contida, mas que os avanços alcançados são “extremamente frágeis”. Durante a homília, Leão 14 também abordou conflitos de modo geral. “Frágeis são as mentes e vidas de jovens forçados a pegar em armas que, nas linhas de frente, sentem a insensatez do que lhes é pedido e as falsidades que preenchem os discursos pomposos dos que os enviam para a morte.” Ao proferir a bênção “Urbi et Orbi”, o papa voltou a mencionar outras guerras pelo mundo —em países como Sudão, Mali, Mianmar, Tailândia e Camboja— e pediu o fim de todos os conflitos. Leão 14 também lamentou a situação dos imigrantes e refugiados no continente americano —o

“Frágeis são as mentes e vidas de jovens forçados a pegar em armas que, nas linhas de frente, sentem a insensatez do que lhes é pedido e as falsidades que preenchem os discursos pomposos dos que os enviam para a morte

Papa Leão 14 durante a homília da missa celebrada nesta quinta, na Basílica de São Pedro, no Vaticano

religioso, que é o primeiro papa dos EUA e que, no passado, criticou políticas anti-imigração de Donald Trump, hoje evita fazer referências políticas e não citou o nome do presidente. Na noite de quarta-feira (24), criticando o que chamou de “ganância do mundo moderno” em sua primeira Missa do Galo, o papa afirmou que recusar ajuda a pobres e estrangeiros é o mesmo que rejeitar Deus. O pontífice também mencionou a América Latina e seus líderes. “Que o menino Jesus inspire aqueles que têm responsabilidades políticas na América Latina para que, ao enfrentar os numerosos desafios, se dê espaço ao diálogo pelo bem comum, não às exclusões ideológicas e partidárias”, afirmou após a missa. Antes de ser eleito papa em 8 de maio no conclave, o então cardeal Robert Francis Prevost comandou o Dicastério para os Bispos e a Comissão Pontificia para a América Latina. Neste mês, Leão 14 disse que o governo americano não deveria tentar derrubar o regime de Nicolás Maduro, na Venezuela, com o uso de força militar e defendeu o caminho do diálogo.

Com Reuters e AFP



Papa Leão 14 acena a milhares de fiéis de sacada da Basílica de São Pedro após bênção 'Urbi et Orbi', nesta quinta-feira (25), no Vaticano

Simoni Risoluti/Mídia do Vaticano/ via AFP

Israel critica nações que rejeitaram assentamentos na Cisjordânia

Vitor Hugo Batista

SÃO PAULO Israel criticou, nesta quinta-feira (25), o grupo de 14 países que condenaram a aprovação de novos assentamentos na Cisjordânia ocupada. No último domingo (21), o gabinete de segurança israelense aprovou 19 assentamentos no território palestino, ocupado por Israel desde 1967. O ministro das Finanças israelense, o colono Bezalel Smotrich, afirmou que a medida pretende impedir a criação de um Estado palestino. Reino Unido, Canadá, Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Itália, Islândia, Irlanda, Japão,

Malta, Holanda, Noruega e Espanha condenaram, na quarta-feira (24), a aprovação, afirmando que os assentamentos violam o direito internacional e aumentam a instabilidade na região. “Apelamos a Israel para que reverta esta decisão, bem como a expansão dos assentamentos”, diz a declaração dos 14 países. “Relembramos que tais ações, como parte de uma intensificação mais ampla das políticas de assentamento na Cisjordânia, não apenas violam o direito internacional, mas também correm o risco de alimentar a instabilidade”, acrescenta o comunicado. Em resposta, o ministro das Re-

lações Exteriores de Israel, Gideon Saar, disse, nesta quinta, que “governos estrangeiros não restringirão o direito dos judeus de viver na terra de Israel, e qualquer apelo neste sentido é moralmente incorreto e discriminatório contra os judeus”. A Cisjordânia é um território palestino ocupado por Israel desde 1967, após a Guerra dos Seis Dias. A colonização prosseguiu durante todos os governos israelenses, de esquerda e direita, e aumentou de forma significativa sob a atual gestão de Binyamin Netanyahu, em particular desde o início da guerra em Gaza, desencadeada em 7 de outu-

“**Tel Aviv diz ter matado membro das forças do Irã**” O Exército israelense afirmou, nesta quinta-feira (25), que matou um membro da Força Quds, unidade de elite iraniana, durante um ataque no Líbano. As forças israelenses afirmaram que Hussein Mahmud Marshad al Jawhari era “um terrorista-chave na unidade operacional” da organização.

bro de 2023 pelo ataque terrorista do Hamas contra Israel. Mais de 500 mil israelenses vivem em colônias na Cisjordânia, onde moram cerca de 3 milhões de palestinos. Os assentamentos são considerados ilegais pelo direito internacional e pela ONU. A expansão dos assentamentos foi uma promessa de campanha de Netanyahu. Tensões escalaram em janeiro com a morte de dez palestinos em ação israelense contra integrantes do Jihad Islâmico e do Hamas. Isso levou a Autoridade Palestina a romper a cooperação em segurança, o que permitiu mais ataques.

Com Reuters e AFP



Donald Trump discursa durante jantar com príncipe herdeiro da Arábia Saudita na Casa Branca, em Washington Brendan Smialowski - 18.nov.25/AFP

Trump leva a ‘Presidência imperial’ dos Estados Unidos a novo patamar

Análise

Líder republicano adota a pompa da realeza ao mesmo tempo em que reforça o poder para deixar o governo e a sociedade ao seu gosto

Peter Baker

WASHINGTON | THE NEW YORK TIMES Quando o presidente Donald Trump recebeu o príncipe herdeiro da Arábia Saudita no mês passado, ele não poupou esforços. À pompa tradicional de uma visita formal à Casa Branca, o líder republicano adicionou toques ainda mais luxuosos: um sobrevoo militar, uma procissão de cavalos pretos e longas mesas reais para um suntuoso jantar, em vez das típicas mesas redondas.

Para veteranos da Casa Branca que estavam atentos, o aparato parecia familiar. Apenas dois meses antes, o rei Charles 3º, do Reino Unido, recebeu Trump para visita de Estado que incluiu um sobrevoo militar, uma procissão de cavalos pretos e uma longa mesa real para um suntuoso jantar.

Em seu primeiro ano de volta ao cargo, Trump adotou a pompa da realeza ao mesmo tempo em que reforçou o poder para deixar o governo e a sociedade dos Estados Unidos ao seu gosto.

Tanto na suntuosidade quanto na política, Trump estabeleceu uma nova versão da “Presidência imperial” que vai muito além até mesmo daquela associada a Richard Nixon, que governou os EUA de 1969 a 1974, para quem o termo foi popularizado.

O atual presidente não se contém mais, nem é contido, como no primeiro mandato; o Trump 2.º é o Trump 1.º “desencoleirado”.

Os detalhes dourados no Salão Oval da Casa Branca, a demolição

da Ala Leste para ser substituída por um salão de festas maciço, a fixação de seu nome e rosto em prédios governamentais, a designação de seu aniversário como um feriado —tudo isso aponta para uma acumulação de poder com parca resistência do Congresso ou da Suprema Corte.

Quase 250 anos depois que os colonos americanos expulsaram seu rei, este é indiscutivelmente o momento em que o país chega mais perto, durante um período de paz geral, da autoridade centralizada de um monarca.

Trump assume a responsabilidade de reinterpretar uma emenda constitucional e de destruir departamentos criados pelo Congresso. Ele dita a instituições privadas como devem conduzir seus negócios. Também envia tropas para as ruas e trava uma guerra não autorizada contra barcos no Caribe. Ainda instrumentaliza a lei para o que o seu chefe de gabinete chama de “ajuste de contas” contra inimigos, enquanto distribui perdões a aliados.

A reinvenção da Presidência por Trump alterou o equilíbrio de poder em Washington de uma forma profunda, que pode perdurar muito depois da sua saída de cena. Ações que antes chocavam o sistema podem passar a ser vistas como normais.

“Seu segundo mandato, em muitos aspectos, representa não apenas uma ruptura com as normas presidenciais. É também o ápice de 75 anos nos quais os presidentes buscaram cada vez mais

poder”, disse Matthew Dallek, historiador político da Universidade de George Washington.

É ainda a culminância de quatro anos de planejamento entre o primeiro e o segundo mandato de Trump. Da última vez, ele era um novato político que não entendia como o governo funcionava e se cercou de conselheiros que tentaram conter seus instintos mais extremos. Desta vez, ele chegou ao cargo com um plano para fazer o que não conseguiu em seu primeiro mandato, e uma equipe de funcionários leais, com ideias semelhantes, e determinados a remodelar o país.

Trump nega aspirações monárquicas. “Não sou um rei”, disse ele, depois que milhões de americanos foram às ruas nos protestos “No Kings” (“Sem Reis”), em outubro. Mas, ao mesmo tempo, ele abraça a comparação, ao menos em parte para provocar seus críticos, mas também, ao que parece, porque gosta da ideia.

Ele e sua equipe postaram imagens de Trump em trajes monárquicos, incluindo uma ilustração gerada por inteligência artificial do presidente usando uma coroa e pilotando um caça rotulado como “Rei Trump” que despeja excrementos sobre manifestantes.

Para seus apoiadores, a confirmação de vasto poder de Trump é revigorante, não perturbadora. Em um país que veem em declínio, uma mão forte é a única maneira de desalojar um estado profundo progressista que, em sua visão, sufocou os americanos comuns em benefício de imigrantes indesejados, criminosos, magnatas globalistas, minorias consideradas subqualificadas e elites.

Para seus críticos, Trump é narcisista, rude, corrupto e um perigo para a democracia americana. Ele usou o cargo para enriquecer a si e a sua família, manchou a imagem dos EUA ao redor do mundo e adotou políticas que prejudicam as próprias pessoas que ele afirma representar.

O que todos concordam é que Trump domina o cenário político como nenhum de seus predecessores há gerações, definindo sozinho a agenda e forçando sua vontade sobre o resto do sistema.

Rússia acusa Washington de pirataria em ação contra Venezuela

SÃO PAULO A Rússia classificou, nesta quinta-feira (25), de banditismo e pirataria as operações militares dos EUA no mar do Caribe para cercar a Venezuela. O Kremlin também reforçou o apoio ao regime de Nicolás Maduro e disse esperar que o presidente americano, Donald Trump, encontre soluções na legislação internacional para evitar um desastre.

“Hoje testemunhamos completa ilegalidade no mar do Caribe, onde o roubo de propriedade alheia —ou seja, pirataria e banditismo— estão sendo revividos”, disse a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Maria Zakharova.

Neste mês, Washington capturou dois petroleiros e tentou interceptar um terceiro em águas internacionais perto da Venezuela. O primeiro navio, chamado de Skipper, foi detido no dia 10 de dezembro, enquanto transportava petróleo bruto venezuelano. O segundo, conhecido como Centuries, foi apreendido no último sábado (20) e, segundo o jornal The New York Times, também carregava o combustível.

O terceiro, chamado de Bella 1, foi abordado também no sábado, dias depois de Trump anunciar um “bloqueio total” a todos os petroleiros sob sanções dos EUA que entram ou saem da Venezuela —era o caso desta embarcação, por já ter transportado combustível do Irã, que segundo autoridades americanas é utilizado para financiar grupos terroristas. O navio, porém, não se submeteu à inspeção e fugiu pelo oceano Atlântico.

Nicolás Maduro tem se manifestado sobre as ações falando em “intervenção brutal” no país e “ameaça grotesca”.

No comunicado, Zakharova, do Ministério de Relações Exteriores da Rússia, afirmou que Moscou defende a desescalada das tensões entre Washington e Caracas e reforçou o apoio ao regime venezuelano. “Esperamos que o pragmatismo e a racionalidade do presidente dos EUA, Trump, permitam encontrar soluções mutuamente aceitáveis.”

“Confirmamos nosso apoio aos esforços de Maduro voltados à proteção da soberania, e à manutenção do desenvolvimento estável e seguro de seu país”, acrescenta.

A tensão entre EUA e Venezuela se acirrou em setembro, quando Washington passou a atacar barcos venezuelanos sob a acusação de que estariam ligados ao narcotráfico, o que Maduro nega. Ao todo, 105 pessoas morreram.

Na terça-feira (23), Rússia e China criticaram perante o Conselho de Segurança da ONU a pressão militar e econômica dos EUA sobre a Venezuela, chamando a ação de “comportamento de caubói”.



Quase 250 anos depois que os colonos americanos expulsaram seu rei, este é indiscutivelmente o momento em que o país chega mais perto, durante um período de paz geral, da autoridade centralizada de um monarca



Haitiano caminha em meio a destroços de bairro atacado por gangues em Porto Príncipe, a capital do país

Clarens Siffroy - 25.set.25 / AFP

Raio-X do Haiti

Área: 27.750 km²
(semelhante à de Alagoas)

População: 11,9 milhões
(semelhante à do Paraná)

PIB (nominal): US\$ 25,2 bi
(ante US\$ 2,2 tri no Brasil)

PIB per capita*: US\$ 3,2 mil
(ante US\$ 22,3 mil no Brasil)

IDH: 166ª posição no ranking de 193 países (Brasil é o 84º)

* Com paridade do poder de compra

Fontes: CIA World Factbook, IBGE, ONU, Banco Mundial e PNUD

Violência avança no Haiti e expõe fracasso do Estado e da Minustah

País registra 1.247 assassinatos em três meses, e crianças deslocadas são 680 mil; rede de autodefesa vira base para expansão de gangues em meio a fragilidade institucional

Nathalia Dunker

SÃO PAULO Pelo menos 1.247 pessoas foram assassinadas e outras 710 ficaram feridas no Haiti de 1º de julho a 30 de setembro de 2025, segundo dados recentes das Nações Unidas. O cenário de violência é agravado por uma relação fluida e sobreposta entre gangues, grupos de autodefesa e forças estatais no país. Além disso, em setembro, 1,4 milhão de haitianos estavam deslocados de suas casas.

De acordo com relatório da ONU, 30% das mortes foram atribuídas à violência de gangues, 9% à atuação dos chamados grupos de autodefesa, e 61% às operações das forças de segurança.

A crise econômica, a insatisfação política, o vácuo de poder e a baixa capacidade de governança ampliaram a influência das facções — fenômeno que se aprofundou após o assassinato do presidente Jovenel Moïse, em 2021.

Trata-se de um círculo vicioso: as gangues haitianas surgem sobretudo a partir de grupos comunitários de segurança, formados para suprir a ausência do Estado — enfraquecido, por sua vez, por esses centros de poder paralelos. “O narcotráfico não é central no modelo de financiamento desses grupos”, diz o pesquisador Pedro Braum, da ONG Viva Rio, que tem atuação em Porto Príncipe. “Sua principal fonte de recursos é o controle territorial, a extorsão e os resgates por sequestros.”

Chamadas de bases ou brigadas, essas estruturas surgem quando moradores se organizam para garantir a proteção do bairro. Wesley Belotte, líder de uma base comunitária da cidade de Milot, no norte do país, disse à *Folha* que as associações locais promovem eventos recreativos, assumem pautas políticas e pressionam o poder público por demandas que incluem, por exemplo, o fornecimento de energia.

Criadas inicialmente para autodefesa, essas organizações também desempenham funções culturais, políticas e de reivindicação territorial — e podem, com o tempo, transformar-se na semente de novas gangues.

“A ordem pública foi privatizada pelas gangues”, afirma o sociólogo Jean Casimir, da Universidade Estatal do Haiti. Na ausência de um Estado funcional, as brigadas ganharam apoio de autoridades locais e de parte da população, frustrada com um sistema judicial paralisado.

A situação se deteriorou ainda mais a partir de 2024, quando as gangues obrigaram o então primeiro-ministro, Ariel Henry, a renunciar. O país, que não faz eleições desde 2016, passou a ser governado por um Conselho Presidencial de Transição, incapaz de conter a escalada da violência.

Entre a população deslocada, o número de crianças que precisaram sair de casa quase dobrou no

+

ONU reforça missão que tenta conter violência

Em resposta ao agravamento da crise de violência no Haiti, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou, no fim de setembro, uma resolução que reforça a Missão Multinacional de Segurança (MMAS) — criada em 2023 e liderada pelo Quênia —, transformando-a em uma força mais robusta para tentar frear o avanço dos grupos paramilitares.

último ano, chegando a 680 mil, segundo relatório da Unicef divulgado em outubro. São menores de idade que podem estar sozinhos e buscam refúgio em edifícios abandonados, escolas ou abrigos improvisados sem água potável nem saneamento.

As condições são propícias para a propagação de doenças, caso da cólera — que chegou ao país em 2010 por meio de soldados da Missão da ONU para a Estabilização do Haiti (Minustah).

Para o professor da Unicamp Omar Thomaz, a atual crise de segurança no Haiti é outro importante legado dessa operação, que durou de 2004 a 2017 e foi liderada pelo Brasil. “A parte civil da missão, encabeçada pelo Chile, contribuiu para fragilizar instituições já debilitadas, enquanto o componente militar — sob comando do Brasil e voltado ao combate às gangues — acabou produzindo o efeito de empoderar esses grupos criminosos.”

“O Haiti foi inserido na rede internacional de tráfico de armas após a Minustah, o que mudou a configuração da violência no país” afirma Thomaz. Apesar de ser a maior operação militar brasileira desde a Guerra do Paraguai, pouco se sabe sobre atuação das Forças Armadas no território haitiano. Não houve responsabilização por eventuais crimes cometidos durante a intervenção.

Contrabando dribla sanções e impulsiona entrada de armas no país

SÃO PAULO O Haiti vive hoje uma de suas piores crises de segurança, marcada pela expansão da violência e pela incapacidade do Estado de retomar o controle territorial — um conflito alimentado pela entrada constante de armas de fogo no país. Embora a nação não fabrique armamento nem munição, estima-se que de 270 mil a 500 mil armamentos ilegais circulem em seu território, segundo dados da ONU.

A violência armada se prolifera apesar do embargo imposto

em 2022 e renovado em outubro de 2025 pelo Conselho de Segurança, que proíbe o fornecimento, venda ou transferência de armamentos e assistência militar a grupos envolvidos na violência.

Mesmo assim, as armas continuam entrando por portos, aeroportos e pela fronteira com a República Dominicana — além do desvio de armamento originalmente destinado às forças haitianas. A fiscalização frágil e a corrupção agravam o cenário.

O porte de armas, mais permis-

sivo do que no Brasil, somado ao colapso da segurança pública, levou inclusive setores da população civil a se armarem. Além disso, há a presença de seguranças privados e milícias contratadas para a proteção dos mais ricos.

A polícia haitiana afirma que gangues já controlam 90% da capital, Porto Príncipe, impondo bloqueios, cobrando pedágios ilegais e desafiando as autoridades.

Jimmy “Barbecue” Cherizier, da coalizão de gangues Viv Ansanm, enviou uma mensagem às autori-

36 mil munições foram interceptadas na fronteira do Haiti com a República Dominicana em fevereiro de 2025

112 mil armas e munições foram apreendidas em porto dominicano nos primeiros seis meses do ano de 2022

dades após sobreviver a um ataque com drone em março: “Tenham cuidado. Eu posso comprar o que vocês compram”.

As armas chegam ao país escondidas em cargas declaradas como produtos humanitários ou comerciais. Uma rede bem estabelecida conecta portos dos EUA ao Haiti, muitas vezes passando por território dominicano. **ND**

Laura Greenhalgh
Excepcionalmente hoje a colunista não escreve

PF resgata 54 vítimas e prende 78 por tráfico de pessoas e contrabando

Centro especializado flagrou casos de mulheres e crianças exploradas sexualmente no Haiti e na Espanha e de outras submetidas a trabalho escravo na Europa e em SP

Constança Rezende

BRASÍLIA O Centro Especializado contra o Contrabando de Migrantes e Tráfico de Pessoas da Ameripol (Comunidade de Polícias das Américas) resgatou, em seu primeiro ano, 54 pessoas que estavam sob controle de criminosos e prendeu 78 suspeitos.

Entre as vítimas, estão mulheres e crianças que foram exploradas sexualmente no Haiti e na Espanha, e outras submetidas a trabalho escravo na Europa e em São Paulo. A maior parte foi atraída com ofertas de emprego que não se concretizaram, segundo as investigações.

O centro, que foi criado em 2022 e começou a operar no fim do ano passado, é sediado no Brasil e dirigido pelo delegado da Polícia Federal Daniel Daher. Por meio da cooperação entre as polícias dos países americanos, o grupo busca dar maior celeridade e resolução das investigações.

Nas ações focadas na imigração ilegal, o centro desarticulou redes que enviavam pessoas para a Europa usando passaportes de terceiros ou falsificando vistos.

De acordo como o delegado, os EUA são um dos lugares mais procurados como destino ilegal, e coiotes chegam a cobrar até US\$ 20 mil (R\$ 110 mil) por pessoa para esse serviço, alcançado cifras bilionárias.

Os meios para chegar no país incluem rotas terrestres que passam pela Floresta de Darién, na fronteira entre o Panamá e a Colômbia, considerada uma das selvas mais densas do mundo. A perigosa travessia deixa vítimas pelo caminho.

“Essas pessoas estão sujeitas a ataques de animais selvagens, doenças tropicais, abusos de coiotes e das organizações que cometem estes crimes. Além de oferecer risco de vida e de integridade física e mental muito grande”,



Policiais federais em frente ao prédio da corporação em Brasília Rafa Neddermeyer - 22.fev.24/Agência Brasil

afirmou Daher à Folha.

Dados da agência federal americana de controle de fronteiras analisados pela PF mostram que, em 2024, 22.990 brasileiros foram detidos tentando entrar ilegalmente nos EUA.

No último dia 10, a embaixada dos EUA no Brasil divulgou um vídeo direcionado a imigrantes em situação irregular, no qual incentivava o uso de um aplicativo do governo para retorno ao país de origem.

A publicação se referiu à iniciativa como um “presente de fim de ano perfeito” do Departamento de Segurança Interna (DHS, na sigla em inglês) do governo de Donald Trump, que tem essa como uma de suas bandeiras políticas.

O número de brasileiros deportados dos Estados Unidos até outubro deste ano já é o maior desde pelo menos 2020, de acordo com dados da PF. Até o dia 1º

daquele mês, foram 2.262 cidadãos do Brasil retirados do território americano, um aumento de 36,2% em relação aos 1.660 registrados em todo o ano de 2024, sob o governo Biden.

O delegado também diz ser importante frisar que criminoso, nestes casos, é quem explora a imigração ilegal para fins de vantagem, não quem tenta entrar em determinado país em busca de melhores condições de vida. Segundo ele, o migrante não deve ser preso quando pego, mas sim extraditado.

A legislação brasileira considera, como modalidades de tráfico de pessoas, a exploração sexual, o trabalho escravo ou análogo à escravidão, a remoção de órgãos ou partes do corpo e a adoção ilegal.

O Código Penal prevê, para estes crimes, pena de reclusão de quatro a oito anos, além de multa. Ela é aumentada em um terço



Essas pessoas estão sujeitas a ataques de animais selvagens, doenças tropicais, abusos de coiotes e das organizações que cometem estes crimes. Além de oferecer risco de vida e de integridade física e mental muito grande

Daniel Daher
delegado da Polícia Federal, sobre a rota que coiotes fazem para levar pessoas aos EUA

se forem cometidos contra crianças e adolescentes.

As investigações do centro abrangeram pessoas que passaram pelo Brasil vindas, por exemplo, da América Central rumo à Europa como destino final.

A Operação Vuelta, de junho, mirou um grupo que organizava a logística da viagem, como passagem pelo território brasileiro utilizando documentos falsificados. Muitos eram cidadãos da República Dominicana.

Também foram identificados migrantes traficados para fins de exploração laboral, como bolivianos, africanos e venezuelanos.

Centros de telemarketing no Sudeste Asiático, por exemplo, atraíram pessoas com propostas de emprego, mas que, ao final, foram obrigadas a trabalhar para empresas de golpes virtuais, assim como falsas agências de modelos.

Daher alerta que boa parte desses crimes migrou para o ambiente virtual, em que são utilizadas redes sociais ou sites falsos para recrutar as vítimas. Antes, isso era feito apenas por agências de fachada, ou boca a boca, mirando sempre pessoas vulneráveis.

“As vítimas são seduzidas por uma boa proposta, com custos pagos. Isso salta os olhos. Só que elas chegam no local e encontram uma realidade diferente. São colocadas em cárcere privado, obrigadas a trabalhar em jornadas além da prometida e sofrem violência física e psicológica”, afirma.

Até exploração sexual, segundo o delegado, pode ser feita hoje virtualmente, com transmissões online.

O diretor afirma ser importante, para o próximo ano, investir em prevenção, fornecendo informações sobre estes crimes. Além disso, ele espera que o centro dê ainda mais apoio aos resgatados, com a capacitação de agentes.

O objetivo, segundo Daher, é que a polícia ajude a encontrar entidades que promovam o acolhimento dessas pessoas.

“Quando se fala em polícia, prioritariamente se pensa em repressão. Só que tem um papel importantíssimo de dar assistência às vítimas, pois é a primeira que chega no local e tem o contato com elas. Não podemos prender o traficante e deixar a vítima sem apoio. Também temos esse papel humanitário”, disse.

No Rio de Janeiro, familiares de condenados fazem curso de formação jurídica para entender direitos

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO Cláudia participou de um curso de formação jurídica para familiares de presos no Rio de Janeiro. Sentiu-se encorajada e se inscreveu na graduação de serviço social. O caso dela chamou a atenção de Késsia Gomes, uma das organizadoras do “Guerreiras pelo Desencarceramento”.

O projeto, realizado pelo Iser (Instituto de Estudos da Religião), consiste em oferecer curso de formação jurídica e política para que familiares aprendam sobre os direitos de quem cumpre pena e as

regras do processo penal.

O projeto se concentra em mulheres, gênero que é a maioria no suporte e visita aos presos. Iniciado em 2022, ele atua em ciclos pelo interior do Rio e pela capital.

“Ao contrário do que o Estado pensa, elas se interessam muito, sempre querem saber mais. São participativas, perguntam, pesquisam, voltam para a gente com questões que, às vezes, a gente nem sabe responder”, afirma Ane Rocha, outra organizadora.

Entre adultos, o sistema prisional do Rio possui 45.692 pessoas e pouco mais de 28 mil vagas.

“A gente começa discutindo o que é prisão em flagrante e quais são os direitos da pessoa, o que é a inviolabilidade do lar, tema fundamental para essas pessoas que são invadidas nas suas casas. Usamos casos concretos e falamos desde a abordagem policial até a prisão”, afirma Késsia Gomes.

Elas também aprendem sobre a função de cada órgão — a atuação da Defensoria Pública, suas possibilidades e limites, e a atribuição do Ministério Público.

“Os encontros são mensais e sempre nas reuniões seguintes temos relatos de pessoas dicen-



TJ pede correções em centro para menores no Rio

Neste mês, a Justiça determinou que o estado do Rio de Janeiro adote medidas para corrigir violações de direitos no centro para crianças e adolescentes Dom Bosco. Relatórios apontaram superlotação e condições inadequadas de higiene no local.

do como passaram a reagir e a impor seus direitos, inclusive coletivamente, porque há pessoas que vivem na linha tênue da violação. Mas a gente sempre preza pela segurança”, diz Késsia.

O curso de formação vigente foca as famílias de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. No caso deles, as famílias são ensinadas sobre o que é permitido e proibido nas abordagens: adolescentes não podem ser algemados e as conduções à delegacia precisam ser acompanhadas de conselheiros tutelares.

Em 2024, 4.919 crianças e adolescentes foram apreendidos por suspeita de atos infracionais; 2.224 estiveram em internação provisória, 877 em internação e 1.279 em semiliberdade, segundo dados do governo estadual.

José Luis Caballero Ochoa

Operações como a Contenção são nulas contra o crime organizado

Ação policial mais letal da história do Brasil, no final de outubro, deixou 122 mortos; presidente de comissão de direitos humanos da OEA diz que não há combate eficaz sem mirar a rota do dinheiro, das armas e da corrupção

ENTREVISTA

Fernanda Mena

SÃO PAULO No início de dezembro, integrantes da CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos) estiveram em Brasília e no Rio de Janeiro para observar as causas e consequências da ação policial mais letal da história do Brasil: a Operação Contenção, ocorrida em 28 de outubro de 2025 nos Complexos da Penha e do Alemão, com saldo de 122 mortos, entre eles, 5 policiais.

A CIDH é um órgão da OEA (Organização dos Estados Americanos) encarregado da promoção e proteção dos direitos humanos no continente americano. Criada em 1959, ela faz parte do Sistema Interamericano de proteção dos direitos humanos.

O presidente a CIDH, o mexicano José Luis Caballero Ochoa, contou à *Folha* que a comissão esteve com autoridades nacionais e estaduais, do governador Claudio Castro ao Ministério Público, passando por autoridades financeiras, pesquisadores e pessoas das comunidades afetadas. E que elabora agora um relatório sobre a visita com recomendações para as três esferas do poder.

Para além dos sinais de abuso, tortura e até desaparecimentos relatados à comissão, Ochoa afirma que a operação expõe o que classifica como uma “estratégia nula” de enfrentamento ao crime organizado. Segundo ele, ações desse tipo privilegiam respostas imediatistas e de alta letalidade, concentradas em territórios pobres e racializados, gerando dividendos políticos de curto prazo sem produzir resultados sustentáveis em segurança pública.

O presidente da CIDH diz que, embora não se possa ignorar o poder bélico e financeiro das organizações criminosas, o Brasil falha ao não adotar uma estratégia mais ampla, que ataque a rota do dinheiro, das armas e a corrupção institucional. Para Ochoa, cujo mandato se encerra em 31 de dezembro de 2025, a repetição de incursões policiais como a Operação Contenção revela menos uma política estruturada e mais uma lógica de exceção que, além de violar direitos humanos, tende a perpetuar a violência que diz combater.

*

O que a Comissão descobriu sobre a Operação Contenção em sua visita oficial ao Brasil? A comissão fez vários encontros com autoridades, pesquisado-

res e vítimas. E o que a comissão encontra é que houve uma incursão policial naquele dia que reflete uma estratégia nula para lidar com o tema da criminalidade organizada. Ela reflete o interesse de atuar com imediatez e a ideia de que, com incursões de polícia e repressão, serão resolvidos problemas de armamento e de grupos criminosos.

Quais são as características dessa estratégia que o sr. classifica como nulas? São incursões que dão ênfase fundamental a jovens em situação de pobreza, com uma questão racial de fundo, sobre a qual a comissão já se manifestou. Assim, essas operações podem ser capitalizadas politicamente em sociedades como as nossas, na América Latina, que estão sedentas de resultados em matéria de segurança. A insegurança é uma preocupação muito grande. Daí que operações como esta são saudadas pela população e geram crédito político porque se pensa que elas podem dar resultados.

E elas não dão resultados? Não há resultado a longo prazo. Mas há um crédito político das autoridades, que as tratam como algo aparentemente efetivo, sem haver melhoria no bem-estar da população. Então, também encontramos a outra face da moeda, que é a preocupação com o protagonismo do crime organizado. Eles têm armamento pesado, sofisticado, e há muito dinheiro aí atrás dessas organizações cri-

minais. Não se pode escamotear essa ideia: havia armas também. E este fenômeno é cada vez mais crescente. Mas, com ele, encontramos a corrupção e a impunidade tanto na rota de chegada dessas armas quanto na presença do crime organizado nesses territórios.

Que estratégias seriam efetivas contra o crime organizado? Há boas práticas. Mas o que vimos no Brasil é que não há uma estratégia mais ampla contra o crime organizado que não seja operações pequenas, grandes, lamentáveis. Nós escutamos autoridades financeiras por causa do tema de seguir a rota do dinheiro, mas não encontramos uma incidência efetiva deste tema nem a nível federal nem no governo do Rio de Janeiro. Não encontramos uma estratégia de coordenação entre as autoridades federais, estaduais e municipais nem a nível internacional para que as armas não cheguem ao território do Brasil, o que é uma falha na cooperação internacional.

Esses pontos já não foram abordados em decisões nacionais e internacionais sobre o Brasil? Sim. A ADPF 635, emitida pelo Supremo Tribunal Federal, tem alcance e magnitude, e há vozes que dizem que ela produz mais criminalidade. Mas estamos entendendo que ela é uma maneira, ao contrário, de poder atender à problemática em uma perspectiva de maior amparo constitucional. Tanto a comis-

“
Há boas práticas. Mas o que vimos no Brasil é que não há uma estratégia mais ampla contra o crime organizado que não seja operações pequenas, grandes, lamentáveis

“
O argumento de que não se pode ter respeito aos direitos humanos em combate ao crime organizado é falacioso

são, em nove comunicados recentes, como a Corte Interamericana de Direitos Humanos, em um par ou mais de sentenças relativas ao tema, se pronunciaram sobre a necessidade de a atenção à segurança pública e a incursão da polícia estejam feitos sob parâmetros de direitos humanos. E elas denunciam a gravidade desse problema de reprimir e promover massacres em determinados territórios sob esses parâmetros de raça e de situação econômica e de padrões de criminalização de juventudes pobres racializadas.

Por que esses jovens são alvo? Uma organização social muito desigual utiliza essas pessoas para evidenciar a criminalização, e isso a comissão falou muitas vezes com respeito ao Brasil. Porque o Brasil tem um racismo muito arraigado e, com base nesse racismo e nessa condição econômica, encontramos um padrão que coincide em uma quantidade altíssima de mortes. Mas as cabeças das organizações criminais e as cabeças ainda mais altas, que depois coincidem com espectros políticos e empresariais, seguem por aí.

No Brasil, pesquisas apontaram para um apoio majoritário da população à Operação Contenção. Como é possível respeitar os direitos humanos e combater o crime organizado ao mesmo tempo? O argumento de que não se pode ter respeito aos direitos humanos em combate ao crime organizado é falacioso. O problema hoje é que ações contra o crime organizado em geral nem respeitam os direitos humanos nem são eficazes ou produzem resultados porque não há uma estratégia integral, que siga a rota do dinheiro e a rota das armas, que resolva o tema da corrupção e que integre todas as autoridades que devem estar envolvidas. Se o crime organizado penetra em todos os Estados, que estão estruturalmente armados, institucionalmente e juridicamente, é porque há permissividade.

Quais são as boas práticas nesse campo de respeito pelos direitos humanos durante o combate ao crime organizado que resultaram mais efetivas do que as incursões policiais? As instituições têm de dialogar e manter sua independência para que façam o trabalho técnico de forma autônoma. Por exemplo, as instituições que fazem perícias científicas têm de estar em mãos de autoridades técnicas, dedicadas a elas sem incidência de decisões políticas. Essa é uma boa prática.

Como o governador Claudio Castro respondeu aos questionamentos da Comissão? Eu perguntei ao governador do Rio de Janeiro quantas Operações Contenção seriam necessárias para acabar com a criminalidade. Se há uma estratégia, quantas mais? Mas não há [estratégia]. Então é um tema que responde a outra lógica. E isso é o que preocupa a Comissão Interamericana.

Mas o que ele disse? Que tem estratégia e que irá apresentá-la. O resto, eu prefiro não falar.



Leonardo Ramirez - 26.fev.24/CIDH

José Luis Caballero Ochoa, 60

1965, Chihuahua (MEX) Formado em direito, é pesquisador no Departamento de Direito da Univ. Iberoamericana na Cidade do México, e membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do Conselho Nacional de Ciência, Humanidades e Tecnologia do MEX.

Morre mulher arrastada por carro em São Paulo após 25 dias internada

Tainara Souza Santos, 31, estava internada no Hospital das Clínicas; suspeito do ataque tornou-se réu após determinação da Justiça

Paulo Eduardo Dias, Claudinei Queiroz e Isabella Menon

SÃO PAULO Tainara Souza Santos, 31, que estava internada desde o dia 29 de novembro após ser atropelada e arrastada por um quilômetro por Douglas Alves da Silva, morreu na quarta (24) no Hospital das Clínicas, em São Paulo.

A morte foi confirmada à reportagem pela família da vítima.

Após o atropelamento, Tainara teve as duas pernas amputadas e passou por cinco cirurgias para ajudar na reconstrução das lesões geradas pelas amputações. Devido à complexidade dos ferimentos, ela ficou intubada desde o dia do acidente.

A última cirurgia foi realizada na segunda (22) para retirar pele a ser usada como enxerto no pedaço da perna que ainda restava, na região dos glúteos. A família disse que ela também foi submetida a uma traqueostomia para retirada do tubo respiratório.

Na terça (23), a mãe de Tainara, Lúcia Aparecida Souza da Silva, postou um vídeo nas redes sociais falando sobre os procedimentos realizados. Ela disse que a filha foi para o quarto muito debilitada, devido à amputação, mas que a cirurgia em si tinha transcorrido

bem. Ela contou que os médicos pediram para a família comparecer ao hospital, e disseram que a filha não estava mais respondendo às medicações. A mãe, então, pediu a oração de todos.

Na quarta, Lúcia publicou um texto dizendo que “a dor é enorme, mas acabou o sofrimento. Agora é pedir por justiça”. “Ela acabou de partir desse mundo cruel e está com Deus”, escreveu. Tainara deixa dois filhos.

O advogado Fabio Costa, que defende a família da vítima, lamentou a morte e disse que a ausência do depoimento da vítima deixa pontos abertos na investigação sobre o caso.

“Contávamos muito com o depoimento de Tainara sobre o relacionamento dela com o Douglas. Ninguém sabe precisar o que aconteceu e como aconteceu”, disse o advogado. “A gente não sabe se ela foi uma ficante, uma namorada. A própria família não sabe precisar isso e seria importante que ela descrevesse tudo o que aconteceu naquela noite. Seria importante o depoimento para colocar uma pedra em cima do assunto, uma vez que ele sempre dizia que não conhecia a Tainara.”

Costa diz que, agora, o principal objetivo da família é fazer com



Tainara Souza Santos, 31, caminha com amigo antes de ser atropelada em São Paulo Reprodução/TV Globo

que o suspeito vá a júri popular.

A morte de Tainara deve levar ao aumento da pena à qual o suspeito pode cumprir em caso de condenação. Douglas era réu por tentativa de feminicídio, mas deve passar a responder pelo crime consumado. Ele ainda responde por tentativa de homicídio contra o rapaz que a acompanhava.

A Secretaria de Segurança Pública disse, em nota, que a natureza do crime “já foi atualizada para feminicídio consumado” pela Polícia Civil após a confirmação da morte. Afirmou que ainda há um inquérito aberto sobre o caso.

Até agora, o motorista estava sujeito a uma redução de um a dois terços do tempo total de pena. É o que prevê o Código Penal para casos em que o crime não se completa, por motivos alheios à vontade do autor.

Douglas teria pena máxima de aproximadamente 26 anos e oito meses em caso de condenação. Com a morte confirmada, ele pode receber uma pena de até 40 anos, se condenado.

O atropelamento ocorreu na manhã do dia 29 no Parque Novo Mundo, na zona norte de São Paulo. O motorista atingiu Tainara com um Golf preto em uma avenida que dá acesso à margi-

+
Capital paulista registra recorde de feminicídio

Até outubro de 2025, o número de feminicídios registrados na cidade de São Paulo chegou a 53 casos, o maior da série histórica —um recorde. Em 2024, foram 51 casos de feminicídio de janeiro a dezembro, até então o maior número já registrado.

De acordo com um levantamento do Instituto Sou da Paz, a capital paulista foi o cenário de 1 a cada 4 feminicídios consumados no estado. Na comparação dos dez primeiros meses de 2025 com o mesmo período do ano passado, a alta é de 23% na cidade. Em relação a 2023, o crescimento foi de 71%.

nal Tietê e continuou dirigindo mesmo com o corpo dela preso ao veículo. Câmeras de segurança registraram o atropelamento. Motoristas que estavam nas proximidades filmaram o carro com o corpo da mulher sendo arrastado em um trecho da marginal.

A investigação conduzida pelo delegado Luiz Gonçalves Dias Filho, do 90º DP (Parque Novo Mundo), aponta que Douglas teve uma briga com um homem que acompanhava Tainara e tentou matar os dois por ciúme. Segundo testemunhas ouvidas e o advogado da família da vítima, Douglas e Tainara tiveram um breve relacionamento no passado.

Um funcionário do local disse à polícia que o motorista agiu de forma intencional, atropelando e passando por cima da vítima. Quando a mulher já estava sob o veículo, o motorista ainda teria puxado o freio de mão e feito movimentos bruscos com o carro.

Douglas negou à polícia que o atropelamento tenha sido proposital e afirmou que não conhecia Tainara ou seu acompanhante, o que contradiz o que disse um amigo de Douglas que estava dentro do veículo no momento do atropelamento, além da família da vítima. Ele ainda afirmou não ter percebido o alerta de outros motoristas de que a vítima estava sendo arrastada pelo seu veículo. Ele disse que deixou o local com medo de ser agredido.

O advogado Marcos Leal, que defende Douglas, afirmou que ele não tinha intenção de atingir Tainara, mas sim o homem que caminhava ao seu lado na saída de um bar. Ele também alega que Douglas não conhecia a vítima.

Já o passageiro do carro disse que Douglas ficou furioso ao chegar a um bar e ver Tainara na companhia de outro homem e que ele teve a intenção de atingi-la.

Colaboraram Nathalia Durval e Tulio Kruse

Tati Bernardi
A colunista está em férias



Zanone Fraissat/Folhapress

Dom Odilo celebra missa de Natal, mas evita falar sobre padre Júlio Lancellotti

O arcebispo de São Paulo, cardeal dom Odilo Scherer, celebrou nesta quinta-feira (25) a missa de Natal do Arsenal da Esperança, projeto social sediado na Mooca,

zona leste paulistana. Ele brincou com o público que esperava que não houvesse armas por ali, pois o arsenal não era de munição, era de esperança. Na saída, declinou

mais uma vez comentar sua ordem para que padre Júlio Lancellotti se afastasse das redes sociais. “Volto a dizer que esse assunto eu só trato com ele”, afirmou à Folha.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

TEUDA BARA (1941-2025)

Fundadora do Galpão, fez teatro popular e resistente

Atriz ajudou na democratização da arte ao levar seus espetáculos à praça pública

Andre Marcondes

SÃO PAULO Teuda Bara nunca aceitou ser enquadrada em rótulos ou convenções, uma postura que ficou eternizada quando ela recusou o convite para ser uma das chacretes de José Abelardo Barbosa, o Chacrinha, por se considerar “comunista demais”.

Esse espírito indomável e profundamente político guiou a trajetória da atriz e dramaturga, morta nesta quinta-feira, aos 84 anos, em Belo Horizonte.

Filha de um major-bombeiro trombonista e uma enfermeira cantora, Bara herdou o talento para a performance e o riso como ferramenta de expressão. Sua iniciação nos palcos se deu de forma atípica, aos 30 anos, no teatro-jornal do Diretório Acadêmico da UFMG, a Universidade Federal de Minas Gerais.

Incomodada com a rigidez ideológica da esquerda universitária, abandonou o curso de ciências sociais no terceiro ano para viver a liberdade do movimento hippie e fazer artesanato.

Sua história se funde com a do próprio teatro brasileiro em 1982, quando fundou o Grupo Galpão. No coletivo, ela se tornou a alma de espetáculos emblemáticos como “A Rua da Amargura” e “Um Molière Imaginário”, ajudando a levar a arte para as praças públicas e democratizar o acesso à cultura.

O Galpão redefiniu o teatro de grupo no Brasil ao fundir circo, música e dramaturgia clássica por meio de ocupações democráticas.

Mesmo quando alcançou o ápice do prestígio internacional ao integrar o elenco do Cirque du Soleil em Las Vegas, nos Estados Unidos, entre 2004 e 2007, Bara escolheu retornar ao Brasil. Ela sentia que a perfeição técnica da companhia canadense, no espetáculo “Kà”, não substituíra a vitalidade e o diálogo humano que encontrava nos palcos nacionais e no calor do teatro de rua.

Ativa até o fim, celebrou em 13 de dezembro de 2025 os dez anos da peça “Doida”, adaptação de um conto de Carlos Drummond de Andrade que encenava ao lado do filho, Admar Fernandes. Foi sua última apresentação pública. Durante a pandemia, demonstrou resiliência ao realizar o espetáculo virtual “Queria Teatro”, também com o filho, aprendendo a usar novas tecnologias para seguir declamando.

Sua morte encerra o capítulo de uma vida inteiramente dedicada ao teatro como ofício, encantamento e ferramenta de transformação social. Bara deixa os filhos André e Admar, além de uma legião de admiradores que viam nela a síntese perfeita entre a disciplina artística e a alegria da boemia mineira.

Na nota em que comunica a morte, o Grupo Galpão resumiu a magnitude de sua existência, exaltando a “luz raríssima” que Bara espalhou ao longo de décadas de dedicação ao ofício de encantar. Seu legado permanece vivo em cada praça ocupada e em cada riso provocado pela força de sua presença cênica.



Filipe Redondo/Folhapress

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE
Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156
Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. WhatsApp (11) 99646-9069.
Seg. a sex.: 10h às 19h.



Mansão demolida na baía de Siá Mariana, em Barão de Melgaço (MT) Divulgação/Ministério Público de Mato Grosso

Promotoria mira demolição de mansões irregulares no Pantanal em Mato Grosso

Advogado de proprietário afirma que outros imóveis na região firmaram TAC, mas a casa não teve o mesmo benefício do governo

Lázaro Thor

CUIABÁ Após um processo que durou 27 anos, o Ministério Público de Mato Grosso conseguiu a demolição no dia 1º de uma mansão frequentada por políticos. O imóvel, localizado na baía de Siá Mariana, em Barão de Melgaço (MT), estava em área considerada de preservação permanente no Pantanal. Novas casas construídas irregularmente devem entrar na mira, segundo a Promotoria.

A mansão estava oficialmente em nome de Clélio Nogueira, servidor aposentado da Sema (Secretaria de Estado de Meio Ambiente). Segundo o advogado Fernando Biral, que o representa, proprietários de outros imóveis na região firmaram TAC (Termo de Ajustamento de Conduta), mas a edificação do seu cliente não teve o mesmo benefício.

Segundo o promotor Joelson Campos Maciel, a demora na demolição ocorreu por conta da resistência e da influência de políticos locais, o que levou a disputa ao Supremo Tribunal Federal.

Construído em uma área de preservação permanente, o imóvel usado por políticos como casa de veraneio também impedia o acesso de pescadores da região à baía.

Mesmo com a ordem judicial de demolição, a Sinfra-MT (Secretaria de Estado de Infraestrutura de Mato Grosso) informou que seria preciso realizar uma licitação para executar o serviço.

Para contornar o problema, Maciel e os promotores de Justiça Ana Luiza Ávila Peterlini e Henrique Schneider solicitaram autorização para usar o recurso do Jui-

zado Especial Volante de Cuiabá, que arrecada multas ambientais.

Segundo Maciel, a chamada “casa amarela”, como ficou conhecida a mansão, não é o único imóvel irregular na região. Ele calcula que, nas baías de Siá Mariana e Chacororé, há outras casas construídas em área de preservação ou com licença irregular emitida pela Sema.

“Nós entramos com uma ação civil pública quando houve o problema da seca na baía de Siá Mariana e Chacororé. É uma ação civil guarda-chuva, que abrange várias questões, uma delas é a questão dos imóveis irregulares nas margens das baías”, afirmou. Na ação, foi solicitado um levantamento das irregularidades.

“A responsável para fazer esse levantamento de imóveis irregulares é da Sema e, assim, presume-se que ela estaria tomando conta”, argumentou.

A legislação ambiental abre algumas exceções para o uso das áreas de preservação permanente. Assim, proprietários de imóveis utilizam desta brecha para tentar legalizar no papel as suas casas de campo ou casas de praia.

O Ministério Público também pretende investigar o alteamento de uma estrada vicinal pela Secretaria de Estado de Infraestrutura (Sinfra-MT) que leva até casas de veraneio na baía. Obra que ocorreu a cerca de um ano, sem licitação, com a justificativa de que seria usada para o Corpo de Bombeiros captar água da baía de Siá Mariana em caso de incêndio no Pantanal.

“Espero que o que foi feito com o Clélio hoje seja feito com as de-

mais casas, respeitamos a Justiça, não nos opusemos à demolição”, disse Fernando Biral, advogado do dono da casa amarela.

Segundo ele, a defesa chegou a propor que parte da casa fosse usada pela Sema. “A gente entende que, em relação a este processo, a Justiça não prevaleceu, o princípio da isonomia não foi respeitado, o princípio de que se você trata a pessoa de uma forma, você tem que tratar a outra pessoa, que está na mesma situação, da mesma forma”, afirmou.

Em nota, a Sema disse que as casas de veraneio não são passíveis de licenciamento ambiental e que a análise da secretaria se restringe a atividade do empreendimento.

A secretaria também afirmou que realizou operações, notificações e autuações na região, mas que não sabe informar quantos imóveis estariam irregulares.

“No processo de licenciamento, o empreendimento deve apresentar todos os documentos comprobatórios da atividade exercida, e somente há emissão de licença se tiverem sido atendidos todos os requisitos legais”, declarou pasta na nota.

A Sinfra disse que executou melhorias em diversas estradas vicinais no Pantanal para combater incêndios e que não tem relação com o processo de demolição dos imóveis no local.

“As melhorias tinham o objetivo de facilitar o trânsito de viaturas e caminhões entre pontos de apoio, pontos de captação de água (como a baía de Siá Mariana) e locais atingidos por incêndios”, afirmou a secretaria.

Unidades de saúde funcionam à noite e ajudam população no interior de SP

Prefeituras investem em serviços, como vacinação e consultas; atendimento amplia alcance de campanhas que geralmente têm horários restritos na rede pública

SAÚDE PÚBLICA DIAS MELHORES

Danielle Castro

RIBEIRÃO PRETO No fim de ano, muitas empresas contratam temporários e ampliam os benefícios por assiduidade no trabalho para garantir a entrega de produtos e balanços antes do Natal. Por isso, faltar no trabalho, mesmo com atestado, pode significar para muitos perder bônus cobichados e até uma efetivação de vaga. Diante desse cenário e buscando também incluir a população adulta empregada às campanhas de saúde, prefeituras do interior de São Paulo estão investindo em atendimento noturno pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com horários mantidos inclusive nesta época do ano.

Em São José do Rio Preto, por exemplo, quatro UBSs (unidades básicas de saúde) operam à noite, de forma permanente, promovendo consultas, vacinação e exames. A UBS João Paulo 2º/Jaguaré, a UBS São Deocleciano e a UBS Parque Industrial funcionam, até as 19h, e UBS Solo Sagrado, até as 20h.

A iniciativa, chamada de “Noites Preventivas”, foi lançada há dois anos e ampliada em 2025 para dar mais acesso para a população aos serviços de saúde, especialmente para trabalhadores com dificuldade em buscar ajuda em horário comercial.

Segundo a Prefeitura de São José do Rio Preto, a adesão foi tão positiva que este ano o programa ganhou novos serviços e passou a ser oferecido, pontualmente, nas demais 26 UBSs do município.



Cleusa de Fatima Verga Balista, 72, durante atendimento em São José do Rio Preto (SP) Divulgação

“Essa ampliação garantiu maior alcance territorial e regularidade das ações, fortalecendo a proposta de promover cuidado contínuo e facilitar o acesso para diferentes perfis de usuários”, diz o secretário municipal de saúde de Rio Preto, Rubem Bottas.

As unidades oferecem atendimentos programados para noite, mas é possível fazer ações preventivas sem agendamento, como vacinação, aferição de pressão arterial e glicemia.

A proposta ajudou a melhorar índices de saúde, fortalecer ações preventivas, antecipar diagnósticos, além de contribuir para a

redução de filas na atenção primária, afetando também a rotina das urgências e emergências.

“Um dos impactos mais significativos foi a redução da procura pelas UPAs [unidades de pronto-atendimento]. Muitos usuários passaram a resolver suas demandas diretamente no “Noites Preventivas” e essa mudança contribuiu para desafogar o pronto-atendimento, permitindo que casos realmente urgentes fossem atendidos com mais agilidade”, afirma Bottas.

A aposentada Cleusa de Fatima Verga Balista, 72, atesta o ganho de tempo. Operada da coluna e



Essa ampliação [do horário] garantiu maior alcance territorial e regularidade das ações, fortalecendo a proposta de promover cuidado contínuo

Rubem Bottas
secretário municipal de saúde de Rio Preto

com necessidade de acompanhamento, ela conseguiu atendimento noturno para monitorar diabetes e colesterol pelo “postinho” e não precisar recorrer à UPA.

“Igual ao SUS, para mim, não tem igual. Não tenho do que reclamar. Minha família tem convênio, mas lá está pior, tem que esperar de um a dois meses. O meu, venho, marco, e rápido estou consultando. Espero agora um ortopedista para o joelho”, diz.

Outras cidades do interior paulista também adotaram propostas similares para ampliar o alcance, especialmente em véspera de feriados como Natal, quando campanhas de vacinação e prevenção são intensificadas.

Em Sorocaba, o programa “Corujão da Saúde”, criado para zerrar filas de exames, ampliou os atendimentos de procedimentos como mamografia, cirurgia urológica, cirurgia ginecológica, de aparelho digestivo, de varizes, audiometria, ultrassom, ecocardiograma e laqueadura até 22h.

Bauri mantém unidades como a USF Jardim Godoy funcionando até as 21h para vacinação e atendimentos de rotina, mas haverá escala especial em dezembro e o usuário precisa consultar antes as datas disponíveis.

Piracicaba realizou este ano, em novembro e dezembro, ações pontuais com a campanha “Fique Sabendo” para testagem de ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), incluindo em uma intervenção educativa no Largo dos Pescadores com atendimento das 19h até meia-noite.

Embora não seja um “plantão de madrugada”, São José dos Campos retomou o horário estendido em dezembro para várias unidades por meio do programa UBS Resolve, com atendimentos até as 19h (dependendo do bairro).

Para saber os horários, é preciso consultar a programação especial de fim de ano no site das prefeituras de cada cidade.

O projeto Saúde Pública tem apoio da Umane, associação civil que tem como objetivo auxiliar iniciativas voltadas à promoção da saúde.

PF apura suposto desvio de verbas para hospitais públicos em RS e SP

BELO HORIZONTE A Polícia Federal investiga um possível esquema milionário de desvio de dinheiro voltado a hospitais públicos nas cidades de Jaguari, no Rio Grande do Sul, e de Embu das Artes, na Grande SP. Além disso, apura-se houve fraude de licitação.

Iniciado em janeiro de 2024, o inquérito indica que um grupo de empresários de Porto Alegre assumiu a gestão dos hospitais municipais dessas duas cidades e que essas instituições receberam mais de R\$ 340 milhões em recursos públicos entre 2022 e agosto de 2025.

Em novembro deste ano, como parte da apuração, houve o bloqueio de R\$ 22,5 milhões em contas, além de imóveis e outros bens. No mesmo mês, os policiais desencadearam uma operação relacionada ao caso.

Procuradas desde segunda-feira (22) por email e telefone, as prefeituras de Jaguari e Em-

bu das Artes não responderam.

Ainda segundo a PF, as investigações apontam o uso de empresas de fachada para emitir notas fiscais e ocultar a destinação dos recursos. Esse dinheiro circularia, então, em dezenas de contas de pessoas físicas e jurídicas sem qualquer vínculo com os serviços contratados.

Um dos alvos da investigação é a Campi, responsável pelo acolhimento de 93 adultos deficiência intelectual no Rio Grande do Sul. A empresa é suspeita de ter participado de uma fraude em uma licitação de R\$ 26 milhões do governo gaúcho, segundo reportagem do Fantástico, da TV Globo.

Um relatório da PF aponta que os investigados tiveram acesso a informações privilegiadas durante a realização do pregão eletrônico na Fundação de Proteção Especial (FPE), vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul.



Jóias apreendidas em operação da PF sobre suspeitas de desvios de verbas públicas em RS e SP Divulgação/PF

A pasta disse à Folha que a Campi é fiscalizada mensalmente pelas equipes técnicas da FPE e que nenhuma irregularidade foi encontrada até o momento. Afirmou ainda que o termo de referência que baseou a contratação da empresa foi elaborado por um grupo de trabalho formado por diversos órgãos, em discussões feitas entre 2018 e 2023, e que até o momento a fundação não recebeu notificação pelos órgãos de investigação.

“A Central de Licitações do Estado (Celic), que conduziu a licitação, destaca que toda e qualquer conduta que tenha por objetivo frustrar o caráter competitivo de processos licitatórios deve ser rigorosamente apurada pelos órgãos competentes e se coloca à disposição para ajudar nesse processo”, disse a secretaria, em nota.

Procurada pela reportagem, a Campi não respondeu.



Jacqueline Sachett em meio à coleção de animais na Fundação de Medicina Tropical, em Manaus Érico Xavier / Fapeam

‘Envenenada’ pelo tema, enfermeira estuda laser para lesão pós-picada de serpente

Jacqueline Sachet, professora na Universidade do Estado do Amazonas, ganhou bolsa de R\$ 50 mil para conduzir pesquisa

Ana Bottallo

RIO DE JANEIRO Existem pessoas que sabem desde cedo o caminho na ciência que pretendem seguir. E existem aquelas cujos projetos de pesquisa as encontram. É o caso de Jacqueline Sachett, 46, professora da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), reconhecida recentemente com o prêmio Para Mulheres na Ciência.

O prêmio, concedido pela L’Oréal com a ABC (Academia Brasileira de Ciências) e a Unesco, tem como objetivo fomentar e incentivar a pesquisa feita por mulheres com bolsas de R\$ 50 mil. O projeto de Jacqueline investiga acidentes com animais peçonhentos, em especial as jararacas (serpentes do gênero *Bothrops*), e se terapias de laser reduzem infecções e aceleram a recuperação tecidual no local da picada.

“As pessoas que são referência no estudo de doenças tropicais, que estudam o mesmo tema da minha pesquisa, sabem o meu nome, me citam em suas pesquisas, e isso não tem preço”, disse ela à **Folha** após a cerimônia no Palácio da Cidade, no Rio de Janeiro, no começo deste mês.

“Sinceramente, nunca me vi na posição que estou hoje. Meu pai não tem ensino superior, minha mãe nunca estudou. Hoje tenho uma rede de colaboração com o meu nome. Existem pesquisadores de renome em envenenamento do Reino Unido, da França, que me conhecem.”

A trajetória científica da mineira de Conselheiro Lafaiete foge do comum. Formada em enfermagem, sua atuação inicialmente focava a assistência clínica, em

especial de pacientes renais em diálise. Fez um mestrado em nefrologia na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Passados alguns anos, surgiu então a oportunidade de migrar para a região Norte: a abertura de vagas para enfermagem na Fundação de Medicina Tropical da UEA. O pai dela já tinha se mudado para o Amazonas e ela resolveu prestar o concurso. Passou. Uma vez lá, o tripé ensino, pesquisa e extensão a motivou a realizar um doutorado, contudo havia um problema: o programa não contemplava cursos de pós-graduação em enfermagem.

“Olhei a lista e falei, ‘vou fazer doutorado em quê? Não tem pesquisa em nefrologia’. Olhei a lista: leishmaniose, malária... isso não tem em Minas, como vou estudar algo que nunca vi?”, pensou ela. “Surtiu o [tema] envenenamento por animais, e tinha alguma relação, primeiro porque em Minas tem vários casos, segundo porque alguns dos pacientes de diálise que eu atendia tinham sido picados e falavam que a recuperação era mais lenta, então pensei em seguir essa linha.”



Não tem tratamento no local [da picada]. Uma das possibilidades é o uso de terapia laser de baixa intensidade

Jacqueline Sachett
professora da UEA (Universidade do Estado do Amazonas)

No ano passado, até novembro, Minas Gerais foi a segunda unidade da Federação em total de notificações por acidentes com serpentes, segundo dados do Ministério da Saúde: 3.450, atrás só do Pará (5.016). Em todo o país, houve 32.425 notificações, com 128 óbitos —outros dois estão em investigação. É uma quantidade elevada, considerando o fato que o único tratamento disponível contra as picadas é o soro antiofídico, produzido pelo Instituto Butantan, em São Paulo.

As principais serpentes envolvidas em acidentes no Brasil são as jararacas, do gênero *Bothrops*, e as cascáveis (gênero *Crotalus*).

A tese de Jacqueline buscou entender a eficácia de antibióticos como prevenção para infecções secundárias decorrentes das picadas de serpentes. Jacqueline diz que acabou, então, “envenenada” pelo tema. “A minha entrada no doutorado reabriu a linha de pesquisa em acidentes com animais peçonhentos. E até hoje vem prosperando.”

Mesmo com a adoção de soro, cuja eficácia é total quando aplicado corretamente, existe o risco de sequelas, além do dano local.

“Quando a pessoa sofre o envenenamento e toma o soro, ele neutraliza o veneno circulando, mas quem já sofreu dano [no tecido] não tem tratamento no local. Uma das possibilidades é o uso de fotobiomodulação [terapia laser de baixa intensidade].”

Seus estudos sugerem uma redução de até 50% do dano causado no tecido após o uso da fototerapia.

A repórter viajou ao Rio de Janeiro a convite do Grupo L’Oréal no Brasil

A neurocientista descobriu novo jogo

Pips usa peças do dominó diferente; mapear limitações é uma boa partida

Suzana Herculano-Houzel

Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA)

Meus dias começam assim: antes de levantar, escaneio o aplicativo da **Folha**, depois o do New York Times, e o do Globo pra saber o que fedeu no mundo enquanto eu dormia (The Atlantic é reservado para leitura noturna por puro prazer); mato o Wordle dos joguinhos do NYT ainda no banheiro; e então caço as palavras do Spelling Bee enquanto tomo meu café de mentira com pão de mentira e queijo de mentira (chicória, sem glúten e sem leite, por razões de intolerância tripla). Nos bons dias, o Spelling Bee dura certinho até o fim do meu pão. (Não entro mais em rede social alguma. Está na lista ler o livro novo do Cory Doctorow, sobre a ‘merdificação’ da internet, mas é só para descobrir os detalhes de como a cultura da competição para ser o mais forte está levando os senhores tecnofeudais à implosão, viva! Já entramos na era de IA produzindo conteúdo para IA consumir, agora é só pegar a pipoca –ou melhor, aproveitar meu tempo livre conversando de verdade com gente de verdade.)

Mas minha rotina matinal vai ter que sofrer ajustes, porque o aplicativo de jogos do NYT acaba de incorporar o Pips, desafio de lógica usando poucas peças de dominó pré-selecionadas que precisam ser posicionadas numa grade de acordo com as especificações dadas: nestas casas só números iguais, ali só diferentes, aqui têm que somar dez, ali zero, e assim vai. É tudo o que meu cérebro esquisito gosta

É tudo o que meu cérebro esquisito gosta num jogo só: raciocínio espacial e lógico do tipo se-aqui-então-ali, sem limite de tempo, com o prazer de completar um tabuleiro

num jogo só: raciocínio espacial e lógico do tipo se-aqui-então-ali, sem limite de tempo, com o prazer de completar um tabuleiro, mais ter que ficar me lembrando o tempo todo de que a regra fundamental do dominó, de casar números, não se aplica. A sorte não tem vez: Pips é um jogo que só se resolve com flexibilidade mental –ou seja, usando inteligência.

Já aprendi que também no Pips, como no Sudoku e nos problemas na vida de modo geral que dependem de inteligência, o melhor começo é identificar as maiores limitações: tem alguma peça ou número que somente cabe em um certo lugar? Alguma condição que só pode ser atendida por uma peça ou combinação particular? Por exemplo: se duas casas somam zero, já se sabe que ali só cabem peças com zero; se só houver duas disponíveis, então são elas mesmo. Se duas casas têm que somar mais de dez, o fato de as peças de dominó só irem até seis significa que ao menos uma é um seis, e se a outra não for outro seis, então é um cinco.

Daí em diante é possível seguir usando só a memória de trabalho, aquela que constrói e guarda em mente sequências simuladas de ações e seus resultados. Como todo o resto, a memória de trabalho melhora com o uso, conforme é exercitada, e jogos fazem isso. Mas se assim ficar difícil, Pips permite o luxo de voltar atrás e recolocar as peças à vontade, e os três níveis de dificuldade também dão a medida certa de desafio sem frustração demais para cada freguês.

Pips é apenas mais um jogo, mas sua lição é para a vida. Se inteligência é flexibilidade, identificar o maior entrave em cada situação, a peça que mais limita o meio de campo, é o problema mais fundamental —e solucioná-lo é extremamente gratificante, porque é dali que tudo começa a andar, e registrar nosso progresso é o que faz a gente se sentir forte e capaz. Reconhecer e mapear as limitações do jogo é sempre um excelente ponto de partida.

DOM. Reinaldo José Lopes **SEG.** Marcelo Leite, Mensageiro Sideral
TER. Álvaro Machado Dias **QUA.** Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel



Guarujaense Rodrigo Koxa surfa onda gigante na Praia do Norte em Nazaré, em Portugal Jayden - 19.dez.2025/Divulgação

Brasileiro surfa onda próxima a 30 metros em Portugal e desafia recorde mundial

Rodrigo Koxa diz acreditar ter superado a maior marca da história após surfar paredão de 29,15 m em Nazaré e aguarda homologação

Diego Guichard

NAZARÉ (PORTUGAL) A maior onda já surfada na história pode mudar de dono. Na última sexta-feira (19), o guarujaense Rodrigo Augusto do Espírito Santo, conhecido como Rodrigo Koxa, 46, surfou um paredão próximo aos 30 metros de altura na Praia do Norte, em Nazaré, em Portugal, e tem chance de retornar ao topo do Guinness World Records. Entre as mulheres, a carioca Michelle des Bouillons acredita ter batido o recorde feminino durante a realização do campeonato WSL Big Wave Surfing 2024/25, também neste mês.

As primeiras medições (extra-oficiais) para a onda do paulista apontam para uma altura de 29,15 m —algo como um prédio de 10 andares—, superior ao registrado pelo alemão Sebastian Steudtner. Em 29 de outubro de 2020, o europeu bateu o recorde anterior (do próprio Koxa) ao deslizar por um pico de 26,21 m.

Em contato com a **Folha**, Koxa disse ter surfado a “onda da vida”, não só pelo tamanho, mas pela formação triangular do fenômeno proporcionado pela força descomunal do Canhão de Nazaré.

“Surfei ela no pico, desci no meu limite e tive vontade de abortar por várias vezes. Foi a onda da minha vida, com grau de comprometimento maior de todas. Essa é a onda mais perigosa do mundo, que arranca um braço do corpo se pega mal”, conta o surfista. “Quando eu entrei no tubo, parecia uma máquina do tempo me sugando. Cabia um ônibus dentro dela”.

Koxa chegou a temer pela própria saúde, devido à proximidade com as pedras e com a velocidade que estava na água, em torno dos 80 km/h, segundo ele. Mas conseguiu sair ileso. “Essa onda foi realmente especial. Muito mais rápida do que as ondas padrão de Nazaré. Agradeço demais a puxada do meu parceiro Vitor Faria, porque me colocou no lugar perfeito. Do contrário seria impossível ter surfado com sucesso”, explica.

Com essa manobra, o brasileiro desponta como favorito para conquistar o prêmio anual de ondas gigantes, o “Big Wave Challenge”, competição que deve ser anunciada por volta de abril, após a temporada de ondas gigantes em Portugal. Se a medição for superior aos 26,21 metros, o no-

vo recorde deverá ser homologado pelo Guinness.

A medição atual foi feita por Paulo Vinicius Lopes, designer, cineasta e surfista. Foi ele o primeiro a analisar a onda de Koxa em 2017, quando o paulista entrou para o Livro dos Recordes.

“Nós não temos certeza que vai quebrar o recorde. Mas é a tendência se for medida corretamente. Para medir eu pego o tamanho da canela do surfista, analiso onde é a base e o topo da onda e multiplico. Depois, preparo um material e mando para todo mundo. Foi assim em 2017, quando enviamos para a WSL”, relata Lopes.

O designer também diz acreditar que Michelle des Bouillons tenha alcançado o recorde de Maya Gabeira, de 22,4 metros em 2020. Durante a realização do WSL, a carioca se deparou com uma onda monstruosa, logo na primeira bateria do dia.

“Não foi só o mais gigante, mas o mais perfeito dos últimos tempos. Essa perfeição toda me deixou mais empolgada ainda. Eu acho que sim (quebrou o recorde), tem tudo ao meu favor, foi muito grande mesmo”, relata Michelle à **Folha**.

O MUNDO É UMA BOLA Bastidores de Leipzig

O mais interessante durante uma viagem oficial pode sair de conversas informais

Luís Curro

luis.curro@grupofolha.com.br

Fiz algumas poucas viagens a convite como jornalista, sempre pela **Folha**. As focadas em esporte se alternaram entre coberturas de eventos/torneios e visitas institucionais. Teve no futebol, no basquete, no automobilismo, no surfe.

O convidante pode ser um clube, uma federação, uma empresa, e os interesses são variados, comumente com o intuito de ampliar a cobertura de determinado jogo/campeonato ou divulgar uma ação.

Dias atrás, estive com outros jornalistas brasileiros em Leipzig (Alemanha), a convite do RasenBallspport, em tour que incluía conhecer instalações do clube (popularmente chamado de RB Leipzig, controlado por uma companhia de bebidas energéticas) e ver a partida contra o Leverkusen.

Também participaram a convite um quarteto de “creators”, pessoas que produzem conteúdo (vídeos etc.) e o exibem em plataformas digitais.

Descontraídos e brincalhões, eles não estão focados na notícia, e sim em agregar valor e construir uma comunidade em torno de um nicho. No caso do RB, o objetivo era propagandear o time para um público mais jovem no Brasil.

A programação tinha, além da visita ao novo QG do clube e ao estádio, entrevistas com dois atacantes (o brasileiro Rômulo e o norueguês Nusa) e com um dirigente. Formal, dentro de um protocolo. E válido, pois é assim que o jornalista entende os objetivos de determinado clube e, caso queira, publica material afim —geralmente, monótono.

O inusitado, o diferente, muitas vezes chega fora do roteiro oficial: o que é visto ou ouvido nos corredores, na informalidade, que pode nem ser tão noticioso, mas foge do trivial, do ‘a nova sede pode abrigar 300 funcionários’

O inusitado, o diferente, muitas vezes chega fora do roteiro oficial: o que é visto ou ouvido nos corredores, na informalidade, que pode nem ser tão noticioso, mas foge do trivial, do “a nova sede pode abrigar 300 funcionários” (assessor de comunicação do RB) ao “meu ídolo é o Neymar” (Rômulo e Nusa), indo do desinteressante ao quase óbvio.

Por isso, relato o que o leitor pode não achar em outro lugar, mesmo não só eu sabendo. São os bastidores.

“Peguei a 40 porque era a que tinha. Tinha também a 30, mas eu não ia pegar, foi do Sesko.” (De Rômulo, durante almoço, esquivando-se do número da camisa do esloveno, artilheiro do RB que saiu antes de ele chegar, a fim de evitar comparações)

“Sabe quanto o Rômulo ganha? 125 mil euros. Livre de impostos.” (De alguém que esteve na casa dele para jogar videogame, sobre o salário mensal, cerca de R\$ 820 mil)

“Por aqui, por aqui, por aqui.” (De assessor do RB, enfatizando a direção a ser tomada durante o tour no QG, ao notar que Jürgen Klopp, badalado ex-técnico do Liverpool e chefe de futebol da Red Bull, estava em reunião, em sala aberta, e poderia ser interrompido por jornalistas, o que não era desejado)

“O que eles publicam é sempre quente, pode confiar.” (De representante da Bundesliga quando falávamos sobre a revista Kicker, focada em futebol, acrescentando que o veículo “molha a mão” de fontes para obter informações privilegiadas)

“Aí balança.” (De Rômulo, em comentário a um “creator”, sobre o que faria se recebesse proposta para jogar no Santos, seu time do coração). Tudo sem câmeras, gravações. Pode tudo ser negado. Mas tudo eu vi e ouvi.

BASQUETE

Cláudio Mortari, ex-técnico da seleção, morre aos 77 anos

SÃO PAULO O treinador de basquete Cláudio Mortari, que comandou a seleção brasileira masculina nos Jogos Olímpicos de 1980, em Moscou, morreu nesta quinta-feira (25), em São Paulo, aos 77 anos. A informação foi divulgada pela família no Instagram do treinador. A causa da morte não foi revelada.

Nascido na capital paulista em 1948, Mortari atuou como jogador de basquete por um curto período e, aos 25 anos, começou a carreira como técnico. Ao longo de cinco décadas, comandou equipes como Palmeiras, Sírio, Corinthians e Flamengo.

Em 1979, obteve sua conquista mais importante, o Mundial

Interclubes, com o Sírio, de São Paulo. Mortari também foi cinco vezes campeão brasileiro e oito vezes campeão paulista.

Com a seleção, Mortari alcançou a quinta colocação nas Olimpíadas de Moscou.

Ele é pai de Bruno Mortari, treinador do time de basquete do São Paulo de 2021 a 2024.

Teste seus conhecimentos sobre 2025

Condenação de Bolsonaro, tarifaço dos EUA, mudanças na CNH e posses femininas na ABL foram alguns marcos deste ano

1 Neste ano o Brasil sediou a COP30, a conferência climática da ONU, em Belém. Pela primeira vez o evento aconteceu em solo amazônico e com a aproximação da cúpula uma série de eventos pré-COP tomaram a cidade. Dos cantores abaixo, quais se apresentaram em um show com palco montado dentro do rio Guamá, que banha a capital do estado?
A. Joelma, Maiara e Maraisa e Mariah Carey
B. Joelma, Ana Castela e Lady Gaga
C. Gaby Amarantos, Ivete Sangalo e Madonna
D. Joelma, Gaby Amarantos e Mariah Carey

2 Qual acordo climático internacional completou dez anos em 2025?
A. Protocolo de Kyoto
B. Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas
C. Acordo de Paris
D. Pacto Climático de Glasgow

3 A negociação envolvendo a Warner Bros. Discovery em 2025 atraiu o interesse de grandes grupos do streaming. Quais empresas apresentaram ofertas de compra da Warner em 2025?
A. Disney e Amazon
B. Paramount e Sony
C. Paramount e Netflix
D. Disney e Netflix

4 Em julho, Donald Trump prometeu uma tarifa de 50% sobre todos os produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos a ser implementada em 1º de agosto. As taxas foram anunciadas pelo presidente em uma carta. Entre as razões para justificar as tarifas estavam:
A. Práticas comerciais abusivas brasileiras e decisões do STF (Supremo Tribunal Federal) sobre remoção de conteúdo de redes sociais
B. Desvalorização do real e julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) pela trama golpista
C. Práticas comerciais abusivas brasileiras e queda do dólar
D. Decisões do STF (Supremo Tribunal Federal) sobre remoção de conteúdo de redes sociais e o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) pela trama golpista

5 Em 2025, o calendário das competições internacionais de futebol estreou um novo formato de torneio global organizado pela Fifa, reunindo clubes de diferentes continentes em uma competição ampliada. Que competição é essa?
A. Liga das Nações
B. Copa do Mundo de Clubes
C. Copa Intercontinental
D. Copa das Confederações

6 O tênis brasileiro voltou a ganhar destaque no circuito internacional com a ascensão de jovens talentos. Qual tenista brasileiro conquistou um título inédito para o Brasil ao vencer ATP 500 de Basileia, em 2025?
A. João Fonseca
B. Thiago Monteiro
C. Thiago Wild
D. Felipe Meligeni

7 No remake da novela "Vale Tudo", cujo último capítulo foi transmitido em outubro, a vilã Odete Roitman (Debora Bloch) não morreu como na versão original. Quem foi responsabilizado na Justiça pelo tiro que ela levou em seu hotel no Copacabana Palace?
A. Marco Aurélio (Alexandre Nero)
B. Heleninha Roitman (Paolla Oliveira).
C. Maria de Fátima (Bella Campos)
D. César (Cauã Reymond)

8 Qual foi o vencedor do Oscar de melhor filme e quantas estatuetas ele ganhou?
A. "Anora", 7
B. "O Brutalista", 3
C. "Anora", 5
D. "Emilia Pérez", 7

9 Quem foi o vencedor na categoria de romance literário do prêmio Jabuti 2025?
A. "A Extraordinária Zona Norte", de Alberto Mussa
B. "Bambino a Roma: Ficção", de Chico Buarque
C. "De Onde Eles Vêm", de Jeferson Tenório
D. "Vento em Setembro", de Tony Bellotto

10 Quem foram as mulheres eleitas para a Academia Brasileira de Letras neste ano?
A. Miriam Leitão e Ana Maria Gonçalves
B. Fernanda Montenegro e Heloísa Teixeira
C. Lília Schwarcz e Eliane Potiguar
D. Conceição Evaristo e Adélia Prado

11 Neste ano, o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), definiu a pena do ex-presidente da República Jair Bolsonaro, por sua participação no núcleo central da trama golpista. Qual foi a pena a que foi condenado Bolsonaro?
A. 27 anos e 6 meses de prisão
B. 27 anos e 3 meses de prisão
C. 26 anos e 5 meses de prisão
D. 22 anos e 8 meses de prisão



Lula com o presidente da França, Emmanuel Macron, e as primeiras-damas Janja e Brigitte Macron na frente da Torre Eiffel iluminada com as cores do Brasil

Ricardo Stuckert - 5.jun.25/Divulgação



Papa Leão 14 em sua primeira aparição na varanda da Basílica de São Pedro, após conclave no Vaticano

Tiziana Fabi - 8.mai.25/AFP



A atriz Deborah Bloch como a vilã Odete Roitman no remake da novela 'Vale Tudo'

Zô Guimarães - 19.mar.25/Folhapress

12 Em agosto, o influenciador Felca publicou o vídeo "Adultização", em que denunciava exposição indevida de menores nas redes sociais. Quais foram os influenciadores denunciados por ele?
A. Virginia Fonseca e Zé Felipe
B. Rico Melquiades e Whindersson Nunes
C. Hytalo Santos e Israel Vicente
D. Kéfera Buchmann e Blogueirinha

13 De acordo com dados do Censo Demográfico de 2022 divulgados em novembro pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Maria e José são os nomes mais populares do país. Os dois já lideravam a lista no Censo anterior, relativo a 2010. Quantos habitantes têm esses nomes, respectivamente?
A. 12,3 milhões e 5,2 milhões
B. 20,5 milhões e 10,7 milhões
C. 15 milhões e 3 milhões
D. 8 milhões e 5 milhões

14 Em dezembro, o governo Lula (PT) anunciou mudanças para tirar a carteira de habilitação para motoristas. O Cetran (Conselho Estadual de Trânsito) decidiu que será necessário um prazo de 180 dias para o Detran-SP se adequar às novas regras para emissão da CNH (Carteira Nacional de Habilitação). Após este período, entre as principais mudanças está:
A. A exigência de 20 aulas práticas em autoescolas e aulas teóricas em centros de formação de condutores, os CFCs.
B. Permissão que instrutores autônomos de trânsito deem aulas práticas.
C. Definição de que ambos os exames médico e psicológico necessários durante o processo de habilitação custarão R\$ 200 em todos os estados.
D. A renovação automática não valerá para condutores a partir de 60 anos.

15 A passagem do ciclone extratropical pela região Sul do país provocou um vendaval na segunda semana de dezembro na cidade de São Paulo, derrubando árvores e deixando mais de 2,2 milhões de imóveis sem energia elétrica. Segundo o CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências Climáticas) da Prefeitura de São Paulo, a rajada mais forte, registrada às 12h40 na estação meteorológica Lapa-Leopoldina, foi de:

- A** 98,1 km/h
- B** 100,8 km/h
- C** 91,4 km/h
- D** 94,1 km/h

16 Primeiro papa latino-americano, Francisco morreu em 21 de abril de 2025, aos 88 anos, de AVC e insuficiência cardíaca. Seu sucessor, Leão 14, foi eleito no dia 8 de maio e é o primeiro pontífice dos EUA. A que ordem pertencem, respectivamente, Francisco e Leão 14?
A. jesuítas e agostinianos
B. beneditinos e franciscanos
C. dominicanos e agostinianos
D. franciscanos e jesuítas

17 Um furacão de grandes proporções atingiu a Jamaica em outubro. Com rajadas de vento superiores a 300 km/h, a tempestade foi registrada como a pior a atingir o país neste século. Qual o nome do furacão?
A. Katrina
B. Milton
C. Melissa
D. Matthew

18 Neste ano, uma série de eventos marcou o aniversário da relação diplomática entre a França e o Brasil. A embaixada francesa no país utilizou uma foto do presidente Lula e de seu correspondente francês, Emmanuel Macron, em frente à Torre Eiffel para celebrar o Dia dos Namorados e marcar a amizade entre os países. Quantos anos a relação do Brasil com a França completou em 2025?
A. 50
B. 100
C. 125
D. 200

19 Segundo o Ministério da Saúde, de setembro a dezembro foram registradas 890 notificações relacionadas à intoxicação por metanol. O estado mais afetado foi:
A. São Paulo
B. Pernambuco
C. Paraná
D. Mato Grosso

20 Quantas mulheres receberam um prêmio Nobel em Medicina, Física ou Química neste ano?
A. Uma
B. Duas
C. Três
D. Quatro

18-D, 19-A, 20-A, 13-A, 14-B, 15-A, 16-A, 17-C, 7-B, 8-C, 9-D, 10-A, 11-B, 12-C, 1-D, 2-C, 3-C, 4-D, 5-B, 6-A,

RESPOSTAS

música

Outros cantos

Espanhol de Rosalía e de Bad Bunny desafiou o domínio do inglês num ano que teve Lady Gaga em Copacabana Leia na pág. B4

Lady Gaga em foto de seu disco 'Mayhem' Divulgação

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

BOCA ABERTA

A Justiça Eleitoral de São Paulo condenou o prefeito de Diadema (SP), Taka Yamauchi (MDB), por difamação e injúria eleitoral contra o chefe do gabinete pessoal do presidente Lula (PT), o cientista político Marco Aurélio Santana Ribeiro, conhecido como Marcola. A pena fixada é de seis meses e 25 dias de detenção, em regime inicial aberto, além de dez dias-multa. Cabe recurso.

BOCA 2 A decisão é da 258ª Zona Eleitoral da capital paulista e diz respeito a declarações feitas por Yamauchi durante um debate eleitoral realizado em agosto de 2024.

BOCA 3 Na ocasião, o então candidato afirmou que “o Brasil vem sofrendo há muito tempo com o crime organizado” e que “inclusive o tal de Marcola, lá de Brasília, de forma irregular, mandou dinheiro aqui pra Diadema”, insinuando ainda que os recursos não teriam chegado à população.

EXAGEROU Na sentença, a juíza Clarissa Rodrigues Alves afirma que Yamauchi extrapolou os limites da crítica política ao associar de forma deliberada o apelido de Marco Aurélio ao crime organizado. Para a magistrada, a construção da fala “não deixa dúvidas quanto ao seu potencial ofensivo”.

EXAGEROU 2 Segundo a decisão, é “de conhecimento notório que ‘Marcola’, e não a vítima, é um dos líderes da facção criminosa denominada PCC”, o que tornaria inevitável, para o público, a associação promovida pelo réu.

INOFENSIVO A defesa alegou que Yamauchi fez apenas uma crítica genérica, sem intenção de ofender, e que o chefe de gabinete de Lula, por ser figura pública, estaria sujeito a críticas mais duras no debate eleitoral. Sustentou ainda que o prefeito não conhecia a vítima e que apenas reproduziu informações divulgadas pela imprensa.

NEGADO Os argumentos foram rejeitados. “As matérias jornalísticas [...] jamais mencionaram a palavra ‘crime organizado’ e nem tampouco a relacionaram à vítima”, afirma a sentença. Para o juízo eleitoral, Yamauchi “simplesmente juntou fatos de reportagens distintas” e “criou a sua própria história, inserindo palavras ofensivas à reputação e à dignidade da vítima”.

NEGADO 2 Além da condenação criminal, a magistrada afastou a substituição da pena por restritivas de direitos, citando a “culpabilidade grave do crime” e o alcance da ofensa, feita em debate transmitido ao vivo pela internet. A coluna procurou a prefeitura de Diadema, que não retornou.



RETRÔ

A TV Globo exibe na noite da próxima terça-feira (30) a “Retrospectiva 2025”, sob o comando de Sandra Annenberg, em um balanço dos principais fatos do ano no Brasil e no mundo. O programa foi gravado no Centro Cultural Justiça Federal, no Rio de Janeiro **Fabio Rocha/TV Globo**



PARA TODOS

A diretora-executiva da Sustenidos, Alessandra Costa **1**, e a superintendente-geral do Theatro Municipal de São Paulo, Andrea Caruso Saturnino **2**, participaram do coquetel de entrega do selo de acessibilidade “Theatro para todos”, realizado na quinta (18), no próprio teatro. Também estiveram presentes a secretária municipal da Pessoa com Deficiência, Silvia Grecco **3**, e o diretor da Biblioteca Mário de Andrade, Rodrigo Massi **4** **Fotos Ronny Santos/Folhapress**

CORREÇÃO Um levantamento dos Cartórios de Registro de Imóveis do Pará, coordenado pela Anoreg (Associação dos Notários e Registradores do Brasil), identificou o cancelamento administrativo indevido de 700 matrículas de imóveis rurais, feito pelos próprios cartórios por determinação da Corregedoria de Justiça do Estado. Desse total, 69 áreas pertencem ao poder público e somam cerca de 28 mil km² de terras.

CORREÇÃO 2 O estudo examinou registros bloqueados ou cancelados no contexto das medidas adotadas no combate à grilagem de terras no Pará. A análise individual das matrículas revelou falhas na forma como esses dados vinham sendo contabilizados e usados como base para estimativas sobre a dimensão do problema fundiário.

CORREÇÃO 3 O levantamento também revisou a área territorial associada à grilagem. Estudos anteriores estimavam que cerca de 75% do território do Pará estaria coberto por matrículas bloqueadas ou canceladas. A nova apuração reduz essa extensão para 462,5 mil km², pouco mais da metade do número divulgado até então.

CANETA O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) firmou uma parceria com a Revista Ediuoro para lançar revistas de passatempo com foco em educação democrática às vésperas das eleições de 2026. A iniciativa aposta em linguagem lúdica —com jogos, palavras cruzadas e caça-palavras— para conscientizar eleitores sobre a importância do voto e do combate à desinformação e à violência política.

ÂNCORA O governo de São Paulo investiu R\$ 14,5 milhões em 2025 na entrega de 11 estruturas náuticas de uso público em municípios banhados pelos rios Tietê e Paraná e por represas do interior paulista, como Avaré, Pereira Barreto e Presidente Epitácio. As plataformas flutuantes facilitam embarque e desembarque, estimulam a parada de embarcaes e movimentam a economia local.

ÂNCORA 2 A iniciativa faz parte do Programa de Turismo Náutico da Setur (Secretaria de Turismo e Viagens do Estado), que prevê nova expansão em 2026. No próximo ano, outras 21 estruturas devem ser implantadas, com possibilidade de inauguraes ainda no segundo semestre. O pacote total de investimentos soma R\$ 45 milhões.

IMPACTO O Sesc Mesa Brasil projeta fechar 2025 com arrecadao recorde de doaes, impulsionada pelas campanhas de fim de ano realizadas em todo o país. A expectativa  alcançar 59,9 milhões de quilos de alimentos e artigos de higiene e limpeza. Trata-se de um crescimento de cerca de 5% em relação a 2024, quando o programa arrecadou pouco mais de 57 milhões de quilos.

Tempo de renovação

O Natal é a época perfeita para se pensar o que deve continuar e o que deve ficar para trás

Djamila Ribeiro

Mestre em filosofia política pela Universidade Federal de São Paulo e coordenadora da coleção de livros Feminismos Plurais

Com a maturidade, um divórcio, uma filha crescida e uma carreira, o fim do ano passou a me oferecer algo raro: a autorização social para pausar. Morando fora do país, a sensação é ainda mais nítida —nem preciso arranjar desculpas para ficar em casa, na minha.

Não me entendam mal: no geral, gosto da ceia, do encontro, da expectativa que antecede a noite. Mas é relativamente recente a experiência de não precisar passar horas na cozinha, ajudando a preparar tudo enquanto os homens ocupavam a sala com uma cerveja na mão.

Apesar de levar algum jeito, nunca fui afeita à obrigação de cozinhar. A divisão tácita do trabalho doméstico atribuída às mulheres, tão naturalizada na minha infância e na vida adulta, sempre me pareceu profundamente injusta, ainda que de forma silenciosa.

Lembro com clareza a felicidade indescritível que senti quando, pela primeira vez, passei um Natal descansando, tomando uma cerveja e assistindo a um filme na televisão.

Foi o primeiro ano em que minha filha passou a data com a família do pai e, pela primeira vez, pude simplesmente ficar de boa. Para muitas pessoas, o “fazer social” do Natal é um sacrifício —e eu entendo. Para mim, aquela experiência foi uma libertação: curtir sem culpa, desfrutar uma noite de paz depois de tantos anos em que as obrigações domésticas se intensificavam justamente nessa época.

Cada ano tem a sua própria história. Lembro-me de um Natal, muitos anos atrás, em que recebi meus irmãos para a ceia.



Aline Bispo

Apesar de levar algum jeito, nunca fui afeita à obrigação de cozinhar. A divisão tácita do trabalho doméstico atribuída às mulheres, tão naturalizada na minha infância e na vida adulta, isso sempre me pareceu profundamente injusta, mesmo que de forma silenciosa

Todos cozinham, dividimos as funções, comemos, bebemos e brindamos à vida. Naquela vez, estar ali foi prazeroso. Talvez porque fosse uma escolha. Ou talvez porque, de alguma forma, reativávamos a memória de nossa mãe, que durante diversos anos preparou o Natal para todos nós. Estar à mesa foi também uma maneira de saudá-la —e de saudar o nosso pai— ambos já em outro plano.

Alguns anos depois, em Roma, já em outra condição de vida, passei o Natal em um restaurante em Trastevere com a família. Estávamos em viagem, felizes, e foi a primeira vez que vivi uma ceia natalina fora de casa. Achei a experiência ótima.

Claro, Roma a turismo é um espetáculo e os restaurantes da região são fantásticos. Mas confesso que o fato de não precisar descascar cebola nem enfrentar louça no dia seguinte contribuiu para meu estado de graça.

Em outra ocasião, passei o Natal no Recife com um grupo de amigos. Fiquei responsável por organizar a virada do ano —que foi linda e em que deu tudo certo.

Já o Natal, organizado por outro grupo, foi o oposto: chegamos à data a um hotel sem restaurante, sem reservas, e acabamos comendo sanduíches improvisados em um posto de gasolina. Eu estava com minha filha. Ela, generosa, tentou ver o melhor da situação. Eu não consegui.

Guardo poucas boas lembranças daquela noite.

Seja como for, os momentos de fim de ano se mostram grandes oportunidades para olhar para si e entender o que deve seguir, o que se quer e o que não cabe mais.

Muitas pessoas estabelecem metas, e penso que uma excelente meta de encerramento é justamente o exercício de reflexão e discernimento sobre o que merece continuidade e o que precisa ficar para trás.

Este é meu segundo Natal nos Estados Unidos. No primeiro, estava com a minha filha e, como somos fãs de filmes natalinos (assistimos a todos, inclusive em maratona), decidimos fazer algo que pudesse trazer essa atmosfera.

Fomos para Bethlehem, na Pensilvânia, a duas horas de Nova York. Considerada a “cidade do Natal” nos Estados Unidos, dizem que a primeira árvore de Natal do país foi decorada ali, em 1747. Foi um Natal de um verdadeiro sonho.

Neste ano, depois de terminar este texto, vou passar a ceia em um restaurante aqui em Cambridge, com o meu companheiro. Está nevando lá fora e passei o dia vendo filmes de Natal. Daqui a alguns dias, minha filha chega, e já preparamos uma vasta programação para as férias. Apesar de tudo o que acontece no Brasil, 2026 se aproxima em paz. Estou feliz.

Nesse sentido, desejo, nesta última coluna do ano, que estes dias sejam um tempo de compromissos novos e renovados. Um período de edificação íntima, de rearranjo comunitário e de compromisso coletivo com relações mais justas, mais cuidadosas, mais honestas.

Que possamos compreender que a transformação social começa também na forma como organizamos o cotidiano, o cuidado e o descanso. Que este tempo seja de reflexão, edificação e renascimento.

Boas festas.

SEG. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Wilson Gomes QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres SEX. Djamila Ribeiro SÁB. Mario Sergio Conti

MULTITELA

Documentário destaca a carreira de jornalista americano premiado

Seymour Hersh: Em Busca da Verdade

Netflix, 16 anos

O documentário repassa a carreira do repórter ganhador do Pulitzer em 1970 por revelar o massacre de civis na Guerra do Vietnã. Com acesso a ele e às suas anotações, o filme detalha seu processo como jornalista investigativo, ao mesmo tempo em que denuncia um ciclo de impunidade dentro de órgãos dos Estados Unidos.

A Meia Irmã Feia

Mubi, 18 anos

Nesta releitura satírica de “Cinderela”, a história é contada do ponto de vista da irmã preterida, El-

Jacqueline Cantore

cantorejac@gmail.com



Pai do Ano

Lojas digitais, 12 anos

Um homem mais velho com duas crianças aprende a ser o pai que nunca foi por meio da filha do primeiro casamento. As atuações dos atores Michael Keaton e Mila Kunis fazem o filme ser inspirador

vira, que cresce à sombra da bela Agnes e está determinada a conquistar o coração do príncipe.

O Vestido de Oskar

Film&Arts, 22h, livre

Ben é um pai separado e estressado querendo se reaproximar dos filhos. Quando tem a chance, descobre que o filho, Oskar, de dez anos, só quer usar um vestido amarelo. A comédia dramática discute a identidade de gênero e a aceitação familiar.

Diálogos com Mario Sergio Conti

GloboNews, 23h30, livre

A cientista política, pesquisadora do Cebrap e colunista Maria Hermínia Tavares de Almeida conversa sobre o estado da democracia brasileira e as perspectivas políticas para 2026.

Bem-Vindo ao nosso Tapete Vermelho!

Reveillon 2026

UMA NOITE DE CINEMA

- All Inclusive -

Buffet Completo

Open Bar

Brinde a meia-noite

Café da Manhã

Muita música com:

- Banda HollyMood
- Bruno Vincenzi Trio
- DJ Crizz

31.12

Quarta

e ainda:

Mágicas com Nicola Sena

e muito mais!

Bourbon Street

music club

SYMPLA.COM.BR / BOURBONSTREET

11 5095 6100

Rosalía e Bad Bunny ofuscaram a música anglófona em 2025 de Lady Gaga no Rio

Turnês de Gilberto Gil e Oasis agitaram a cena brasileira, que teve ainda prisões de Oruam e Poze do Rodo e mortes de Preta Gil e Lô Borges



A cantora Rosalía em retrato que ilustra a capa do álbum 'Lux' Divulgação

Lucas Brêda

SÃO PAULO É difícil se lembrar de um ano tão fraco para a música anglófona quanto 2025. Dominantes na indústria fonográfica, os artistas de Estados Unidos e Reino Unido que cantam em inglês tiveram menos peso no que foi consumido por aqui e lá fora, e também no que gerou impacto cultural.

As listas de melhores do ano foram dominadas pela espanhola Rosalía, que engendrou ópera e pop no álbum “Lux”. O disco “De bíTirar Más Fotos”, do porto-riquenho Bad Bunny, também foi prestigiado, com indicações ao Grammy americano, show no intervalo do Super Bowl e o título de artista mais ouvido do planeta no streaming —além de dois shows no Allianz Parque, em São Paulo, marcados para fevereiro do ano que vem.

Nem o novo álbum de Taylor Swift, “The Life of a Showgirl”, foi suficiente para mudar o cenário —o mesmo vale para The Weeknd, Miley Cyrus e Sabrina Carpenter. Lady Gaga foi quem brilhou com “Mayhem”, disco que marcou o retorno à sua sonoridade clássica e também ao Brasil.

Ela fez um show histórico na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, ainda maior e mais apoteótico que o de Madonna no ano anterior, reunindo 2 milhões de pessoas. Ainda emplacou um dos hits do ano, a música “Die with a Smile”, em parceria com Bruno Mars.

No Brasil, o sertanejo começou 2025 descendo para Balneário Camboriú, em Santa Catarina, e disputando a trilha sonora do verão, mas dominou os rankings de mais ouvidas com sua vertente romântica de violões. É essa a sonoridade de “Tubarões”, sofrência de Diego & Victor Hugo, e do álbum “Manifesto Musical 2”, de Henrique & Juliano —os campeões de audiência no gênero neste ano.

Simone Mendes voltou a figurar entre as mais ouvidas, agora com “P do Pecado”, parceria com o grupo Menos É Mais —o responsável por levar o pagode de volta às paradas. Com a versão brasileira de “Corazón Partío”, a banda estourou o álbum “Churrasquinho 3”, do fim de 2024.

Foi um ano forte também para o forró. Wesley Safadão fez uma incursão bem-sucedida pela vaquejada e Natanzinho Lima se firmou como um dos mais populares do gênero. Léo Foguete com “Cópia Proibida” levou a sanfona às mais ouvidas, e João Gomes, às listas de melhores. O pernambucano colecionou prêmios com “Dominguinho”, projeto em que dá verniz acústico e pop ao gênero, ao lado de Jota.pê e Mestrinho.

Nenhuma música foi tão viciante quanto “Resenha do Arrocha”, em que o baiano J. Eskine fala de jogo do tigrinho numa colagem com trechos de outras músicas. O jogo de azar online surge também em “Oh Garota Eu Quero Você Só pra Mim”, sucesso de Oruam.

O funk rendeu álbuns conceituais de Hariel, como “Eh Noiz Ki Tá”, e Papatinho, com “MPC”, além de emplacar outros hits, caso de “Famosinha”, com DJ Caio Vieira, MC Meno K e Rodrigo do CN, mas foi notícia nas páginas policiais. Tanto Oruam quanto Poze do Rodo foram presos —e depois soltos, em casos midiáticos— por

acusações de apologia de crime e ligações com o tráfico de drogas.

No ano da COP30 em Belém, foi Gaby Amarantos quem soube captar a atenção para a cultura paraense. Ícone do tecnobrega, ela encapsulou no álbum “Rock Doido” uma cena que ferve há anos nas festas de aparelhagem. E o Pará protagonizou uma das cenas mais inusitadas do ano —a americana Mariah Carey cantando num barco em formato de vitória-régia.

O rap viu a disputa judicial milionária entre Emicida e seu irmão, Evandro Fióti, pela gravadora Laboratório Fantasma. O rapper também entrou em sua “fase Racional” com um retorno às raízes em álbum inspirado nos Racionais MCs. Matuê lançou um disco pouco celebrado e quem brilhou foram as mulheres —em especial Ebony, Ajuliacosta e Stefani.

Para a crítica, se destacaram os discos em que Luedji Luna buscou um jazz particular, o Brasil de Don L em “Caro Vapor 2”, os “samples” de BK, o caldeirão de ritmos do BaianaSystem, o pop tropical de Marina Sena, a MPB de Jadsa e a urgência de Arnaldo Antunes.

Entre os shows, nem o Lollapalooza, com Alanis Morissette e Olivia Rodrigo, nem o The Town, com Green Day e Backstreet Boys, conseguiram ofuscar a última grande turnê de Gilberto Gil, “Tempo Rei”. A capital paulista recebeu alternativos como Wilco e Weezer e viu uma comoção rara em torno das apresentações do Oasis. O ano ainda teve a despedida do Planet Hemp dos palcos e uma Dua Lipa encantada com o Brasil, entre outros shows.

Alguns gigantes da música morreram. Entre eles estão Ozzy Osbourne, voz histórica do rock e do Black Sabbath, Brian Wilson, mente brilhante e perturbada dos Beach Boys, o astro do reggae Jimmy Cliff e o genial Sly Stone, do Sly & the Family Stone, além do craque do soul, D’Angelo.

A morte de Arlindo Cruz fez o Brasil parar e relembrar seus sambas eternos desde a época do Fundo de Quintal —grupo que perdeu Bira Presidente, seu líder e pandeirista. Também nos deixaram o bruxo dos sons Hermeto Pascoal, Lô Borges —uma das cabeças por trás do “Clube da Esquina”—, o “maldito” Jards Macalé, a voz profunda de Nana Caymmi, a sofrência blueseira de Angela Ro Ro, o rock com glitter de Edy Star, a lenda da música paraense Mestre Damasceno e o carisma de Preta Gil, para lembrar alguns.

Em paralelo, o magnata Sean “Diddy” Combs vai ver a virada do ano da cadeia, preso por crimes relacionados à prostituição. A condenação em outubro deu um ponto final a um dos escândalos mais midiáticos da indústria americana.

O ano também vai entrar para a história como o primeiro em que as músicas feitas por inteligência artificial agitaram o mercado. A banda Velvet Sundown, criada com a tecnologia, angariou milhões de ouvintes e algumas manchetes, mas sua música não pegou. Enquanto isso, os brasileiros se divertiram com as feramentas, transformando “Estilo Cachorro”, dos Racionais MCs, num soul que lembra a década de 1970, e “Bang”, de Anitta, num R&B na levada de Aretha Franklin.

CRÍTICA SERIAL

Luciana Coelho

Secretária-assistente de Redação e colunista de séries

Neste ano de 2025, tivemos uma coleção de decepções televisivas

No que diz respeito às séries, fora um e outro ponto alto, 2025 passou como a cor do ano da Pantone: em branco, bem sem-gracinha. Aqui vai uma seleção das decepções da coluna.

*

‘Round Six’ (Netflix)

Esta série sul-coreana começou excelente, arrebatou a plateia e, por isso, ganhou uma sequência dividida em duas partes. Na última, os personagens são cópias chinfrins daqueles da primeira leva, e o protagonista carismático (Lee Jung-jae) parece ter sofrido um transplante de personalidade.

‘Monstro: Ed Gein’ (Netflix)

Alguém precisa convencer o roteirista Ryan Murphy a tirar férias, pois a qualidade de suas obras é inversamente proporcional à quantidade delas. Após o sucesso das temporadas sobre Jeffrey Dahmer e os irmãos Menendez, ele se volta ao assassino que inspirou “Psicose”. A temporada é um grande pastiche e carece do humor corrosivo que lhe é praxe. Hitchcock, mal retratado, deveria voltar para assombrá-lo.

‘Task’ (HBO Max)

Era alta a expectativa para ver

Mark Ruffalo como um agente do FBI de passado sombrio que investiga uma quadrilha liderada por um bandido de bom coração (Tom Pelphrey) nos Estados Unidos profundos. Embora assinada pelo criador da excelente “Mare of Easttown”, Ben Ingelsby, o excesso de testosterona misturado à dor existencial do protagonista e a trama mirabolante do roubo resultaram soporíferas demais para passar do segundo capítulo.

‘Dia Zero’ (Netflix)

Esta minissérie de suspense tem uma premissa recorrente, mas forte (um ciberataque contra o sistema de transporte nos EUA), um roteirista de bom currículo (Eric Newman, de “Narcos”) e Robert De Niro, o que basta-



Cena da última temporada de ‘Round Six’
Divulgação/Netflix

ria para agradar. Nem isso nem o belo elenco dão conta de personagens mal desenvolvidos e do enredo cheio de arestas inexplicadas que abusam da paciência.

‘Com Amor, Meghan’ (Netflix)

O problema deste reality show é o roteiro distante da proposta inicial. A ex-atriz e ex-princesa transmutada em empreendedora (a série é para lançar sua marca de produtos) tem carisma, e certamente há interesse por sua vida. Mas os truques de dona de casa oferecidos por Meghan Sussex, ex-Markle, são banais demais. Pior, uma segunda temporada virá.

*

A coluna tira férias e retorna no final de janeiro. Feliz 2026!

Aplicativo Sesc Digital

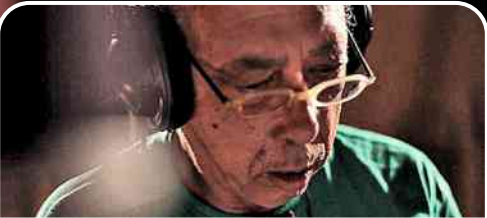
Assista gratuitamente a filmes, documentários, produções originais e shows na plataforma de streaming do Sesc São Paulo.



A Aura
Direção: Fabián Bielinsky
Policial/Suspense



Eduardo Coutinho, 7 de outubro
Direção: Carlos Nader
Documentário



Jards
Direção: Eryk Rocha
Documentário



O Anel – Alaíde Costa Canta José Miguel Wisnik
Direção: Daniel Augusto e Renan Quevedo
Documentário/Musical



O Espelho
Direção: Jafar Panahi
Drama



Que eu Fiz para Merecer Isto?
Direção: Pedro Almodóvar
Comédia/Drama



Disponível para todos os dispositivos Android e iOS



ilustrada

SÃO PAULO A reportagem convidou sete profissionais especializados para listar os cinco melhores discos que eles ouviram neste ano.



AMANDA CAVALCANTI

Jornalista especializada em música

Novo Testamento

Ajuliacosta. Gravadora: Independente
Exatamente o que o nome sugere —apesar da influência de medalhões do rap nacional, com “beats” no estilo “boom bap”, a artista reescreve as regras do gênero neste disco que é tanto conto pessoal quanto manifesto público.

Debí Tirar Más Fotos

Bad Bunny. Gravadora: Rimas
Difícil encontrar um álbum que tenha sido mais influente, inspirador e dançante do que a história de Bad Bunny e seu reencontro com Porto Rico, sua terra natal.

Rock Doido

Gaby Amarantos. Gravadora: Deck
Quem acha que o “hyperpop” nasceu em Londres nunca foi a Belém. O ritmo de sensibilidade pop, que leva nome de rock mas na verdade é brega, é o objeto de estudo da cantora em 22 faixas que se atropelam como num set de aparelhagem paraense.

Sem Esperança

Deaf Kids e Test. Gravadora: Cospe Fogo
Celebração dos 15 anos dessas bandas fundamentais para o metal e noise brasileiro da última década. A percussão de Barata e Sarrine brilha por cima das guitarras dissonantes e vocais enterrados, recriando em estúdio a atmosfera de improvisação dos shows que os músicos fazem juntos há anos.

Root Echoes

DJ Babatr. Gravadora: Hakuna Kulala
Expande e resume a paleta sonora de “hard techno”, “tribal” e “trance” do venezuelano —um dos criadores do “raptor house”— que encontra reflexões em pistas por todo o mundo —da rave paulistana Mamba Negra a festivais internacionais como Sónar e Unsound.

ANDRÉ BARCINSKI

Jornalista, crítico e roteirista

Death Hilarious

Pigs Pigs Pigs Pigs Pigs Pigs. Gravadora: Rocket Recordings
Imagine o Melvins fazendo covers do Emerson Lake & Palmer, com passagens quebradas como o Gang of Four. Denso, épico e viajante. Essa banda britânica é tudo o que o Idles almeja ser.

It Was the Moment

Michelle Gurevich. Gravadora: Independente
Uma crooner do submundo ao estilo de Tom Waits, Leonard Cohen e Marianne Faithfull fazendo música de cabaré extremamente erótica e misteriosa. Incrível que ela não seja mais falada por aí.

Instant Holograms on Metal Film

Stereolab. Gravadora: Warp Records
Primeiro disco em 15 anos dessa banda única. Nada mudou no planeta Stereolab, que continua entortando o pop francês dos anos 1960, a bossa nova e os ritmos repetitivos do “krautrock” do Neu, criando um som que é só deles.



Gaby Amarantos em ensaio fotográfico do disco ‘Rock Doido’
Cris Vidal/Divulgação

Força dos hispânicos e brasileiros domina seleção dos discos de destaque deste 2025

‘Lux’ e ‘Debí Tirar Más Fotos’ dividem prestígio com apostas de Gaby Amarantos, Miley Cyrus e Stereolab, além de estrelas do instrumental

Po\$t American

Dead Pioneers. Gravadora: Independente
Projeto musical deste pintor, escultor, grafiteiro e artista performático, que vem se destacando por trabalhos impactantes sobre a experiência indígena nos Estados Unidos. Resgata o hardcore político do Dead Kennedys e o pós-punk torto do Minutemen.

The Bad Fire

Mogwai. Gravadora: Rock Action
O 11º disco do veterano grupo britânico de “post-rock” que continua sua incansável missão de fazer música linda e sem letras, explorando camadas em cima de camadas de guitarras e teclados.

FELIPE MAIA

Jornalista e etnomusicólogo

Bruxaria Não É Phonk

Halc DJ. Gravadora: Hino dos Bailes
De São Paulo, ele une com originalidade a potência sonora das zonas oeste e sul, de bailes como DZ7 e Helipa, à audácia rítmica das zonas leste e norte, caso dos bailes da Caixa d’Água, Marco e 12 do Cinga. Muitas dessas festas foram alvo de repressão movida a pânico moral e demagogia, a “CPI dos Pancadões”. Apesar de sufocado, o funk segue vivo.

Futuro Cercano

Valesuchi. Gravadora: Discos Nutabe
Música feita com barulhos, sintetizadores, senoides, fios, cabos, tomadas, energia elétrica de amperagem e voltagem. De um apoteótico jogo de arpejos ao funk minimalista, ela subjuga a máquina e convida o humano a dançar.

Debí Tirar Más Fotos

O disco é mais que latino —é caribenho. Lançando mão de um rico dicionário de claves, líricas e harmonias —salsa, plena, bomba—, ele transforma o reggaeton em pop complexo e indefectível.

Amor de Encava

Weed420. Gravadora: Independente
Desterrados do seu próprio país, a Venezuela, os artistas do grupo imaginam um mundo de música latino-americana entre onirismo digital e paisagens sonoras ruidosas. É como ouvir um novo Akira, dessa vez nascido numa nova Caracas, numa jornada do tipo “Diários de Motocicleta” rumo às entranhas da América do Sul.

Melodia&Barulho

Mauí. Gravadora: Deck
O artista de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, cria outra trilha entre Brasil e Jamaica —é a via da canção e da rima brasileiras com “dancehall”, drum’n’bass, reggae, uma triangulação que ecoa tanto a ilha quanto sua diáspora em Londres. O jovem de voz de veludo e caneta de cronista faz na estreia um disco verde, amarelo e negro.

GUILHERME LUIS

Jornalista da Folha

Lux

Rosalía. Gravadora: Columbia
Com ela, o raio cai no mesmo lugar uma, duas, quantas vezes forem necessárias. “Lux” é apoteótico mas singelo, tudo na medida certa, uma verdadeira luz na mesmice que vinha se alastrando.

Continua na pág. B7



O cantor Bad Bunny em show em San Juan, em Porto Rico

Eric Rojas/Divulgação

Continuação da pág. B6
Ego Death at a Bachelorette Party

Hayley Williams. Gravadora: Post Atlantic
Difícil imaginar que a vocalista do Paramore se sairia melhor fora da banda. Mas é isso. Seu trabalho mais íntimo é uma união poética bem produzida de traumas juvenis e dramas das mulheres adultas.

Something Beautiful

Miley Cyrus. Gravadora: Columbia
A maior diva pop lançada pela Disney chega ao seu auge justamente ao se afastar do pop plasticificado que fez — muito bem — no megahit “Flowers”. Dançante, bem escrito, e superelegante.

Mayhem

Lady Gaga. Gravadora: Interscope
Não é o melhor disco da artista, mas a forma mais precisa de resgatar o melhor que ela já fez. Reempacota o seu dark pop dos anos 2010 com certo toque de atualidade.

Coisas Naturais

Marina Sena. Gravadora: Sony
Dominante há anos no pop brasileiro, a cantora mineira reafirma seu jeito único de fazer música fácil, mas bem pensada, com um texto poético, mas não cabeçudo.

ISABELA YU

Jornalista

Black Star

Amaarae. Gravadora: Golden Angel
Dividida entre os Estados Unidos e Gana, ela resgata a história da música de pista entre continentes, onde house, R&B e funk se entrelaçam num complexo mosaico.

KM2

Ebony. Gravadora: Independente
Menos pop que o antecessor, “Terapia”, de 2023, o álbum leva a rapper de volta para casa — não à toa o nome, apelido da cidade de Queimados, na Baixada Fluminense. Ela versa sobre saúde mental e divide inseguranças.

Rock Doido

Com um cardápio vasto de bordões nas letras — de mandar foguinho para o “crush” a botar a blusa cropped para jogo —, este álbum leva o espírito dançante e irreverente das aparelhagens.

Big Buraco

Jadsa. Gravadora: Risco/Altafonte
Traz uma rica paleta sonora. Em “Sol na Pele”, o groove do baixo se alterna com scratches enquanto ela canta sobre amor e faz referência a Caetano Veloso e Odozero. Sua MPB bebe da vanguarda paulista, do hip-hop e do jazz.

Moisturizer

Wet Leg. Gravadora: Domino
As ironias e referências à cultura pop que fizeram o grupo chamar a atenção na estreia, em 2022, ainda estão lá, mas há a segurança de quem sabe que ocupa uma posição de destaque na nova geração do rock britânico — claro, sem levar tudo isso muito a sério.

SIDNEY MOLINA

Professor, crítico musical e violonista

Os Guardiões da Magia

João Luiz. Gravadora: Rocinante
Traz a produção recente do cubano Leo Brouwer, de 86 anos



A cantora Miley Cyrus em foto do álbum ‘Something Beautiful’

Divulgação

—o mais importante nome vivo da composição para violão—, nas mãos deste violonista brasileiro, a quem o compositor dedicou duas das obras gravadas.

Lux

Imanência e transcendência conduzem o pop de Rosalía à maturidade. Atenção para os arranjos de Caroline Shaw e para as participações de Carminho e Björk.

50 Ponteios de Camargo Guarnieri

Karin Fernandes. Gravadora: Selo Sesc
A pianista aborda com categoria a integral de um dos mais importantes ciclos brasileiros para o instrumento. Os “Ponteios” de Camargo Guarnieri são “prelúdios” elaborados artesanalmente, dignos de figurar ao lado de Chopin e Debussy.

Sinfonias Nº 13 e Nº 14 de Claudio Santoro

Orquestra Filarmônica de Goiás dirigida por Neil Thomson. Gravadora: Naxos
Cada lançamento do projeto dedicado à integral sinfônica do compositor amazonense pela Filarmônica de Goiás revela a qualidade do que talvez tenha sido o mais importante sinfonista do Brasil.

Lembrando Garoto

Cristóvão Bastos, Romero Lubambo e Mauro Senise. Gravadora: Biscoito Fino
Bastos, no piano, Lubambo, noviolão e na guitarra, e Senise, no sax e na flauta, exploram o potencial dos temas de Anibal Augusto Sardinha, o Garoto, para improvisação.

THALES DE MENEZES

Jornalista

From the Pyre

The Last Dinner Party. Gravadora: Universal
O quinteto feminino britânico não se contentou em gravar o melhor álbum de 2024 e emendou o mais empolgante de 2025 —outro coquetel de pop sofisticado, mas desta vez menos adolescente.

Again

Belair Lip Bombs. Gravadora: Third Man
Apesar do título do álbum remeter à repetição, o grupo avança bastante em relação ao trabalho de estreia. Canções como “Hey You” e “Cinema” mostram que o rock está vivíssimo na Austrália.

Something Beautiful

Um dos álbuns pop mais bem feitos da história. Talvez demore, mas vai ser reconhecido como uma pérola. Não tem música ruim. Miley Cyrus dispara sua voz rouca em baladas, canções que são quase rock e flertes com a disco music.

No Hard Feelings

The Beaches. Gravadora: Awal
Demorou, mas no terceiro álbum o quarteto feminino conseguiu levar ao estúdio a mistura criativa de rock, pop, fúria e deboche que já inflamava os seus shows.

Novo Mundo

Arnaldo Antunes. Gravadora: Rocinante
Soa como um disco de banda de rock, mas vai além, misturando pop, experimentalismos e até um flerte com samba. Tem participação de David Byrne, uma das fontes de inspiração de Arnaldo Antunes.

Outro Canal

O colunista está em férias

ilustrada

QUADRINHOS

Piratas do Tietê **Laerte**



Bicudinho **Caco Galhardo**



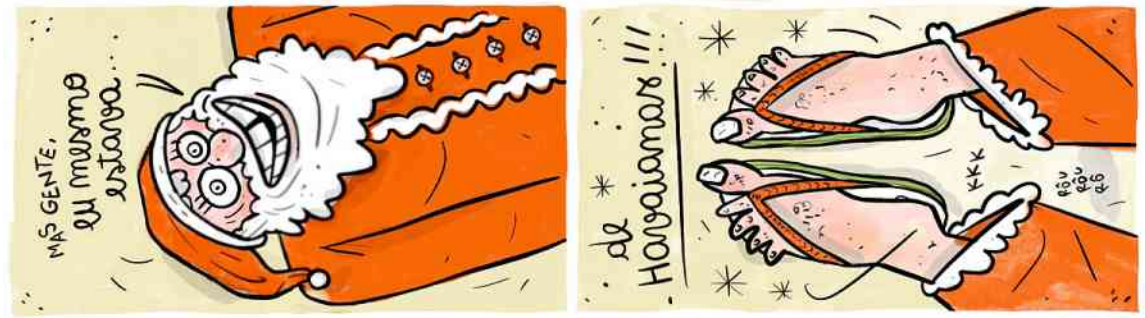
Níquel Náusea **Fernando Gonsales**



Não Há Nada Acontecendo **André Dahmer**



Viver Dói **Fabiane Langona**



Péssimas Influências **Estela May**



Vida Besta **Galvão Bertazzi**



SUDOKU www1.folha.uol.com.br/jogos

FÁCIL

6			7			4		
	2		4		5	8		6
		9	3	6	1	7		
3		7	8				6	
		4	6		9	3		
	9				3	5		8
		2	9	3	6	1		
4		3	1		2		7	
		8			7			3

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

1	2	3	4	5	6	7	8	9
5	4	6	7	8	1	9	3	2
4	8	1	9	3	6	7	2	5
8	7	5	2	4	7	9	6	1
2	1	3	6	5	9	7	8	4
6	9	7	4	1	8	2	5	3
7	5	2	1	9	3	6	7	8
9	3	8	5	6	7	1	2	4
1	6	7	8	2	4	5	9	3

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. (Gir.) Ficar maluco, endoidecer 2. Marca de computadores / O Baleiro músico maranhense de "Quase Nada" 3. (Elet.) Abreviatura de megavolt-ampere / Glândulas mamárias 4. Jogadora cuja função é alimentar o ataque 5. Língua de um país / Dolores Duran (1930-1959), cantora carioca 6. Um filme de animação dos estúdios Disney / Caridosa, generosa 7. O bromo, em química / Elevações formadas nas águas, pelos movimentos de vento, marés etc. 8. De duas cores 9. Cidade litorânea baiana, na região de Ilhéus-Itabuna 10. (Red.) Dinossauro / País cuja capital é Bamaco 11. A conjunção e, em inglês / O pintor, desenhista e gravador goiano Franco 12. Outro nome do cajá, fruto muito popular no nordeste 13. Conjunto de escamas que se criam no couro cabeludo / Uma sigla para pedir socorro.

VERTICAIS

1. Abrev.: Administração / Embebida 2. Aquele que conduz ou transporta / Cor, tom, colorido 3. Fábrica de cerâmicas / Local, lugar 4. Abreviatura de plural / Que apresenta flores unissexuais masculinas e femininas num mesmo indivíduo (diz-se de espécie) / Tamanho de roupas menor que pequeno 5. Um calçado feminino / O mar dos ingleses 6. Áspera como o vinagre / Entregar-se ao sono 7. Que vai sempre na mesma direção / O arquipélago com Minorca, Maiorca e Ibiza 8. A atriz paulistana Laura / O animal que quer comer a Chapeuzinho Vermelho 9. Unida a outra pessoa em matrimônio / Destroços de civilizações antigas, objeto de estudos arqueológicos.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

Baleares, 8. Cardoso, Lobo, 9. Casada, Ruínas. 4. Pl. Monolítico, PP. 5. Tamanca, Sea, 6. Azeda, Dormir, 7. Reto, VERTICAIS: 1. Adm, Imbuída, 2. Levador, Tinta, 3. Olaria, Bandas, Itacaré, 10. Dingo, Mali, 11. And, Siron, 12. Taperebã, 13. Caspa, SOS. Armadora, 5. Idioma, DD, 6. Moana, Boa, 7. Br, Ondas, 8. Bicolor, 9. HORIZONTAIS: 1. Aloprar, 2. Dell, Zeca, 3. MVA, Tetas, 4.

guiaFOLHA

+comida

Virada à paulista

Seleção reúne ceias, festas e música ao vivo em bares, restaurantes e hotéis para celebrar o Ano-Novo em SP; evento na capital tem shows de Ana Castela e João Gomes

Leia nas págs. B12 a B14

É GRÁTIS

GAME+: ARTE, CULTURA E COMUNIDADE A exposição promove uma jornada pelo universo dos jogos eletrônicos. Divididos em três pisos, 51 jogos (oito brasileiros), 25 consoles e outros objetos valorizam a produção criativa de diferentes épocas e suportes. Há games que movimentam o corpo e outros que podem ser jogados em telas dispostas na exposição ou no próprio celular.
Itaú Cultural - av. Paulista, 149, Bela Vista, região central. Até 8/3/2026. Ter. a sáb., das 11h às 20h. Dom. e feriados, das 11h às 19h

JOAQUÍN TORRES GARCÍA - 150 ANOS Traz 500 itens, entre pinturas, manuscritos inéditos, maquetes, desenhos e brinquedos de madeira produzidos pela família do artista uruguaio. A mostra se aprofunda na ideia do universalismo construtivo e exhibe peças que deixam, pela primeira vez, as reservas técnicas do museu do Uruguai.
CCBB São Paulo - r. Álvares Penteado, 112, Centro. Até 9/3/26. Qua. a seg., das 9h às 20h

VANESSA DA MATA A cantora celebra o encerramento de 2025 com um show na 36ª Bienal de São Paulo. A apresentação faz parte da turnê “Todas Elas” e reúne faixas do álbum homônimo, que foi lançado em março. O repertório da apresentação também inclui interpretações de “O Mio Babbino Caro”, do italiano Puccini, e de “Nada Mais”, versão de Ronaldo Bastos para “Latelly”, canção de Stevie Wonder.
Pavilhão Cicillo Matarazzo - parque Ibirapuera - av. Pedro Álvares Cabral, s/nº, portão 3, Vila Mariana, região sul. Sáb. (27), às 18h

PREPARE-SE

GAL - O MUSICAL A peça acompanha a trajetória de Gal Costa, desde a sua infância, passando pela sua consagração como artista, até a adoção do filho. Também trata da relação da cantora com a mãe e amigos, como Gilberto Gil, Maria Bethânia, Tom Zé e Caetano Veloso. Músicas como “Brasil”, “Vapor Barato”, “Baby”, “Força Estranha” e “Balançê” fazem parte da narrativa.
033 Rooftop - av. Pres. Juscelino Kubitschek, 2.041, Itaim Bibi, região oeste. Estreia: 6/3/26. Até 10/5/26. Sex., às 20h30. Sáb., às 16h30 e às 20h30. Dom., às 15h30 e às 19h30. Ingr.: a partir de R\$ 50 em Sympla

NÔMADE FESTIVAL 2026 Terá shows do cantor de piseiro João Gomes, conhecido por músicas como “Aqueles Coisas” e “Meu Pedaco de Pecado”, e do sambista Jorge Aragão, de sucessos como “Eu e Você Sempre” e “Identidade”. Outras atrações incluem Gaby Amarantos, Urias, Marcelo D2, Carol Biazin, Jota.pê e Chico Chico.
Pq. Villa-Lobos - av. Prof. Fonseca Rodrigues, 2.001, Alto de Pinheiros, região oeste. 2 e 3/5/26. Ingr.: a partir de R\$ 150 (pista, inteira) em Shotgun

PET SHOP BOYS A dupla britânica formada por Neil Tennant e Chris Lowe faz o show “Dreamworld: The Greatest Hits Live”. Lançada em 2022, a turnê já esteve em São Paulo, em 2023, na programação do festival Primavera Sound. O repertório do projeto conta com hits como “It’s a Sin”, “Domino Dancing” e “Always on My Mind”.
Suhai Music Hall - av. das Nações Unidas, 22.540, Jurubatuba, região sul. 3/3/2026, às 21h. Portões abrem às 19h. Ing.: a partir de R\$ 520 (pista, inteira) em Livepass

ÚLTIMA CHANCE

PINACOTECA O museu oferece entrada gratuita para os usuários das linhas de metrô 4-amarela e 5-lilás. Basta localizar os painéis digitais instalados nas estações de ambas as linhas, escanear o QR Code e selecionar a data da visita. Permite a entrada nos três prédios, em todas as exposições em cartaz. Uma delas é “Trabalho de Carnaval”, que reúne mais de 200 obras de 70 artistas brasileiros e retrata tanto o trabalho coletivo quanto o espírito de festa promovidos no Carnaval.
Pça. da Luz, 2, Luz, região central. Até seg. (29), das 10h às 18h



Vanessa da Mata no Festival de Inverno do Rio 2025 Pablo Porciúncula/Divulgação



‘Limbo’, jogo de 2010, presente na exposição do Itaú Cultural Divulgação



Apresentação do Pet Shop Boys em show em São Paulo Adriano Vizoni/Folhapress

NOVIDADES DA SEMANA

CINEMA

Anaconda
Idem. EUA/Brasil/Peru, 2025. Dir.: Tom Gormican. Com: Paul Rudd, Jack Black e Selton Mello. 100 min. 14 anos
Impulsionados por uma crise de meia-idade, dois amigos de infância decidem refilmar seu filme predileto, “Anaconda”. A dupla embarca em uma aventura no coração da Amazônia. No entanto, o projeto toma um rumo inesperado e perigoso quando uma anaconda real surge no set.

Tainá e os Guardiões da Amazônia - Em busca da Flecha Azul
Brasil, 2025. Dir.: Alê Camargo e Jordan Nagem. 79 min. Livre
Nesta animação, Tainá torna-se a guardiã da Amazônia. Após a perda da valiosa flecha azul, ela inicia uma busca, acompanhada pelos amigos Catu, Pepe e Suri, para recuperá-la.

Valor Sentimental
Sentimental Value. Noruega/Alemanha/Dinamarca/França/Suécia/Reino Unido, 2025. Dir.: Joachim Trier. Com: Renate Reinsve, Stellan Skarsgard e Elle Fanning. 132 min. 14 anos

Um diretor carismático volta para a sua cidade para fazer um filme autobiográfico e chama sua filha, Nora, para o papel principal. Com traumas da relação com o pai, ela nega e é substituída por uma ambiciosa atriz hollywoodiana. Representante da Noruega no Oscar de filme internacional.

Vizinhos Bárbaros
Les Barbares. França, 2024. Dir.: Julie Delpy. Com: Julie Delpy, Sandrine Kiberlain e Laurent Lafitte. 101 min. 14 anos

Numa pequena cidade da Bretanha, uma professora e outros moradores aceitam receber refugiados ucranianos de guerra em troca de apoio financeiro do governo. Contudo, para a sua surpresa, os recém-chegados eram sírios.

EVENTOS

Cine Clubinho
Sessão infantil do CineSesc destaca nesta semana “Snoopy & Charlie Brown: Peanuts” (2015). A animação acompanha a chegada da bela garota de cabelos vermelhos às vésperas das férias, o que transforma a rotina de Charlie Brown e do resto da turma.
CineSesc – r. Augusta, 2.075, Cerqueira César, região oeste. Dom. (28), às 15h. Ingr.: R\$ 3 (credencial plena), em sescsp.org.br

Cine na Praça
Na praça de eventos do Sesc Itaquera, será exibido a animação “Flow” (2024), vencedor do Oscar da categoria na edição passada. Na trama, um gato solitário busca abrigo com outros animais após ver seu lar destruído por uma grande inundação.
Sesc Itaquera – av. Fernando do Espírito Santo Alves de Mattos, 1.000, Parque do Carmo, região leste. Sáb. (27), das 15h às 16h30. Grátis

Pratos autorais e latinos do Brisa do Baru conquistam até não iniciados

Restaurante, que fica no edifício Copan, é tocado pelo chef Dagoberto Torres

CRÍTICA | SP
Brisa do Baru

★★★★★
Av. Ipiranga, 200, loja 46, região central;
@brisadobaru

Priscila Pastre

Pequenino e discreto, o Brisa do Baru é quase um portal. Em um momento você está na agitação das ruas do centro da cidade. No seguinte, na tranquilidade de um ambiente acolhedor, prestes a dar bocadas tão surpreendentes quanto delicadas. Sem contar o charme de estar instalado no edifício Copan.

As criações servidas pela casa, que passam por receitas da América Latina com toques de outras regiões do mundo, sempre trazem alguma surpresa.

Caso do chora patacón (R\$ 38), em que o chicharrón (a pele de frango frita) recebe pedacinhos de atum sobre uma camada de creme azedo com raiz-forte. O peixe é marinado em pimenta gochujang, sweet chili, salsa ne-

gra e cebolinha. O resultado é um pouco de tudo: crocância, cremosidade, frescor, umami, dulçor, acidez, picância.

Já o lula adorei (R\$ 52) é uma opção mais robusta no menu. A lula é empanada e frita, acompanhada de batatonese. Pensar em uma salada de batata e ovo cozido corriqueira seria um engano. Na receita, a maionese leva leite de tigre e pasta de pimenta amarela, ganhando acidez e um ligeiro dulçor.

Só por estes pratos, fica claro que ir até lá para provar as criações do chef Dagoberto Torres, também à frente do Baru Marisqueria, instalado em uma galeria nos Jardins, é uma experiência ótima para iniciados ou para quem gosta de se aventurar.

Mas talvez não fosse uma boa indicação para paladares mais conservadores. Para tirar a dúvida, convidei meu pai em uma segunda visita ao endereço.

Além de ser adepto do bom e velho arroz com feijão, meu pai tem saído cada vez menos. E is-

so me deixou curiosa para saber também se ele se sentiria à vontade em um lugar que foge do conceito tradicional de restaurante.

Na casa, as únicas mesas são as da espera. Na hora de fazer a refeição, os clientes são acomodados em banquinhos em dois balcões. O maior, com 11 lugares, contorna o pequeno espaço de cozinha. O menor, com três, dá para a janela de onde se pode ver os corredores térreos do Copan. Foi onde nos sentamos. Gentil, o atendimento neutralizou qualquer estranhamento. E logo vi meu pai à vontade. Restava colocar os sabores à prova.

Assim que chegou a tostada de polvo (R\$ 49) meu pai perguntou: “Já começou o almoço?”. Ele havia estranhado a chegada de uma unidade para nós dois.

Ao menor toque dos talheres, a guacamole, o polvo braseado e o peixe branco poderiam desmoronar. Então pedi para ele dar a primeira mordida. Ele deu. Levou um pequeno susto ao sentir a base de milho se quebran-

As criações servidas ali, que passam por receitas da América Latina com toques de outras partes do mundo, sempre trazem alguma surpresa. Caso do chora patacón (R\$ 38), em que o chicharrón (pele de frango frita) recebe pedacinhos de atum sobre uma camada de creme azedo com raiz-forte

do. E mastigou devagar, com os olhos arregalados e brilhantes de quem se depara com algo muito gostoso pela primeira vez. Fazia tempo que eu não via meu pai tão encantado com alguma coisa.

O encantamento se repetiu até no prato que considerei o menos surpreendente: mexilhões (R\$ 33) recheados com arroz jasmim e guanciale (corte temperado e curado, que reúne a papada suína e a bochecha de porco). Chegam três unidades, o que novamente pode causar incômodo se a intenção for uma refeição para dividir.

O ya que brisa (R\$ 59) vem com macarrão tostado, chipotle e camarão. A dica é misturar tudo. Fica cremoso, envolto num molho picante, defumado e terroso. Para mim foi o auge da refeição. Para ele, forte demais.

Para finalizar, a sobremesa chamada de merengon (R\$ 32). Como se fosse uma torta de limão, mas desconstruída, sem a massa. Com pêssego flambado na cachaça, curd aveludado, merengue e grandes suspiros por cima.

Apesar das ressalvas quanto à praticidade, ir com meu pai me levou a simpatizar um pouco mais com o modelo de compartilhar pratos durante uma refeição. Só assim conseguimos provar várias receitas. No final, pedi para ele dizer o que tinha achado. “Alegre. Pode dizer que comer aqui é alegre.”

NOVO

CLUBE FOLHA GOURMET

2X1!

VOCÊ PEDE 2 PRATOS E PAGA APENAS 1 NOS MELHORES RESTAURANTES DA CIDADE

SÃO TANTOS BENEFÍCIOS QUE A SUA ASSINATURA PODE SAIR DE GRAÇA

ASSINE A FOLHA E APROVEITE AS OFERTAS EM DOBRO DO CLUBE FOLHA GOURMET.

OFERTA EXCLUSIVA PARA NOVOS ASSINANTES**
12X R\$ 9,90

JÁ É ASSINANTE FOLHA? ACESSE: [SITES.FOLHA.COM.BR/CLUBEFOLHAGOURMET/UPGRADE](https://sites.folha.com.br/clubefolhagourmet/upgrade) E FAÇA O UPGRADE DE SUA ASSINATURA.

PEÇA UMA PORÇÃO DE BOLINHO OU UM CHOPP E GANHE OUTRO

PEÇA UM PRATO E GANHE OUTRO

PEÇA UMA PIZZA E GANHE OUTRA

PEÇA UMA SOBREMESA E GANHE OUTRA

+100

GRANDES PARCEIROS PARA VOCÊ TER UMA EXPERIÊNCIA GASTRONÔMICA ÚNICA:

*PROMOÇÃO SUJEITA A ITENS DO CARDÁPIO SELECIONADOS PELO RESTAURANTE PARCEIRO

**EXCLUSIVO PARA ASSINANTES FOLHA PREMIUM

Um champanhe para chegar a 2026

Luxuoso, o vinho francês nasceu e virou categoria na região de mesmo nome

Isabelle Moreira Lima

folha.uol.com.br/colunas/isabelle-moreira-lima

As borbulhas devem ser finas e persistentes, correndo da base à borda enquanto houver líquido na taça. As notas podem variar, há fruta branca ou vermelha e, quem sabe, um toque floral. O que invariavelmente se destaca é o tostadinho perfeito de brioche amanteigado saído da chapa. Quando o líquido é sorvido, as papilas se ouriçam: primeiro uma musse cresce e preenche toda a boca; depois, ela seca, a acidez bate nos cantos da língua, saliva-se muito. O cérebro entende: é hora de mais um gole.

Se você já provou algum champanhe na vida, conhece a sensação. Foi na região francesa de mesmo nome que nasceram os vinhos borbulhantes e onde o estilo virou categoria (o que rendeu uma baita disputa jurídica e hoje só podemos chamar de champanhe o que é feito lá). Tornou-se símbolo de luxo e, por séculos, é o que os ricos elegem para relaxar e celebrar — pense em Maria Antonieta, nos czares russos, no “Grande Gatsby”, nos rappers.

Se champanhe sempre foi glamouroso e chique, agora dá para ficar ainda mais: com os vintage das grandes maisons, que os ricos amam; ou com os de pequeno produtor, que envolvem uma aura extra de personalidade, ao apostar em terroir, vinhedos próprios e ousadia na vinificação. São eles os retratados no hit de Natal da Netflix, “Borbulhas de Amor”. O filme é ruim, mas a bebida é boa — fiquemos com ela.

No Brasil, temos algumas importadoras que se dedicam às casas menores: a De La Croix, com Fleury, Billecart-Salmon e Larmandier-Bernier; a Uva Vinhos, com Barrat-Masson (de 2010, algo raríssimo); a Tanyno, com Huré Frères, Rodez, La Parcelle, Roger Coulon e Vilmart; e a Anima Vinum, com uma lista que inclui mais de dez maisons, entre eles Robert Moncuit, Thierry Massin, Doyard e Laherte Frère.

Provei os vinhos do último com Aurelien Laherte, que comanda viticultura e enologia. Quando assumiu os negócios da família, há 20 anos, entendeu que havia dois fatores fundamentais a serem dominados: o terroir, hoje com vinhedos em 11 sub-regiões, mas sem desprezar a vinificação. “Em Champanhe, o DNA é o blend. Um mais um é três”, diz, referindo-se ao que se pode alcançar no trabalho da adega.

Essencialmente, champanhe é um vinho de alquimia, algo que poderia ser demodê. Hoje, dez entre dez enólogos dizem que o bom vinho se faz no vinhedo: uma vinha bem cuidada dá uvas melhores e, logo, a bebida terá boa qualidade. Mas, na região, a receita desenha o perfil da bebida do começo ao fim. Por exemplo, o tempo que o líquido fica em contato com as leveduras define o nível de cremosidade, se mais fresco ou mais amanteigado.

Os vinhos de Laherte, por exemplo, resgatam uvas autóctones quase esquecidas, como arbanne e petit meslier. Algumas são plantadas no esquema de field blend (todas misturadas). Outros são os chamados single vineyard, num retrato mais fiel de terroir. Gostei da Champagne Laherte Frères Ultradition, um corte de meunier (60%), chardonnay (30%), pinot noir (10%), mas especialmente do Blanc de Blanc, um 100% chardonnay com perfil oxidativo e acidez que corta como faca, e do Rosé de Meunier, de cor viva, muita estrutura e personalidade.

Não que eu desdenhe das grandes maisons que fizeram a fama de champanhe nos quatro cantos do mundo. Se me encurralassem para um vídeo viral ao estilo “esse ou aquele”, fico completamente gaga. Entre uma Bollinger (maravilhosa, importada no Brasil pela Mistral) ou uma Louis Roederer (finíssima, trazida pela Épice), escolho as duas — e também as recomendo com entusiasmo para o estouro do dia 31.

Hoje, dez entre dez enólogos dizem que o bom vinho se faz no vinhedo. Na região de Champanhe, a receita desenha o perfil da bebida do começo ao fim



Ceia de Réveillon servida no Tivoli Mofarrej Elvis Fernandes/Divulgação

Bares, restaurantes e hotéis têm programação especial para o Ano-Novo em São Paulo

Casas oferecem festas, ceias e música ao vivo para diferentes públicos na virada do ano; os preços dos ingressos vão de R\$ 50 a R\$ 3.054

Francielle Souza e Gabriele Koga

SÃO PAULO A chegada de 2026 movimentará baladas, bares, restaurantes e hotéis da capital paulista, que preparam uma programação de Réveillon que inclui festas, ceias e música ao vivo para diferentes públicos.

Com jantares especiais, vistas privilegiadas da cidade e atrações que atravessam a madrugada, os eventos têm ingressos que variam de R\$ 50 a R\$ 3.054. Veja a seguir 14 opções para aproveitar a virada do ano em São Paulo.



BARES E RESTAURANTES

Bar Brahma

O espaço oferece menu com sistema all inclusive e quatro opções de pacotes (Varanda, Esquina da MPB, Salão e Lounge). O cardápio inclui tábua de queijos artesanais, petiscos e pratos principais, como bacalhau confitado e medalhão ao molho de ervas, além de sobremesas — entre elas, musse de chocolate belga. A escola de samba Nenê de Vila Matilde e Dom Paulinho Lima se apresentam.

Av. São João, 677, Centro. Qua. (31), a partir das 20h. A partir de R\$ 890. Reservas em [cartotalaceo.com/reveillonbarbrahma2026](https://www.cartotalaceo.com/reveillonbarbrahma2026)

Bar Salve Jorge

A casa terá música ao vivo para comemorar a chegada do novo ano. Seu cardápio de bebidas traz opções como cervejas (a partir de R\$ 16) e drinques, com e sem álcool (a partir de R\$ 32). Entre os comes, há variedade de porções para petiscar (a partir de R\$ 39), hambúrgueres (a partir de R\$ 44,80) e sanduíches (R\$ 39). R. Aspicuelta, 544, Vila Madalena, região oeste. Qua. (31), das 12h às 2h. R\$ 50. Reservas pelo tel. (11) 98835-9084

Blue Note

A casa oferece sua versão de Réveillon na Paulista com varanda e show próprio, com repertório que transita entre soul, disco, pop e MPB. O ingresso dá direito à ceia com entradas, antepastos e pratos quentes, como paella valenciana e pernil de cordeiro com gremolata de hortelã. Há ainda sobremesas — banoffee e mil-folhas de morangos e chocolate — e ilha de café da manhã, além de

drinques, cervejas, uísque e, claro, espumantes.

Av. Paulista, 2.073, Bela Vista, região central. Qua. (31), às 20h. A partir de R\$ 1.499 (área externa) em Eventim

Esther Rooftop

No topo do edifício Esther, a casa de cozinha francesa celebra a data com um menu especial. O cardápio reúne opções como croque-monsieur trufado, salmão cru marinado com lentilha, pirarucu grelhado com molho beurre blanc de ovas e cebolinha-francesa. Entre as sobremesas, há merengue de hibisco e brownie. Bebidas são cobradas à parte. R. Basílio da Gama, 29, sala 1.101, República, região central. Qua. (31), a partir das 20h. R\$ 950. Reservas pelo tel. (11) 3256-1009

FESTAS

Agrada Gregos

A festa do bloco de Carnaval LGBTQIA+ toca pop e funk com DJs como Luh Melo, Dan Rodrigues e Ândria. A pista, com ingresso mais barato, não tem open bar.

[Continua na pág. B13](#)



Festa ¡Súbete!, que terá edição de Ano-Novo chamada PERReveillón Pedro Ivo/Divulgação

Continuação da pág. B12
mas o mezanino e os camarotes contam com comida e bebida à vontade, como tequila, uísque e sucos. Na ceia, aparecem massas (ravióli e nhoque) e sobremesas.
Audio - av. Francisco Matarazzo, 694, Água Branca, região oeste. Qua. (31), das 21h às 6h. Ingr.: a partir de R\$ 80 (pista) em Shotgun

Martinelli
A programação no edifício histórico tem sets de Thays, Lis Ventura e Kenya20Hz. Dá para pedir drinks como moscow mule e fitzgerald (de R\$ 43 a R\$ 49). Para comer, há pizzas individuais (R\$ 39).
R. São Bento, 405, Centro Histórico. Qua. (31), das 20h às 8h. Ingr.: R\$ 550 em Sympla

PERReveillón
A festa ¡Súbete!, de ritmos latinos, conta com open-bar de bebidas alcoólicas e não alcoólicas. O ingresso dá acesso a ceia com bolo de carne assado, arroz grego e bolo de corte. Na programação, os DJs tocam reggaeton e trap.
Paraíso Morumbi - r. Viriato Correia, 111, Fazenda Morumbi, região oeste. Qua. (31), das 22h às 10h. Ingr.: R\$ 350 em subete.byinti.com

Tokyo
Perto da praça da República, a casa prepara uma festa com 12 horas de duração. No lineup, estão nomes como Rafael Andres, Carlos Nunez e Thiago Silva.
R. Major Sertório, 110, Vila Buarque, região central. Qua. (31), das 20h às 8h. Ingr.: R\$ 340 em Sympla

HOTÉIS
Emiliano
O restaurante do hotel oferece

menu-degustação com ceviche de robalo e lombo suíno com lentilhas, além de rabanadas e pavlova com uvas-verdes de sobremesa. O valor inclui uma taça de champanhe Dom Pérignon para brindar a virada do ano.
R. Oscar Freire, 384, Jardim Paulista, região oeste. Qua. (31), a partir das 19h. R\$ 1.300. Reservas pelo email hostess@sp.emiliano.com.br ou WhatsApp (11) 98925-3196

Hilton São Paulo Morumbi
O pacote engloba festa com música ao vivo, ceia e hospedagem para quem não quiser se preocupar com o fim da festa. A ceia traz pratos como bife Wellington e lagosta ao molho de espumante. No open-bar, há gim, caipirinhas, uísque e bebidas não alcoólicas.
Av. das Nações Unidas, 12.901, Cidade Monções, região oeste. Qua. (31), das 20h30 às 3h. A partir de R\$ 3.054. Reservas pelo tel. (11) 2845-0100 ou pelo site hiltonspmorumbi.com.br

JW Marriott
A ceia conta com estações de frios, crusos, ostras, seleção de queijos brasileiros e pães. Entre os pratos principais, estão ravióli de abóbora com camarões e risoto com lagosta assada e limão-siciliano. O valor do ingresso contempla bebidas não alcoólicas, além de champanhe e vinhos.
Av. das Nações Unidas, 14.401, Chácara Santo Antônio, região sul. Qua. (31), a partir das 20h. R\$ 1.550. Reservas pelo email festas.jwmarriottsp@jwmarriott.com ou pelo tel. (11) 2526- 0105

Renaissance
No hotel vizinho da Paulista, o jantar oferece entradas, antepastos, peixes, frutos do mar, pratos quentes e sobremesas. Entre os

destaques estão o bacalhau gratinado, a caldeirada vegana de banana-da-terra e o carrê de cordeiro. Bebidas não alcoólicas, cerveja, champanhe, gim, caipirinha e uísque estão inclusos.
Al. Santos, 2.233, Jardim Paulista, região central. Qua. (31), a partir das 20h. R\$ 1.920. Reservas pelo tel. (11) 3069-2233 ou email terraco.jardins@marriott.com

Rosewood
No restaurante Taraz, o jantar, ao preço de R\$ 2.000 por pessoa, aposta em combinações com ostras frescas, água de maçã, e ovas de truta. O vizinho Le Jardin oferece menu em três etapas, com opções vegetarianas (R\$ 2.300), enquanto o Blaise apresenta degustação em seis tempos, incluindo versões vegetarianas e veganas (R\$ 2.500).
R. Itapeva, 435, Bela Vista, região central. Qua. (31), a partir das 19h (Blaise) e das 20h (Taraz e Le Jardin). Reservas pelo email saopaulo.restaurants@rosewoodhotels.com

Tivoli Mofarrej
O hotel oferece duas celebrações de Réveillon. No rooftop do Seen, dá para aproveitar a festa com ceia (R\$ 3.200) ou sem (R\$ 1.900). O menu conta com omakassê, vieiras e tagliatelle com lagosta e trufa, além de open-bar. Na festa, música ao vivo. Já no Must Restaurant (R\$ 2.700), a programação traz menu-degustação que inclui robalo com tucupi e bife ancho. O espaço oferece open-bar e música ao vivo.
Al. Santos, 1.437, Cerqueira César, região oeste. Qua. (31), a partir das 20h. A partir de R\$ 1.900. Reservas para o Seen São Paulo em seensp.com e para o Must Restaurant pelo tel. (11) 3146-5922 ou mustbar.tsppm@tivilihotels.com

CAFÉ NA PRENSA

Atila Torradores foi criada por torneiro mecânico

Crescimento da empresa foi puxado por alta do movimento de cafés especiais

David Lucena
folha.com/cafe-na-prensa

Eram meados da década de 1990 quando o então torneiro mecânico Tomaz Emerick decidiu, por curiosidade, começar a construir pequenos torradores de café para ajudar agricultores da região de Manhuaçu, município da Zona da Mata mineira conhecido pela cafeicultura. Hoje, aos 77 anos, Tomaz vê seus filhos e netos à frente da empresa que produz cerca de cem torradores por ano e exporta para países da Europa, América do Norte e Ásia. Os primeiros equipamentos foram feitos com base no conhecimento que Tomaz trazia da siderurgia. Foram muitas tentativas —e erros— para desenvolver e aperfeiçoar o modelo de torrador ideal. O início da aventura de Tomaz coincidiu com o surgimento do movimento de cafés especiais no Brasil. Com isso, os agricultores começaram a ter interesse na qualidade dos grãos. Ao mesmo tempo, começavam a surgir torrefações em todo o país. Em meio a tudo isso, surgiu a Atila, empresa criada por Tomaz e sua mulher, Marlene. Mas, se, por um lado, o crescimento do movimento dos cafés impulsionava as vendas de torradores, por outro, o casal precisava enfrentar desafios macroeconômicos, como inflação e mudança de moeda —conjuntura que trazia incerteza para pequenos empreendedores.

Às vezes não conseguiam honrar sequer despesas básicas dos negócios. Mas insistiam. Colocavam torradores no carro e saíam vendendo pela região. Certa vez, foram parados na estrada em uma blitz e acabaram vendendo um torrador para o policial, que cultivava café na região. A segunda geração decidiu entrar nos negócios devido a uma circunstância inesperada. Mateus, filho do casal, estava em Belo Horizonte cursando engenharia mecânica na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Mas uma greve fez o jovem repensar seus planos.

“Quando a universidade entrou em greve, ele falou ‘pai, eu não vou voltar pra UFMG. Vou aprender com o senhor’”, relembra Marlene. Mateus trouxe modernização ao negócio, introduziu o uso de computadores para desenho e projeto das peças e digitalizou processos que antes eram manuais. Hoje, a empresa organiza o prêmio Torrefação do Ano, considerado o maior campeonato de torra do mundo. Agora, com mais de três décadas, a empresa vê a chegada da terceira geração. Johann, neto de Tomaz e Marlene, esteve à frente da organização técnica da premiação em 2025, realizado em novembro, durante a Semana Internacional do Café, em Belo Horizonte. O casal faz questão de prestigiar o evento, e ver a família envolvida nos negócios que fundaram e, após muita persistência, transformaram na empresa que vende equipamentos para EUA, França, Noruega e Emirados Árabes Unidos. Marlene resume a história de mais de 30 anos assim: “Fazendo um torrador, vendendo, comprando material para fazer outro, e assim ia. Passamos por muita dificuldade. Mas não desanimamos, né? O importante foi isso”.

3 TENDÊNCIAS PARA 2026

- 1** Mais restaurantes e hotéis com café de qualidade
- 2** Matcha e bebidas geladas continuam em alta
- 3** Coffee parties perdem terreno após o boom de 2025

ANDANÇAS NA METRÓPOLE

Endividado, Jockey Club sofre com bets

Prédios do hipódromo compõem um impressionante conjunto art déco

Vicente Vilardaga
folha.com/blogs/andancas-na-metropole

O Jockey Club era uma referência da elite paulistana. Hoje é um lugar esvaziado, com dívidas de impostos municipais e alvo de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) aberta para investigar irregularidades fiscais e imobiliárias.

O Jockey foi fundado em 1875 com o nome de Clube de Corridas Paulistano, cuja sede era o Hipódromo da Mooca. Em 1941, mudou-se para a Cidade Jardim. Seus dois prédios principais, tombados pelo Conpresp e pelo Condephaat, compõem um impressionante conjunto art déco, projetados pelo arquiteto Elisário Bahiana. Em 1950, passaram por uma remodelação com projeto do francês Henri Sajous.

O turfe se apresentava como umas das únicas formas legais e acessíveis de aposta, mas agora concorre com as bets. O movimento de pessoas e cavalos diminuiu muito nos últimos 20 anos. Atualmente, há, por semana, uma única reunião ou programa (série de páreos), aos sábados.

Décadas atrás, eram três por semana e já chegou a ser cinco até os anos 1990. Nessa época, a Vila Hípica da Cidade Jardim alojava 1.500 cavalos. Hoje são 300, segundo o jornalista Cyro Fiuza, que lançou o livro “Jockey Club de São Paulo: uma História no Tempo”.

“A decadência está relacionada à falta de marketing e de atrativos ‘extraturfe’”, diz Fiuza. “Antes havia atividades e artistas eram levados para as corridas.”

Cada programa de sábado ou domingo chegava a reunir 5.000 pessoas. No Grande Prêmio São Paulo, realizado em maio, compareciam de 15 mil a 20 mil pessoas. Atualmente, cerca de 500 espectadores e apostadores assistem à corrida semanal, muitos atraídos pelos dois restaurantes e um bar no local.

Além disso, um Grande Prêmio chegava a movimentar R\$ 2,5 milhões. Hoje, as corridas de sábado rendem R\$ 300 mil. Outro termômetro do momento é a perda de sócios. Segundo Fiuza, são 300 sócios pagantes —já foram 2.000. A mensalidade é de R\$ 540.

Há anos, o hipódromo paulistano também tem sido alvo de ações de cobrança de cerca de R\$ 800 milhões em impostos municipais, IPTU e ISS. A prefeitura tem planos de desapropriar parte do imóvel para instalar um parque público e abater a dívida. O Jockey resiste e, em setembro, entrou com um pedido de recuperação judicial, aceito em primeira instância —mas o Tribunal de Justiça suspendeu a decisão.

O Jockey informou que reconhece a dívida tributária, não o valor. Segundo o clube, o devido gira em torno de R\$ 300 milhões, mais ou menos o que a prefeitura precisa pagar para ressarcir-lo pela desapropriação, em 2014, da Chácara do Ferreira, sua antiga propriedade na av. Francisco Morato que virou um parque.

Já a CPI foi aberta em novembro, após denúncias de desvio de recursos obtidos com a Lei Rouanet e com a venda de TDCs (Transferência do Direito de Construir). Com os TDCs, bens tombados ganham créditos em metros quadrados, que podem ser vendidos para construtoras erguerem prédios em outros lugares. O dinheiro obtido nos dois casos teria como destino a preservação do patrimônio histórico.

O clube nega e diz que a verba do TDC é indenizatória e pode ser usada de várias maneiras. Segundo um porta-voz, apenas uma fatia de R\$ 11 milhões estaria comprometida na preservação. Quanto ao dinheiro da Lei Rouanet, afirma que está sendo integralmente aplicado em restauro, com exceção de 15% destinados para gastos administrativos.

SEX. Andanças na Metrópole/ Mise-en-Scène

Réveillon na Paulista terá shows de João Gomes e Ana Castela; veja horários e como chegar

Evento deve ter 15 minutos de queima de fogos silenciosos; caixas de isopor, capacetes e bastões de selfie estão entre os itens proibidos

Bárbara Giovani e Gabriele Koga

SÃO PAULO A virada de Ano-Novo na avenida Paulista terá queima de fogos silenciosos por 15 minutos e shows para gostos variados.

Depois de um trio de atrações religiosas, incluindo padre Marcelo Rossi, a programação traz João Gomes, às 18h. O momento da virada, com contagem regressiva, será comandado pela sertaneja Simone Mendes. Antes, Belo, Maiara e Maraisa e Ana Castela também animam o palco. O fim da festa será ao som de Latino.

Neste ano, o palco ficará entre as ruas Bela Cintra e Haddock Lobo, com 17 m de comprimento por 20 m de largura, com painel de LED ao fundo. Além disso, oito telões serão distribuídos ao longo da avenida. O acesso do público será feito pelas ruas perpendiculares à avenida, com revista obrigatória.

O evento contará com brigadistas circulando por todo o percurso. Postos médicos, pontos de hidratação e banheiros químicos também serão distribuídos ao longo da avenida. Veja, a seguir, as principais informações.

*

Horário dos shows

14h Colo de Deus
14h30 Frei Gilson
16h Padre Marcelo Rossi
18h João Gomes
19h20 Belo
20h40 Maiara e Maraisa
22h Ana Castela
23h20 Simone Mendes
1h40 Latino

Transporte público

No metrô, a estação Consolação (linha 2-verde) fecha às 10h de quarta (31) e volta a funcionar às 4h40 de quinta (1º). A orientação é usar as estações Paraíso, Brigadeiro e Trianon-Masp (linha 2-verde), que ficam abertas durante toda a madrugada. Paulista-Pernambucanas e Higienópolis Mackenzie estarão abertas 24 horas.

Outras estações nas linhas 1-azul, 2-verde, 3-vermelha e 15-prata ficarão abertas até as 2h do dia 1º. Linhas 4-amarela, 5-lilás, 8-diamante e 9-esmeralda, até 0h. Depois, funcionarão apenas para desembarque e transferência. A reabertura acontece às 4h40.

A compra das passagens pode ser feita nas estações Paraíso, Brigadeiro e Trianon-Masp durante toda a madrugada. Nas demais estações, a venda acontece no horário regular (das 4h40 às 0h).

Nos trens da CPTM (linhas 7-rubi, 10-turquesa, 11-coral, 12-safira e 13-jade), a circulação será ininterrupta entre os dias 31 e 1º com todas as transferências abertas. Na quinta (1º), a programação de



Simone Mendes e Ana Castela se apresentarão separadamente no Réveillon na Paulista

Globo/Reprodução

trens e os intervalos serão como os praticados aos domingos.

Quem for de ônibus deve atentar para as rotas afetadas pelo bloqueio de ruas, que podem ser consultadas no site da SPTrans. No dia 1º, a tarifa será gratuita.

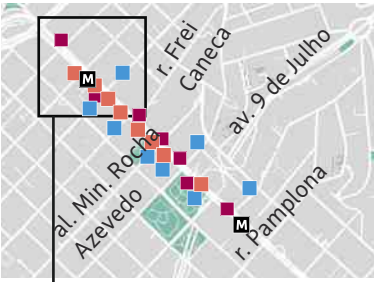
Trechos interditados

O túnel José Roberto F. Mellen e o trecho da avenida Paulista entre as ruas Bela Cintra e Haddock Lobo estão com bloqueio parcial nos dois sentidos para montagem e desmontagem do palco até o dia 6 de janeiro, das 22h às 5h.

Entre sábado (27) e terça (30), o túnel ficará bloqueado. A alternativa sugerida pela CET segue pelas vias do entorno: rua Augusta, rua Antônio Carlos, rua da Consolação, al. Santos, viaduto Okuhaba Koei e av. Dr. Arnaldo.

Saiba se localizar no Réveillon na Paulista

■ Pontos médicos
■ Acessos e revista
■ Telão
■ Metrô



Fonte: Prefeitura de São Paulo

Na terça, a partir das 20h, haverá o bloqueio total da Paulista entre as ruas Teixeira da Silva e Consolação. A liberação acontece a partir das 8h da quinta (1º).

As rotas alternativas são: rua São Carlos do Pinhal, rua Antônio Carlos, al. Santos, rua Treze de Maio, rua Dr. Rafael de Barros, rua Tutoia, rua Cubatão, rua Abílio Soares e av. Bernardino de Campos.

O que levar

Documentos, garrafas de água, alimentos, capa de chuva e medicações de uso contínuo.

Objetos proibidos

Não será permitida a entrada na área de shows com: objetos cortantes, pontiagudos ou de vidro; capacetes; caixas de som; sprays em geral; skates, patinetes e similares; coolers e caixas de isopor; fogos de artifício, explosivos e inflamáveis; armas de fogo ou armas brancas e bastões de selfie.

Comida e bebida

Comerciantes credenciados pela prefeitura farão a venda de comidas e bebidas. Os pontos de comércio ficarão nas laterais e no centro da área destinada ao público.

Área PCD

Fica em frente ao palco, ao lado da área VIP, e comporta até 400 pessoas. Para acessar, é preciso apresentar um documento que comprove a deficiência e identificação com foto. O espaço está sujeito a lotação.

Transmissão do show

Os shows de Colo de Deus, Frei Gilson e padre Marcelo Rossi serão transmitidos pela Rede Vida, com retransmissão pela Canção Nova. A partir de 0h05, o evento passa para a Globo São Paulo —que exibe flashes de apresentações antes desse horário.



Fotografia 'O Homem Invisível', feita no Harlem, em Nova York Gordon Parks/ Fundação Gordon Parks

São Paulo tem museus abertos com exposições de fotografia, arte e futebol no fim de ano

Programação inclui mostras sobre Carl Jung, Miguel Nicolelis e Gordon Parks; espaços fecham as portas só no Natal e no Réveillon

Isabela Bernardes

SÃO PAULO Durante o recesso de fim de ano, São Paulo mantém uma ampla programação de exposições para quem permanece na cidade. Alguns museus e centros culturais fecham somente nos feriados de Natal e Réveillon, mas continuam funcionando normalmente nos outros dias, com mostras que vão de arte contemporânea e fotografia a ciência, história e cultura popular. A seguir, veja sete opções de exposições para visitar antes do fim do ano, ou no início do próximo.

*

A Alma Humana, Você e o Universo de Jung

Transforma conceitos do psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) em experiências de reflexão. Exibe instalações formadas por cartelas de medicamentos pendentes e espelhos circulares com o objetivo de fazer um convite ao autoconhecimento. MIS (Museu da Imagem e do Som) - av. Europa, 158, Jardim Europa, região oeste. Ter. a sex., das 10h às 19h. Sáb., das 10h às 20h. Dom., das 10h às 18h. Fechado nos dias 24, 25, 31/12 e 1º/1. Até 18/1. Ingr.: R\$ 30 (inteira)

¡Cancha Brava! Futebol Sudamericano en Disputa

Apresenta o futebol sul-americano como expressão cultural, política e social por meio da história dos países da Conmebol. A mostra é bilíngue (português e espanhol)

nhol) e tem instalações audiovisuais, fotografias e experiências interativas. Destaques incluem uma arquibancada sonora com cantos de 25 times.

Museu do Futebol - pça. Charles Miller, s/nº, Pacaembu, região oeste. Ter. a dom., das 9h às 18h. Fechado nos dias 24, 25, 31/12 e 1º/1. Até 5/4. Ingr.: R\$ 24 (inteira)

Gordon Parks: A América Sou Eu

Com cerca de 200 imagens, filmes e publicações, a retrospectiva retrata a trajetória do fotógrafo que registrou a vida da população negra nos Estados Unidos entre as décadas de 1940 e 1970.

IMS - av. Paulista, 2.424, Bela Vista, região central. Ter. a dom., das 10h às 20h. Fechado nos dias 24, 25, 31/12 e 1º/1. Até 1º/3. Grátis

Migrar – Histórias Compartilhadas Sobre Nós

A nova exposição de longa duração do museu na região leste aborda diferentes aspectos da migração. Entre as obras, aparecem pinturas, cordéis e vídeos. Um dos destaques é a instalação das camas da antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás, que agora permite que os visitantes deitem e ouçam relatos dos migrantes.

Museu da Imigração - r. Visconde de Parnaíba, 1.316, Mooca, região leste. Ter. a sáb., das 9h às 18h. Dom., das 10h às 18h. Fechado nos dias 24, 25, 31/12 e 1º/1. Ingr.: R\$ 16 (inteira)

O que Nos Une

Inspirada nas teorias do neurocientista Miguel Nicolelis, a mostra reúne instalações interativas.

Entre elas, estão projeções que simulam a dinâmica neural e uma sala que transforma movimentos dos visitantes em imagens. Exibe ainda o exoesqueleto usado na abertura da Copa de 2014, desenvolvido pelo grupo do cientista.

Galeria de Arte do Centro Cultural Fiesp - av. Paulista, 1.313, Bela Vista, região central. Ter. a dom., das 10h às 20h. Fechado nos dias 24, 25, 31/12 e 1º/1. Até 1º/2. Grátis

Pintar o Brasil

Apresenta obras de José Antônio da Silva (1909-1996), além de pinturas e desenhos do acervo do museu. Organizadas por temas como vida caipira, cenas religiosas, paisagens, naturezas-mortas e autorretratos, elas registram o processo de modernização brasileiro no século 20. Em um núcleo dedicado aos trabalhos sobre papel do artista, está seu primeiro livro, “Romance da Minha Vida”.

MAC USP - av. Pedro Álvares Cabral, 1.301, Ibirapuera, região sul. Ter. a dom., das 10h às 21h. Fechado nos dias 24, 25, 31/12 e 1º/1. Até 15/3. Grátis

Trabalho de Carnaval

Reúne mais de 200 obras de 70 artistas de todo o Brasil, que retratam o Carnaval como festa e cadeia produtiva marcada por trabalho coletivo. Inclui quadros, instalações, figurinos e adereços. Pina Contemporânea (Grande Galeria) - av. Tiradentes, 273, Luz, região central. Qua. a seg., das 10h às 18h. Fechado nos dias 24, 25, 31/12 e 1º/1. Até 12/4. Ingr.: R\$ 30 (inteira). Grátis aos sábados

COZINHA BRUTA

Churrasco de fim de ano e o fim de um bairro de SP

Em Perdizes, pequenos comerciantes fazem festinha e assam carne na rua

Marcos Nogueira

folha.com/cozinhabruta e folha.com/receitasdomarcao

Em 2025, depois de mais de uma década, voltei a participar de uma confraternização de fim de ano. Uma, não: duas confraternizações.

A primeira foi com o pessoal aqui da **Folha**. Festinha da firma absolutamente normal, no boteco, com colegas de trabalho movidos a álcool e falando de trabalho. A outra foi um churrasco. Um churrasco nada normal.

Os comerciantes da rua de baixo resolveram assar umas carnes na calçada, em uma churrasqueira portátil. Até aí, coisa que qualquer oficina mecânica faz no fim do expediente.

Insólito foi o motivo da “confra”. Não era só o fim do ano que estava a se celebrar.

Foi um rito de despedida de muitas coisas: o fim de uma comunidade que se formou ao redor daqueles estabelecimentos, o fim da rua como nós a conhecemos, o fim de uma era para o meu bairro e, de certa forma, para a minha vida.

A chegada do metrô e as mudanças na lei de zoneamento trouxeram mudanças drásticas para muitas regiões de São Paulo —incluindo a área em que eu moro, Perdizes. A voracidade das incorporadoras tem posto abaixo quadras inteiras para erguer torres residenciais. O comércio e os serviços tradicionais do bairro estão indo pras cucuias.

Na quadra em questão, falamos de um ecossistema que abarcava uma loja de ferragens, uma papelaria, um relojoeiro, uma florista, dois cafés, uma casa de esfiha, uma lojinha de cacarecos baratos, uma barbearia e uma padaria artesanal, entre outros.

O barbeiro Ricardo e os padeiros Virgínia e Thiago dividem o mesmo imóvel. Eles colocaram mesinhas na calçada, e o ponto começou a atrair um pessoal do bairro que fica lá conversando longamente. Tipo “A Praça É Nossa” da vida real, na São Paulo de 2025.

A última reunião desses personagens, vizinhos que se tornaram amigos, foi o churrasco da sexta passada. Ricardo, Virgínia, Thiago, o Houssein das esfihas, o seu Lauro das ferragens e vários outros locatários foram despejados para a ampliação de um supermercado —que parece querer engolir a quadra inteira.

No que me diz respeito, estou desolado com o assassinato de uma improvável vida social que não dependia de aplicativos para acontecer.

Mas, enfim, bola pra frente. É verão, está um calor dos infernos, então a receita da semana é um drinque refrescante. Até o ano que vem.



Margarita de melancia

Dificuldade: fácil

Rendimento: 1 copo

Tempo de preparo: 5 minutos

Ingredientes

- ½ limão
- Sal
- Gelo
- 60 ml de tequila
- Suco de melancia

Modo de fazer

- Esprema o limão. Reserve o suco e o limão espremido;
- Coloque sal num pires. Passe o limão espremido na beirada de um copo baixo. Coloque a borda do copo sobre o sal para formar uma crosta branca;
- Coloque o suco de limão e o gelo no copo. Encha de gelo e complete com o suco de melancia. Misture delicadamente e sirva

comida

Chocolate yanomami homenageia Sebastião Salgado em tiragem especial

Produto é feito com matéria-prima vinda de comunidades situadas na divisa do Brasil com a Venezuela, região que dá origem a uma das variedades mais nobres de cacau

Leão Serva

SÃO PAULO Um ouro, alternativo ao do garimpo, está saindo da Terra Indígena Yanomami: chocolate feito com cacau nativo da região. Criado há seis anos, pouco antes da pandemia, ele ganha agora uma edição especial em homenagem ao fotógrafo Sebastião Salgado (1944-2025), que trabalhou intensamente na área.

Produzido com cacau colhido em comunidades ye'kwana e yanomami (povos que compartilham a mesma terra entre Roraima e Amazonas, no extremo norte do país), o produto foi lançado em São Paulo em meados de dezembro. As caixas, que custam de R\$ 350 a R\$ 1.000, incluem reproduções de fotografias de Salgado na Terra Indígena Yanomami.

A metáfora do ouro da selva não é casual: uma tonelada de cacau de qualidade custa no mercado internacional seis vezes mais do que igual quantidade de soja, com a vantagem de não provocar desmatamento —ao contrário, mantém a floresta de pé.

Além disso, o cacau da região da fronteira entre Brasil e Venezuela é considerado o mais nobre entre diversas variedades. Isso aumenta o interesse pelo chocolate das terras às margens do rio Uraricoera, onde Mário de Andrade (1893-1945) fez nascer o personagem de “Macunaíma”.

Quando os espanhóis chegaram ao que hoje é o México, encontraram ali uma iguaria consumida pelos reis e considerada uma bebida dos deuses, o “xocolatl” (ou suco amargo na língua asteca). A sílaba final, que travava a língua dos europeus, era comum nas línguas da América Central: ela aparecia em “auacatl”, o nosso abacate; ou em “tomatl” (o tomate) e no nome do idioma regional, nahuatl (náuatle).

Os espanhóis logo superaram a pronúncia difícil, invertendo a sílaba final, que virou “late”, e se jogaram na bebida feita das sementes de cacau batidas em pilão e misturadas com água fresca.

O cacau contém um alcaloide (substância excitante) chamado teobromina, que produz efeito tonificante como a cafeína do café e do chá. Os europeus enlouqueceram com chocolate, especialmente depois que empreendedores passaram a misturar o suco com manteiga de cacau e açúcar, criando um produto sólido e transportável, no século 19.

O que os europeus não sabiam é que o cacau não era nativo da América Central, mas tinha sido importado da Amazônia. Os centros originais de irradiação da planta incluem áreas dos Andes e das montanhas que fazem a fronteira entre a Venezuela e o Brasil (uma região que mapas do século 17 denominam país dos cacauais).

A proximidade dessa divisa foi



Edição de chocolate yanomami com reprodução de Sebastião Salgado Diogo Yanata/Divulgação



Chocolates da coleção especial da Mágio Diogo Yanata/Divulgação

o que fez o chef Alex Atala, do D.O.M., numa visita à casa do líder Davi Kopenawa Yanomami, perguntar sobre a presença de cacau nativo: “Aqui perto está o melhor cacau do mundo, deve haver uma variedade local”. E logo teve a resposta positiva do líder Júlio Ye'kwana. Alex questionou: “Por que vocês nunca falam disso?”. “Porque vocês nunca perguntaram”, respondeu Júlio.

Júlio mostrou o cacau a Alex, que chamou Roberto Smeraldi (da ONG Amigos da Terra), estudioso do ingrediente, que ficou fascinado. “Ali estão quatro variedades muito puras. Seu formato é menor e o sabor é único.”

Certo de que aquela matéria-prima daria um chocolate especial, Smeraldi contatou Cesar de Mendes, fundador em Belém, no Pará, de uma pequena produtora de chocolates amazônicos de diferentes origens, vencedora de vários prêmios internacionais.

A convite das organizações indígenas ye'kwana e yanomami, parceiras do Instituto Socioambiental, Mendes conduziu, em julho de 2018, um treinamento de dez dias para representantes de diversas comunidades sobre como lidar com o cacau: colheita dos frutos, extração e fermentação das sementes, secagem, produção da pasta de cacau até chegar à barra de chocolate. O workshop foi realizado na comunidade de Wai-kás, na beira do rio Uraricoera, um dos lugares da mais ameaçados pelo garimpo ilegal.

Em 2019, a empresa de Belém lançou a linha Chocolate Yanomami (tem também uma Suruí-Paiter, de Rondônia, e se prepara para lançar uma com matéria-prima dos ashaninka, do Acre).

Em seguida veio a pandemia, a empresa De Mendes recebeu um aporte de investidores e, agora sob o nome Mágio Chocolates, está retomando a divulgação dos chocolates amazônicos.

No evento de lançamento, Júlio Ye'kwana contou que seu avô dizia que “o cacau veio para salvar a floresta”, e explicou que os chocolates criam uma alternativa de renda para os jovens indígenas que sonham com o consumo de produtos industrializados e às vezes são atraídos pelos criminosos que invadem a região para explorar o garimpo.

O cacau está profundamente arraigado na cultura dos povos locais. Em seu livro “A Queda do Céu” (ed. Companhia das Letras, 768 págs.), o xamã Davi Kopenawa conta que no início dos tempos o céu caiu sobre a terra, mas só não destruiu tudo porque uma árvore de cacau o segurou, permitindo que os sobreviventes repovoassem o planeta.

Segundo Claudia Meirelles Davis, diretora da Mágio, sete comunidades indígenas estão engajadas na produção de cacau. O fruto da região resulta em um chocolate com sabor mais acentuado de castanhas e nozes, enquanto o de outras áreas amazônicas é mais frutado. Nota curiosa: em vez da Língua de Gato, a Mágio chama suas barras feitas com cacau amazônico de Língua de Onça.

Mágio Chocolates

R. Min. Jesuíno Cardoso, 105, Vila Nova Conceição, São Paulo. magiochocolates.com.br